UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
MESTRADO EM LETRAS
CAMPUS PORTO VELHO

CLEONETE MARTINS DE AGUIAR

AS IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UM CONTEXTO MIGRATÓRIO DOS HATIANOS EM PORTO VELHO-RO

PORTO VELHO – RO

2015

CLEONETE MARTINS DE AGUIAR

AS IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UM CONTEXTO MIGRATÓRIO DOS HATIANOS EM PORTO VELHO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIRPorto Velho, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de pesquisa Estudos de diversidade cultural.

Orientadora: Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

PORTO VELHO – RO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA CENTRAL PROF.º ROBERTO DUARTE PIRES

A282i

Aguiar, Cleonete Martins de.
As Implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório dos haitianos em Porto Velho - RO. Cleonete Martins de Aguiar. Porto Velho, 2015.
121f.: il.

Orientadora: Profª. Drª. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Velho, 2015.

1. Imigrante Haitiano. 2. Língua-Cultura. 3. Relações de Trabalho. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 81’28(811.1)

Bibliotecária responsável: Eliane G. G. Barros – CRB-11/549

CLEONETE MARTINS DE AGUIAR

AS IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UM CONTEXTO MIGRATÓRIO DOS HATIANOS EM PORTO VELHO.

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de pesquisa Estudos de diversidade cultural. **Orientadora: Professora Dr.ª Marília Lima Pimentel Cotinguiba**

BANCA EXAMINADORA:

Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Presidente e Orientadora:

Prof. Dr.ª Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Joseph Handerson

Membro Titular:

Prof. Dr. Joseph Handerson

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Membro Titular:

Prof. Dr.ª Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Élcio Q. Fragoso

Membro Suplente

Prof. Dr. Élcio Fragoso

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Porto Velho, 13 de novembro de 2015.

Dedico esta dissertação,

A minha mãe, Maria das Dores Martins de Aguiar.

Ao meu pai, José Oliveira Aguiar (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça deste mestrado e por me dar forças e sabedoria, durante o percurso e para conclusão.

À minha mãe, Maria das Dores, pelo carinho, torcida, apoio financeiro e por ser um exemplo de luta, coragem e vitórias na jornada da vida.

Ao meu marido, Marcelo, por me acompanhar em todos os momentos da pesquisa, me apoiando e me encorajando, com suas atitudes e palavras repletas de amor.

A minha filha, Sofia, pela compreensão e pelo imenso amor e carinho que sempre demonstrou, dando-me forças para prosseguir, mesmo na ausência.

A minha sogra, Odaisa Fernandes, pelo companheirismo e por cuidar tão carinhosamente de mim e de minha família, tornando esse percurso mais suave.

Imensamente, à minha querida amiga e orientadora professora Dr.ª Marília Lima Pimentel Cotinguiba, por sua disponibilidade, dedicação e generosidade em guiar meus passos nas tortuosidades deste caminho.

Aos professores Drs. Joseph Handerson e Élcio Fragoso pelas leituras e contribuições durante o exame de qualificação.

Especial, à professora Dr.ª Nair Ferreira Gurgel do Amaral pela leitura cuidadosa e pontual, no exame de qualificação, fundamental para a estruturação deste trabalho.

Aos professores(as) Élcio Fragoso,Lusinilda Carla Martins, Socorro Dias e Odete, por guiarem meus primeiros passos nesse desafio acadêmico.

Aos professores Sônia Sampaio e Miguel Neneve, por me apresentarem aos estudos pós-colonialistas, com os quais tanto me identifiquei.

À amiga Noêmia Chaves, pela cumplicidade, pelas leituras, discussões, sugestões, bolos, cafés, mas sobretudo, pela sólida amizade.

Aos meus colegas de mestrado pelo companheirismo. Em especial, a minha amiga Daniele Samora, pelas correções de português e pelo apoio fundamental na reta final.

A minha amiga Fabiana pela amizade e escuta de minhas angústias e preocupações, sejam elas acadêmicas ou pessoais.

A todos os meus irmãos e irmãs pelo apoio silencioso e pelo carinho.

A todos os haitianos. Em especial Samuel, Fedéme, Jean e Charles, pela colaboração nas pesquisas.

Aos colegas do MIMCAB e do Projeto de Extensão, pelo incentivo, carinho, pesquisas e eventos acadêmicos que participamos.

A companheira Maquésia, pelo apoio em campo e em Maceió.

À UNIRON, pelo apoio e suporte que recebi durante esta pesquisa, em especial, à diretora acadêmica, professora Dr.ª Nelice Batistelli, pela confiança e respeito.

A todos que de uma maneira ou de outra contribuíram com este trabalho.

Ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

A CAPES, pelo auxílio financeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório, considerando os aspectos socioculturais e históricos desse fenômeno, a partir dos sujeitos envolvidos, os imigrantes haitianos, na cidade de Porto Velho. O *corpus* desta pesquisa constitui-se de entrevistas semiestruturadas, com duas empresas empregadoras de haitianos em Porto Velho e com imigrantes haitianos, trabalhadores dessas empresas. Partindo da hipótese de que a língua é um fator fundamental para o trabalho num contexto migratório, analisamosexcertos extraídos da fala dos haitianos,realizando uma triangulação dos dados das empresas e das percepções dos trabalhadores haitianos, com ênfase no processo de contratação e integração dos mesmos para o trabalho, considerando as implicações linguísticas desse processo.A pesquisa insere-se na Linguística, mais especificamente na Sociolinguística, nos Estudos Culturais e Pós-colonialistas. A partir da análise realizada, foi possível depreender a relação intrínseca que existe entre língua, trabalho e mobilidade para o haitiano.

Palavras-chave: Imigrante Haitiano.Língua-cultura. Relações de trabalho.

ABSTRACT

This work aims to discuss the implications of linguistic in labor relations inside a migratory context. It takes into account the socio-cultural and historical aspects of immigration from the perspective of the actors involved, the Haitian immigrants in the city of Porto Velho. The *corpus* of this research consists in semi-structured interviews with two Haitian employers business in Porto Velho and Haitian immigrants, workers of these companies. Assuming that the Language is a key factor to work in a migratory context, we analyzed excerpts extracted from Haitian speech, performing a triangulation of companies data and Haitian workers perceptions. The emphasis here was the hiring process the work integration, also considering the linguistic implications in those processes. This research is inserted in Linguistics, more specifically in Sociolinguistics (cultural and post-colonial studies). From the analysis performed, it was possible to infer the intrinsic relationship between language, work and mobility for the Haitian.

Keywords: Haitian immigrant.language-culture. Work relationships.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à discuter les implications linguistiques pour les relations de travail dans un contexte migratoire. Il considère les aspects socio-culturels et historiques de ce phénomène, à partir des sujets impliqués - les immigrants haïtiens dans la ville de Porto Velho. Le *corpus* de cette recherche consiste en entrevues semi-structurées avec deux entreprises employeurs de travail Haïtiens à Porto Velho et les immigrants haïtiens mêmes, qui travaillent dans ces entreprises. En supposant que la langue est un facteur clé pour travailler dans un contexte migratoire, nous avons analysé des extraits de discours des Haïtiens pour effectuer une triangulation entre donées de l'entreprises et les perceptions des travailleurs haïtiens. L'accent est mis sur le processus d'embauche et leur intégration pour le travail, compte tenu ses implications linguistiques. La recherche fait partie de la Linguistique, plus précisément de les études culturelles et post-coloniales dans la Sociolinguistique. De l'analyse effectuée, il était possible de déduire la relation intrinsèque entre la langue, le travail et la mobilité pour l'Haïtien.

Mots-clés: Immigrant haïtien. langue-culture. Relations de travail.

Rezime

Travay saa genyen Kòm objektif diskite sou enplikasyon lenguistik yo nan relasyon travay nan yon kontèks migratwa. Konsidere aswè sosyokiltirèl e istorik yo nan fenomèn saa. A pati de sijè sa yo ki devlope, imigran ayisyen yo nan vil Pòto Velo.Kòpous rechèch sa a konstitye de antretyen semiestriktire avèkantrepriz ki anplwaye Ayisyen nan Pòto Velo e avèk Ayisyen yo ki se travayè nan menm antrepriz sa yo. Nou baze sou ipotèz de lang ki se yon faktè fondamantal pou travay nan yon kontèks migratwa. Nou analize yon pati nan pale ayisyen yo, nou reyalize yon triyangilasyon de done antrepriz yo e pèsepsyon travayè ayisyen yo avèk destak pwosesis de anboche e entegrasyon pou travay la, nou konsidere enplikasyon lenguistik yo nan pwosesis la. Rechèch sa a ensere nan lenguistik espesifikm an nan sosyolenguistik yo, etid kiltirèl yo e pòskolonyalis yo. A pati de analiz reyalize, li posible pou konprann relasyon etwat ki egziste ant lang, travay e mobilite pou ayisyen.

Mo kel :Imigran Ayisyen.Lang- kilti. Relasyon nan travay.

Sumário

INTRODUÇÃO **13**
Seção 1 HAITI: COLONIZAÇÃO, MITO E OCUPAÇÕES **17**
1.1Colonialismo e mito 18
1.2 Haiti: uma história de resistência 24
1.3 Dominantes para dentro, dominadas para fora. 27
1.4 Opressão econômica e política num país “descolonizado” 29
1.5Haiti: o lócus paradigmático do império americano 30
Seção 2 DESLOCAMENTOS E LÍNGUA(S) **38**
2.1 Imigrantes hatitanos: fronteiras dentro e fora 38
2.2 Haitiano *aletranje*: um devir para além da dimensão econômica. 40
2.3 Crioulo: símbolo da identidade haitiana 45
2.4 Língua, linguagem e fala 48
2.5 Encontro entre línguas-culturas: um lugar de negociação e hibridismo...51
Seção 3 OS CAMINHOS DA PESQUISA 57
3.1 O campo 57
3.2 A metodologia 58
3.3 Os sujeitos 60
3.3.1 As empresas 60
3.3.2 Estratégia da empresa z 60
3.3.3 Estratégia da empresa y 62
3.3.4 Os trabalhadores haitianos entrevistados 64
Seção 4 IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS EM UM CONTEXTO MIGRATÓRIO 66
4.1 As estratégias linguísticas de contratação e inserção 66
4.1.1 Estratégias linguísticas da empresa Z 66
4.1.2 Estratégias linguísticas da empresa Y 75
4.2 Língua, trabalho e mobilidade 78
CONSIDERAÇÕES FINAIS 85
REFERÊNCIAS 88
APÊNDICES 92

INTRODUÇÃO

> Existe, afinal, uma profunda diferença entre o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa Edward W. Said (2007, p.15).

Nos últimos cinco anos, a Amazônia brasileira vem recebendo imigrantes[1] haitianos[2] que fazem a travessia de suas fronteiras e se movimentam em seus estados, em especial no Amazonas, Acre e Rondônia. A construção de duas hidrelétricas na região, o aquecimento do mercado local, somados a grande oferta de trabalho nas áreas de construção civil e serviços, tornavam a cidade de Porto Velho, naquele momento, um polo de atração de imigrantes, fatores determinantes para a permanência dos haitianos na cidade.

O fluxo migratório de haitianos na Amazônia cobrou novo impulso aos estudos para a compreensão desse fenômeno social. A imigração como um processo social e histórico, da qual os imigrantes são seus agentes, é um fenômeno que encurta distâncias; redefine fronteiras e localizações; intensifica a circulação de capital e de mercadorias e proporciona o contato entre línguas e culturas, trazendo luz às implicações sociais, culturais e linguísticas que dele emergem.

Os imigrantes haitianos trazem suas trajetórias, cultura e língua(s), ocupam certos espaços na sociedade, inserem-se no mercado de trabalho. Certamente, a primeira barreira enfrentada por esses imigrantes, a exemplo de muitos outros, é a língua. A língua falada pelos haitianos em Porto Velho é o*kreyòl*(crioulo haitiano); no Haiti o *kreyòl* e o francês são línguas oficiais, no Haiti os haitianos falam o *kreyòl*,

---

[1]Por emigrante se entende os sujeitos que transpõem as fronteiras do país de origem e partem para outros lugares. Imigrante é quem chega a um país que não o de seu nascimento. Migrante é a categoria que se aplica a quem transita de um lugar a outro. Dessas três categorias (adjetivos) surgem os substantivos migração, emigração e imigração (COTINGUIBA, 2014, p.32).

[2]A presença de haitianos no Brasil não é nova, pois em outros momentos alguns haitianos migraram para o Brasil, para estudar e trabalhar, como o fizeram para outros países, conforme apresentaremos mais adiante.

sendo o francês a língua falada por uma elite letrada. Embora seja uma minoria, a língua francesa é sinônimo de *status* e, ainda, configura-se como signo do poder econômico e social (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 101).

Na esteira dos debates acerca da imigração, desenvolvemos nossa pesquisa, a qual resulta de uma proposta de trabalho desenvolvido no mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Neste trabalho, analisamos as implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório, considerando os aspectos socioculturais e históricos desse fenômeno, a partir dos sujeitos envolvidosem tela, os haitianos.

Partimos do princípio de que o acolhimento dos imigrantes, além de outros fatores, passa pela língua. Nesses termos, o aprendizado da língua por parte do imigrante, em certa medida, é tão importante para ele quanto para a sociedade que o acolhe. Nossa investigação sobre as relações entre imigrantes haitianos e brasileiros desenvolveu-se sob uma perspectiva linguística, analisando a língua conforme Bakhtin (2002), como um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. A língua nessa perspectiva não está desvinculada dos processos socioculturais e históricos.

No encontro entre línguas e culturas, tanto a sociedade de acolhimento quanto os imigrantes, formulam estratégias que possibilitam a mobilidade dos imigrantes na sociedade, em especial nas relações de trabalho. Para Sayad (1998, p. 55), “o trabalho condiciona toda existência do imigrante”. Partindo dessa premissa, o objeto de nossa pesquisa ergue-se sobre dois pilares: a) a necessidade do trabalho como condição de permanência do haitiano na Amazônia e b) o papel da língua nas relações de trabalho num contexto migratório.

O *corpus* desta dissertação constitui-se de 12 entrevistas orais semiestruturadas em português.Uma entrevista realizada com o representante de Rh da empresa Z; Uma entrevista realizada com o representante de Rh da empresa Y, ambas em Porto Velho e dez entrevistasforam realizadas com imigrantes haitianos, trabalhadores dessas duas empresas, (cinco da empresa Z e cinco da empresa Y). Partindo desse material de análise, formulamos uma hipótese norteadora para o nosso trabalho e, a partir disso, elaboramos também algumas categorias de pesquisa.

Tendo-se que, na maioria dos casos, o aprendizado da língua para o imigrante se mostra como um fator fundamental para sua inserção laboral,

perguntamos: Quais as implicações linguísticas nas relações de trabalho entre haitianos e brasileiros?

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre as implicações linguísticas na construção e desenvolvimento das relações de trabalho entre brasileiros e haitianos, a fim de contribuir com outras reflexões no campo da linguística e dos estudos sobre migração.

Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe:

a) estudar a história do Haiti, numa perspectiva pós-colonialista;

b) entender a perspectiva do haitiano quanto à imigração e à(s) língua(s);

c) analisar as implicações linguísticas do encontro entre língua-cultura na narrativados sujeitos.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, conforme Mazzoti e Gewandsznajder (2002, p. 163), nesse tipo de pesquisa, usa-se um variado número de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Nesse sentido, utilizamo-nos de observações, entrevistas e análise de documentos, que foram fundamentais para o delineamento e a análise de nosso objeto.

Quanto ao aporte teórico, tendo em vista a abordagem sociocultural que fizemos da língua, inserimos nosso trabalho no campo da linguística, com uma perspectiva de estudo da língua como uma atividade social, forjada em condições sociais e culturais, em estudos de autores como Bárbara Weedwood (2002), Ernani Terra (2010) e José Luiz Fiorin (2013). Vale ressaltar que nos apoiamos principalmente na abordagem da língua como fato social, portanto histórica, desenvolvida por Mikhail Bakhtin (2002). Na análise das línguas em contato nos apoiamos na sociolinguística, nos estudos de Louis-Jean Calvet (2002), dentre outros.

Como consideramos a língua, uma atividade social indissociável da história e da cultura, não pudemos deixar de lado aspectos extralinguísticos, como a história dos haitianos, sua trajetória de luta, resistência e sua diáspora. Para estudar a História dos Haiti buscamos aporte nos estudos de Wooldy Edson Louidor (2013), Laënnec Hurbon (1993), Handerson (2010) e Eliesse dos S. T. Scaramal (2006). Recorremos, ainda, aos estudos pós-colonialistas, de Frantz Fanon (2005), Edward Said (2007) e Neide Gondim (1994). Para nossa discussão em torno do hibridismo cultural recorremos aos estudos de Néstor Garcia Canclini (2008).

Embora tenhamos buscado aporte nos estudos dos autores citados anteriormente, o fio condutor de nossa pesquisa parte dos trabalhos de Abdelmalek Sayad (1998) e de Homi Bhabha (1998).

Nossa dissertação encontra-se estruturada em quatro seções. Na primeira seção, denominada *Haiti: Colonização*, *Mito e Ocupações*, apresentamos o processo histórico de colonização, de mitificação e luta pela liberdade do Haiti.

Na segunda Seção, intituladaDeslocamentos e Língua(s),realizamos uma reflexão sobre os aspectos da emigração haitiana, sua lógica, atravessada pelo econômico, mas que não se reduz a isso. Refletimos, ainda, sobre as fronteiras subjetivas enfrentadas pelos imigrantes e sobre a relação dos haitianos com a língua.Apresentamos as noções que adotamos sobre língua(gem), imigrante ehibridismo cultural e linguístico, que nortearam nosso trabalho e que, portanto, sustentaram a análise do *corpus*.

Na terceira Seção intitulada, *Campo, Metodologia e Sujeitos*,apresentamos o campo e os sujeitos de nossa pesquisa, descrevendo o contexto analisado e identificando os perfis das empresas e dos imigrantes, como também algumas considerações metodológicas empreendidas durante a pesquisa.

Na quarta seção, intitulada *Implicações linguísticas em um contexto migratório*, trazemos os resultados da análise do *corpus.* Problematizamos as percepções dos haitianos sobre as estratégias desenvolvidas pelas empresas no processo de contratação e integração dos mesmos para o trabalho e discutimos as implicações linguísticas desse processo, a partir da concepção de língua para estes imigrantes em um encontro entre língua-cultura, fazendo uma triangulação dos dados das empresas e dos haitianos. Por fim, apresentamosalgumas considerações delineadas ao longo de nosso trabalho.

Seção 1 – HAITI: COLONIZAÇÃO, MITO E OCUPAÇÕES

> A descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe sua legitimação de nenhuma potência sobrenatural: a "coisa" colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual se liberta Frantz Fanon (2005, p. 53).

Nesta Seção discutiremos o processo histórico de colonização, opressão, empobrecimento e mitificação do Haiti, abordando a história do oprimido, realizaremos um resgate de sua história e de sua identidade, não uma história sincrônica, linear, mas uma reflexão das relações materiais de exploradores e explorados, situando o objeto, desconstruindo o mito, não com o intuito de fazer desaparecer, o que é muito difícil, mas a fim de refletir a que isso se deve.

No primeiro momento evidenciaremos a mítica realizada em torno do Haiti e de seu povo com o intuito de dissimular a realidade e justificar a colonização, a cristianização e a expropriação de terras, de governos e de vidas.

No segundo momento, refletiremos ainda sobreas elites haitianas, suas máscaras brancas nas suas peles negras.

Por fim, evidenciaremos a ocupação americana no Haiti, o processo de recolonização da ilha, como o lócus privilegiado para a realização da estratégia econômica Americana, transformando o Haiti em um país paradigmático do império Americano.

Em nossa entrada em campo, vários questionamentos foram se impondo e exigindo respostas para o necessário conhecimento sobre os sujeitos que compunham nosso estudo. Sem dúvida falar do imigrante haitiano é remeter, de certa forma, à sua história, às suas singularidades. Por esse motivo estudar a história dos haitianos tornou-se algo imperioso para o desenvolvimento de nossa pesquisa, uma vez que nosso trabalho privilegia a língua em uma relação indissociável com a história e com a cultura.

Ressaltamos que desenvolvemos esta seção como fruto de uma inquietude durante a trajetória da pesquisa, talvez a princípio possa parecer que nos detivemos muito em um tema que, aparentemente, não se relaciona diretamente com o objeto de nossa pesquisa, no entanto, quando em campo, a necessidade de conhecer o povo que estávamos estudando foi se impondo a este trabalho.

1.1 COLONIALISMO E MITO

As sociedades colonizadas aparecem no discurso do colono num eterno estado de primeiro contato e, como estratégia de sobrevivência, os colonizadores mantêm os recursos mitológicos e a consciência histórica, da história do opressor. A história começa com a chegada dos colonizadores e é contada por eles. A memória do colonizado lhe é tirada, roubam-lhe o passado. Resgatar a história do Haiti sob a perspectiva do colonizado, do "negro", é importante para situar o objeto, desconstruir o mito, não com o intuito de fazer desaparecer, o que é muito difícil, mas de refletir a que isso se deve.

"A Amazônia é o mistério inventado pelos europeus", afirma a pesquisadora amazonense Neide Gondim em sua obra, *A invenção da Amazônia* (1994), fazendo uma referência a toda a mitologia europeia que envolvia a chegada e a colonização na Amazônia e todo o continente da América Latina. Na mesma linha de pensamento, o pós-colonialistaEdward W. Said (2007), considerado um dos mais importantes críticos literários e culturais dos Estados Unidos, em sua obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, faz uma reflexão sobre a força do mítico na descrição do oriente pelo ocidente, o autor acredita que todos que sofreram o colonialismo europeu foram descritos conforme os desejos dos europeus.

Os países da América Latina e do Caribe "nascem" sob a força do simbólico, do imaginário do europeu, que cria o mito de um "Mundo Novo", que acaba de ser "descoberto", apagando toda história anterior destes territórios, que é descrito como um mundo primitivo, povoado por adamitas decaídos, deformados, inferiores quase sem humanidade e por animais monstruosos igualmente deformados, o que os autoriza à expropriação, à exploração, à tortura, ao genocídio e ao ecocídio nesses territórios, em nome da civilização e da catequização cristã.

Toda uma configuração mítica foi criada para justificar a colonização. A estrutura do mito foi se aprofundando e se aperfeiçoando por meio da história contada pelo vencedor, alcançando a agudeza, o vigor necessário para continuar justificando as ditaduras, as invasões e o neocolonialismo do imperialismo na América Latina, no Caribe, no Oriente e na África.

A narrativa mítica tinha uma força maior nas sociedades antigas, mas ela é inevitável na contemporaneidade. A mitologia atual é uma sombra sobre a realidade,

ela enforma a sociedade, tudo no mito é condicionado e mediado. A dimensão mítica, nas sociedades modernas e contemporâneas, constitui a compreensão do mundo pelo amalgamento de conceitos abstratos e concretos que formam um todo, dessa forma, o mito, a memória e a história não se dissociam.Ao revisitar a história do oprimido, encontraremos, em todas as passagens, a presença de relatos mágicos e fantásticos, narrativas sobrenaturais como fundamento e origem dos fenômenos, sejam eles naturais ou sociais.

O mito estádiretamente ligado ao contexto social e ao modo como as sociedades concebem sua existência em determinada sociedade. Segundo Cassirer (2000, p.19-20), "o mundo mítico é essencialmente um mundo de ilusão – e de uma ilusão que só é explicável se se descobre o original e necessário autoengano do espírito, do qual decorre o erro." Entender os mitos, interpretá-los, trazê-los à luz, pode ser uma forma de entender a estrutura social de uma determinada sociedade e os motivos da sua dinâmica.

Para Rocha (1999), o mito apresenta três aspectos que nos ajudam a compreender suas várias funções, quais sejam,

> 1) O mito está localizado num tempo antigo, "fabuloso". Nos tempos da "aurora" do homem; ou, pelo menos, os homens o colocam nos seus tempos da "aurora" fora da história; 2) o mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. O mito precisa ser interpretado. Finalmente, 3) o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado. No entanto, possui um valor e mais que isso uma eficácia na vida social (p. 10 – 11).

O fato do mito não falar diretamente, guardar uma mensagem cifrada, de não ser verdadeiro no seu conteúdo manifesto e de ser eficaz na organização da vida social, indica que a mitologia não nos leva além de uma alusão mesquinha da complexidade e da multiplicidade do real.

A magia, o vodu, como constituintes do mito do Haiti, permanecem no imaginário e reforçam a mitologia dos neocolonialistas, dos imperialistas que invadem o país, justificando sua presença selvagem e brutal para o movimento do capital.Como nos informa Louidor,

> Acusou-se a tradição africana do vodu, considerando "coisa de negros, ignorância, atraso, pura superstição", de ser a causa principal do desastre, como afirmou enfático na televisão o pastor

> pentecostal, advogado, ex-candidato à Presidência dos Estados Unidos, Pat Robertson, ao explicar o terremoto de 2010. Disse a sua larga audiência que os negros haitianos tinham conquistado a independência da França a partir de uma cerimônia vodu, invocando a ajuda do diabo desde o fundo da selva haitiana. “O diabo, que lhes deu a liberdade, enviou o terremoto para cobrar a conta”, afirmou o pastor estadunidense (LOUIDOR, 2013, p. 31).

A “maldição” do Haiti é uma farsa, como é uma farsa a superioridade do branco sobre o negro. Os imperialistas continuam se utilizando do velho discursoda velha máxima etnocêntrica e maniqueísta dos colonizadores, de que, como nos diz Fanon(2005), o colonizado é o mal absoluto, depositário de forças maléficas. Esse maniqueísmo desumaniza o colonizado, o animaliza. Conforme descreve Fanon, na visão do colonizador:

> Os valores, com efeito, são irreversivelmente envenenados e infectados desde que são postos com o povo colonizado. Os costumes dos colonizados, suas tradições, seus mitos, principalmente seus mitos, são a própria marca dessa indigência, dessa depravação constitucional. É por isso que é preciso situar no mesmo plano do DDT que destrói os parasitas, vetores de doença, e a religião cristã, que combate no germe as heresias, os instintos, o mal (FANON, 2005, p. 58).

Essa desqualificação da moral, dos valores do colonizado, ao mesmo tempo em que lhes impõem os seus, seria, como, para Nietzsche, na Genealogia da Moral (2009), uma estratégia da ovelha para enfraquecer e dominar o lobo através da culpa, que no caso dos colonos cristãos seria o pecado. Os lobos colonizados devem ser convencidos de que podem optar por serem bons ou maus, podem não comer as ovelhas. Essa é a estratégia das ovelhas, pregar a doutrina de que o lobo pode ser bom e piedoso, ou seja, ele pode optar por não comer as ovelhas,ele é vencido pelos fracos, por aceitar sua doutrina, os fracos vencem os fortes, a vida e a liberdade perdem.

Nessa perspectiva maniqueísta, vivemos hoje à sombra do mito e não a percebemos, os discursos que nos aparecem escamoteiam a realidade, deformam e ampliam os fatos. Poderia parecer supérfluo retomar essa concepção de mito, porém para compreender melhor a mítica em torno da realidade social, política e econômica do Haiti, é necessário olhar para um passado remoto e tentar entender qual a proporção de verdade do mito do país maldito, se tem verdade e como se forjou tal verdade ou tal falsidade.

Um exemplo dessa formação discursiva encontra-se em artigos publicados nos Estados Unidos no início do século XX, conforme Hurbon,

> el negro haitiano es um salvaje que se crê e obligado a honrar a su dios ofreciéndole sacrifícios humanos, y comiendo El mismo la carne humana: "Haiti es El único país (...) donde existe uma superstición contaminada por tales horrores. "Assimismo, el negro no puede gobernar a su próprio Hermano negro, sin tirania (...)".Esta tesis así de sencilla – a saber, que El vudú es uma ocasion privilegiada para las práticas canibales, por tanto Del savajismo y de la tirania de los negros librados de si mismo – resume los diversos discursos que autores norte americanos difundieron em Haití em vísperas de la ocupación norte americana (HURBON, 1993, p. 73).

Quase um século depois, a tônica imperialista, mais uma vez, encontrou suas justificativas para mais uma invasão do Haiti, com a MINUSTAH[3], encontrando sua retórica com o sismo de 2010 e seus desdobramentos. Esse discurso, conforme Foucault (2013, p.141), é constituído por um grupo de enunciados, um conjunto de performances verbais que estão submetidos a um regime geral, a um status na maneira pela qual são institucionalizados, empregados, combinados entre si, repetidos e tornam-se instrumentos para o desejo ou interesse, elementos para uma estratégia. Encontramos essa formação discursiva nas regularidades dos discursos colonialistas e imperialista, nas oposições entre o senhor x escravo, negros x brancos, civilizado x primitivo e entre ciência x magia.

A retomada de textos não é aleatória. Conforme Foucault (2011), o discurso em sua realidade material, como uma atividade cotidiana e cinzenta esconde poderes e perigos que mal se imagina. Nas palavras de Foucault (2011, p. 8), "inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominação, servidão, através de tantas palavras cujo uso há tanto se reduziu as asperidades". A interdição no discurso, conforme o autor, demonstra, que o discurso não é algo transparente ou neutro.

Podemos verificar facilmente um discurso colonialista nas notícias veiculadas pelos Estados Unidos (2010), sobre a incapacidade do Haiti em se autogovernar, "necessitando", portanto, da intervenção americana em seu processo político:

[3] MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti, presente no Haiti desde 2004.

> “Crowley enfatizou que os Estados Unidos estão determinados a ajudar o Haiti a alcançar resultados confiáveis e legítimos que reflitam a vontade do povo haitiano.Em declaração de 8 de dezembro no site da Embaixada dos EUA em Porto Príncipe, os Estados Unidos também conclamaram os líderes políticos do país e seus simpatizantes a se manifestar de forma pacífica e atuar por meio do processo legal para contestar as eleições."As eleições de 2010 representam um teste crucial sobre se o povo haitiano determinará seu próprio destino por meio do voto, e seria lamentável se a violência maculasse esse processo", concluiu o comunicado da Embaixada” Programas de informações internacionais, departamento de estado dos EUA. Site: http://www.america.gov (2010).

Esse novo velho discurso, repetido, veste-se hoje no Haiti como: “Cooperação Internacional”, “Ajuda Humanitária”, são novos termos forjados para legitimar velhas práticas de opressão, expropriação e exploração de recursos naturais e humanos dentro do movimento do capitalismo imperial globalizado. Com esse discurso os Estados Unidos, utilizam-se da mesma estratégia, da repetição, própria da formação discursiva dos países europeus colonialistas, que justificavam a invasão e o domínio econômico, político e social de um território pela incapacidade do mesmo em se autogovernar.

O Haiti sofreu, durante sua história, inúmeros “furacões” exploratórios coloniais, o que o levou a um crescente estado de empobrecimento, resultado do genocídio, escravidão, opressão e colonialismo, o que impediu sua independência política, social e econômica até os dias atuais. Para legitimar sua liberdade, o Haiti foi envolvido em uma ciranda econômica capitalista que alimentou e manteve o domínio da França e dos Estados Unidos por toda história do Haiti.

Além da expropriação material, o Haiti sofre com o desejo do colonizador em roubar sua história e em desqualificar suas crenças ao lançar sobre ele a mítica de uma maldição histórica, dos “negros” que conquistaram sua liberdade com o vodu e com a ajuda do “diabo”, é mais uma das estratégias para erradicar o vodu da cultura haitiana, por motivos políticos e econômicos, ao mesmo tempo, que desqualifica a luta e a vitória dos haitianos contra o poderoso exército de Napoleão, quando em 1791 os escravos insurgentes iniciam a primeira revolução de escravos das Américas e do Caribe, que culmina com o Haiti tornando-se, em 1804, a primeira república negra do mundo, libertando-se, mesmo que por um período efêmero, do julgo do colonizador.

Os então escravizados, na ilha de Santo Domingo, mostram com a revolução que quando o colonizado se reconhece como um ser humano igual ao colonizador, ele afia suas armas para fazê-las triunfar. Segundo Hurbon (1993), quando liberto, o Estado do Haiti declara negro todo haitiano, qualquer que seja sua cor, é haitiano, qualquer negro que venha da África é livre e qualquer escravo fugitivo de outros países do Caribe que pise em território haitiano será considerado livre.

Apesar de sua luta e de sua atitude com relação a questão da liberdade de todos, independente de cor, após sua independência o Haiti conservou alguns elementos da cultura do colonizador francês, como a língua, os sistemas jurídico e educacional e a religião cristã; porém, como nos informa Louidor, conseguiu conservar sua herança africana,

> Que se reflete na tecnologia, na vida econômica, na organização social, na religião, na arte, no folclore, na língua. A maioria dos ancestrais dos negros haitianos provém do Golfo de Benin, antes chamado Costa dos escravos, e do antigo reino de Ouidah, ocupado pelo rei de Dahomey, que vendia aos brancos seus prisioneiros de guerra em troca de produtos europeus: armas, pérolas, utensílios etc. De fato predomina no Haiti a tradição cultural-religiosa dos fon e yoruba (mahi e nagô), procedentes das regiões de Dahomey e Congo, tradição conhecida como o vodu (LOUIDOR,2013, p. 14).

O exemplo do Haiti passa a ser uma grande ameaça aos colonialistas e por isso sofre duros golpes e passa por inúmeros processos de violência e dominação, além de ser demonizado pelo inimigo. Os colonizadores passam a disseminar o medo, o ódio, o horror, focalizando de forma descontextualizada os escravizados e toda uma cultura.

A história é construída nas relações materiais humanas, estando sujeita a ser revisitada, investigada, o povo haitiano não pode ser desumanizado, sua história não pode ser desfigurada. Como nos informa Said (2007, p. 18), “um reforço a estereótipos mortificantes que justificam o uso da força e da violência”. O estereótipo do povo amaldiçoado e incapaz de se governar é usado nos dias de hoje como justificativa para o domínio e a exploração, com várias formas de violências contra a humanidade dessas pessoas, a sua cultura e liberdade.

1.2 HAITI: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA

A história do Haiti é uma história de resistência e de luta. Em 1492, o Haiti é invadido pelos espanhóis que registram em sua história como sendo a data do descobrimento daquela ilha. Estima-se que naquela época habitavam na ilha cerca de um milhão e duzentas mil pessoas, pertencentes aos povos Arawak e os Taino, autóctones que foram chamadas pelos colonizadores de índios, por acreditarem ter chegado nas Índias. Essas pessoas foram, em um período de 36 anos, exterminadas pelas doenças, pela escravidão e pelas armas dos espanhóis.

A partir daí, a ilha que foi chamada inicialmente de *Hispaniola* por sua beleza natural, em homenagem à Espanha, passa a viver uma longa história de colonização selvagem, escravidão, violência, resistência, revolução, vitórias efêmeras, ditaduras, opressão, empobrecimento e ocupação.

Em 1650, a França se apossou da parte ocidental da ilha*Hispaniola* (hoje Haiti), denominando-a de Saint-Dominguee, em 1697, conseguiu fechar um acordo com os espanhóis, chamado de Tratado de Ryswick, que tornava Saint-Domingue oficialmente colônia francesa.

No início do século XVIII, chegavam diariamente a Saint-Domingue grande quantidade de africanos escravizados que eram explorados até a morte nas *plantations* e substituídos por “peças” novas. De acordo com Louidor (2013, p. 17), chegavam em 1720, uma média de 8.000 africanos por ano e, em 1787, esse número já tinha passado para 40.000. Na metade do século XVIII, o Haiti produzia o melhor açúcar do mundo, tornou-se a colônia mais próspera da América Latina e das treze colônias que formariam os Estados Unidos. No entanto, essa riqueza não era do Haiti, mas da França.

Para categorizar os habitantes da África, escravizados, os colonizadores, forjaram o termo “negro” que assume uma carga semântica extensa para designar o “outro”, o inferior, o bárbaro, o animal sem alma, uma mercadoria que poderia ser comercializada. Na África, eles eram apenas africanos. De acordo com Rosa,

> Essa desigualdade constrói-se historicamente como desigualdade racializada a partir do século XIX, fundando-se em noções de raça e cor disseminadas, a partir de construtos ocidentais, na África, Américas,Caribe e Ásia. Noções ocidentais de raça fundam também construtos relacionados que desvalorizam identidades e grupos não-

> brancos. Esses grupos sofrem assim discriminação em várias esferas importantes como escola, trabalho e ascensão social (ROSA, 2006, p. 1).

Os signos, “negro” e “branco”, cunhados pelo ocidental, vão comandar as formas fundamentais de organização das sociedades colonizadas, todas as relações sociais se balizaram nessas dualidades.

Em *Pele Negra máscaras brancas*, Fanon (2008, p. 26) afirma que o negro é um homem negro, isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.A desalienação do negro implica em uma tomada de consciência das realidades econômicas e sociais que o levaram a esta condição e a esta epidermização de inferioridade.

Os africanos chegados ao Haiti na condição de escravos, de negros subjugados e obrigados ao trabalho escravo nos canaviais, logo iniciaram um processo de resistência, uma luta por suas vidas, por liberdade e igualdade, por sua independência, dando início ao que se denominou no Haiti de *Marronage*, o equivalente aqui no Brasil ao Quilombo, refúgios daqueles que se recusavam ao trabalho escravo, e também ao suicídio, os “escravos fujões”. No Haiti, os Marrons se refugiavam nas montanhas, onde se organizavam politicamente e formavam seus exércitos para combater o inimigo. Durante a noite, eles desciam das montanhas para atacar os colonos e para abastecer as marronagens.

Nas montanhas, os marrons se organizavam em vários grupos de resistência, como negros livres, um líder dos marrons que se destacou foi Mackandal, que durante anos planejara unir os escravos e expulsar os brancos da colônia, a intenção era proporcionar a liberdade para todos, tanto para os escravos “livres” das montanhas e florestas, quanto para os escravos das *plantations*, como descrito por Handerson,

> Em 1720, mil escravos fugiram para as montanhas e, em 1751, havia pelo menos três mil deles nessa situação. Normalmente formavam grupos separados, mas periodicamente encontravam um chefe, forte o suficiente para unir os diferentes agrupamentos. Muitos desses líderes rebeldes inspiravam terror no coração dos colonos devido às suas incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los. O maior desses chefes foi Mackandal, um dos primeiros líderes da revolução haitiana (HANDERSON, 2010, p. 42).

Mackandal era manco e grande conhecedor de ervas, ele usava seus conhecimentos para fabricar venenos, para envenenar as fontes de água e os pastos dos gados. Além de organizar levantes noturnos para incendiar canaviais e cafezais.

O mês de setembro de 1791 foi um marco para aquela que se tornaria a primeira revolução social das Américas. Uma reunião política, realizada em uma cerimônia vodu de *Bois-Caïman*, presidida pelo líder *Bwakayman*, em Crioulo, deu início à revolução haitiana. Em apenasum mês, mais de duzentas plantações foram incendiadas.

Esse evento em particular, um evento político, realizado em um ambiente próprio para as reuniões dos marrons, onde eram realizadas suas cerimônias religiosas, é a fonte do mito que afirma queos haitianos haviam vencido os franceses, por terem invocado o diabo naquela cerimônia. Segundo Handerson,o Vodu era o meio de mascarar e difundir a conspiração, inspirando seus líderes,

> Como culto familiar e coletivo, o Vodu é a prática, por excelência, na qual o haitiano se esforça por reencontrar a identidade perdida com a separação da África e a opressão socioeconômica que o persegue da escravidão até hoje, visto a euforia da Independência, em 1804, quase nada ter durado. Um estudo comparativo entre os costumes religiosos *fone ioruba* mostraria, com certeza, a força da africanidade do haitiano.Assim, o Vodu se apresenta como uma resposta à exploração do cativeiro, do imperialismo econômico, social e cultural dos brancos (HANDERSON, 2010, p. 46).

Durante treze anos, os combates entre haitianos, liderados por seu herói Toussaint Louverture, caudilho do exército escravo, e os franceses que enviavam cada vez mais reforços ao exército de Napoleão, ceifaram milhares de vidas, devastaram as plantações e o país. Em 29 de agosto de 1793, o Haiti declara a libertação dos escravos. A aliança dos escravos com Toussaint Louverture foi fundamental para o sucesso da revolução.

Em 1º de janeiro de 1804, aFrança reconhece a independência do Haiti, que em troca, teria que pagá-la com uma vultuosa quantia em dinheiro, para pagar os prejuízos dos donos das plantações francesas. Essa dívida que, na época era de 150.000.000 (cento e cinquenta milhões) de francos, nos dias atuais, estima-se que seria de um bilhão de dólares.

Por mais de um século tudo que foi produzido no Haiti foi para pagar a França, a dívida passa ser utilizada como um instrumento para a exploração da ilha.

De acordo com Louidor,

> Todos os capitais do Haiti, derivados da exportação de café e outras exportações de seus recursos naturais, foram transferidos para França para pagar a enorme dívida da independência. Ao mesmo tempo o país exportou para os Estados Unidos da América, França e outros países europeus matérias primas, tais como a madeira. Por exemplo. França e Estados Unidos sangraram a ecologia do país, ao explorarem de todas as formas as madeiras e minas. (LOUIDOR, 2013, p. 19)

O país não pôde trabalhar para sua reconstrução, tudo o que se produzia além de suas riquezas naturais, como madeira e minas eram exportadas para o pagamento da dívida, o que impedia sua autonomia econômica, tão necessária para sua reconstrução material e para o atendimento das necessidades mais básicas de sua população.

Por séculos o povo haitiano vem sendo dominado, explorado e silenciado. Sua história é marcada pela violência, pela opressão política, na expropriação de suas terras, no ecocídio de suas riquezas naturais, na violência com suas mulheres, homens e crianças que vivem na exclusão. Não lhes é dada a oportunidade de governar seu país, suas riquezas e de cuidar de seu povo.

1.3 DOMINANTES PARA DENTRO, DOMINADAS PARA FORA.

Após sua revolução, o Haiti foi administrado por uma classe dominante para dentro e dominada para fora.A sociedade na época configurava segundo Handerson (2010, p. 43), com a seguinte estratificação: “colonos franceses (brancos); mulatos, chamados de livres de cor, pelo fato de no código negro de 1685 da França, ser previsto que aquele nascido de pai colono e mãe negra escrava, era considerado livre, e por último, os negros escravos”.

Após a libertação dos escravos com a prisão e morte de Toussaint Louverture, o país passou a ser governado por líderes negros, ocupantes de uma elite de ex-escravizados.Foram eles, Jean Jacques Dessalines, Henry Christophe e

Alexandre Pétion. Todos mulatos nascidos no Haiti e educados dentro de um país dominado cultural e politicamente pela França. Alexandre Pétion, por exemplo, foi educado na França.

O país, a partir daí, passa a viver sob uma nova forma de colonialismo, a elite política do Haiti, constituída pelos mulatos, crioulos nascidos na colônia, apenas passam a ocupar o lugar do branco, do colonizador. O francês figura como a única língua oficial do país, mas o crioulo era a língua usada pelo povo. A França continua ocupando lugar de superioridade cultural e social no Haiti, sobretudo para elite haitiana, servindo como modelo de civilização tanto na época de sua independência quanto nos dias atuais.

A nova elite política haitiana mantinha sobre controle violento, os antigos escravos e os campesinos, que tiveram suas terras expropriadas e foram obrigados a permanecerem na produção agrícola para a exportação, para atender aos interesses dos países europeus e aos interesses particulares dos novos governantes, que se transvertiam de colonizadores e acumulavam riquezas particulares. Os antigos escravos eram perseguidos e proibidos de praticarem o vodu, para impedir rebeliões que ocorriam com frequência.

O fato do colono passar a ocupar o lugar do colonizador, é expresso pelo pensador pós-colonialista, nascido na Martinica,Frantz Fanon, em sua obra *Os condenados da Terra*. Nas palavras de Fanon,

> O diálogo nunca é rompido entre políticos e o colonialismo. (...) O intelectual colonizado investiu a sua agressividade na sua vontade de assimilar-se ao mundo colonial. Pôs sua agressividade a serviço de seus interesses próprios, dos seus interesses de indivíduo. Assim nasce facilmente uma espécie de classe de escravos libertados individualmente, de escravos libertos. (...) O que elas exigem não é o status do colono, mas o lugar do colono. (...) Para eles não se trata de entrar em competição com o colono. Eles querem seu lugar (FANON, 2005, p. 77 – 78).

Os governantes negros eram de pele negra com máscaras brancas, dominantes para dentro, mas dominados para fora, pois atendiam somente aos seus próprios interesses e aos interesses do seu “antigo” colonizador. Tornam-se brancos nas ações. O que se verifica não é uma verdadeira descolonização, mas uma falsa descolonização, com novas formas de violência contra o colonizado.

1.4 OPRESSÃO ECONÔMICA E POLÍTICA NUM PAÍS “DESCOLONIZADO”

Os Estados Unidos ocuparam o Haiti de 1915 a 1934, período em que se apropriou da reserva do Banco da República haitiana, expropriou terras, levou a falência os campesinos haitianos e suas culturas de subsistência. Após a ocupação americana o Haiti passa a viver uma série de ditaduras constituídas com o suporte americano que vão se perpetuar até os anos 1990.

A ditadura mais longa e mais violenta sofrida pelo Haiti foi a ditadura dos Doc, Papa Doc e Baby Doc, que se estendeu do ano de 1957 até 1986, um reinado de 29 anos, mantida sob o terror e a violência de uma milícia armada, os tontons macoutes. O médico François Duvalier tornou-se popular por seu trabalho como médico nas comunidades e por se juntar a população negra contra os mulatos, elite haitiana no poder. Porém, uma vez no poder, como apoio dos Estados Unidos, instaurou o terror no Haiti, usando sua milícia para matar todos que fossem contra o seu governo. Estima-se a morte de 30.000 pessoas durante sua ditadura e cerca de 15.000 desaparecidos.

Após a morte do Papa Doc, seu filho Jean-Claude Duvallier, assume o governo aos 19 anos e mantém a violência imposta por seu pai, porém rompe com a política contra os mulatos em decorrência de seu casamento com uma mulata da elite haitiana.

Em 1986, Baby Doc, como ficou conhecido, fugiu do Haiti diante da possibilidade de um movimento social incentivado, em grande parte pela Igreja Católica, convidando o povo a lutar contra a opressão política, o analfabetismo e todas as injustiças do sistema ditatorial dos Docs. Encerrando, assim, a dinastia Doc no Haiti. Esse fato marca uma nova etapa na história do Haiti, “a segunda independência do Haiti” (LOUIDOR, 2013, p.22).

Porém, esses anos de ditadura dos Doc deixaram o Haiti em extrema pobreza, dado ao desvio de milhões de dólares para o exterior. O Haiti passa a figurar entre os países mais pobres do mundo, com alto índice de analfabetismo e alto índice de doenças decorrentes das condições insalubres geradas pela pobreza.

Após a queda dos Doc, os Estados Unidos tentaram eleger um presidente para o Haiti(Roger Lafontand),para que continuasse atendendo aos seus interesses como os Docs. No entanto, os haitianos, com a esperança de construir um país

democrático e livre do poder imperial dos Estados unidos, estavam muito articulados em torno do nome de Jean-Bertrand Aristide, que foi eleito em 1991 por uma maioria esmagadora de 65% dos votos.

Esse momento na história do Haiti é bastante significativo por mostrar a vontade e a coragem do povo haitiano em lutar pela emancipação de sua pátria tão cara para eles. Infelizmente, com apenas sete meses de mandato democrático, Aristide é derrubado do poder pelas forças armadas do Haiti com a cumplicidade dos Estados Unidos.

Enquanto o Haiti estiver sob o jugo político e econômico dos países ricos, em especial dos Estados Unidos, não alcançará o status de uma nação autônoma, capaz de gerir sua própria vida política, econômica e social. Essa é a verdadeira catástrofe do Haiti, não são os sismos, que com um mínimo de planejamento, causariam prejuízos momentâneos, como ocorre com tantos países que sofrem com esses fenômenos naturais.

Uma rápida reflexão sobre os discursos colonialista e sobre a presença dos colonizadores e neocolonizadores no Haiti nos levará, invariavelmente, a desvendar nuances de significados que inconscientemente assumimos em nossas ações. Ao mesmo tempo que, buscando a raiz da produção de vulnerabilidade do Haiti nos últimos 20 anos, reconheceremos que a pobreza no Haiti não se apresenta de pronto, de forma isolada, existente por si, reconhecível em si mesma, mas se associa às suas raízes, ao colonialismo, imperialismo e ao neoliberalismo.

1.5 HAITI: O LÓCUS PARADIGMÁTICO DO IMPÉRIO AMERICANO

Há mais de 20 anos, o Haiti vem sofrendo um processo de expansão do neoliberalismo do império americano. No final dos anos 80, as tarifas alfandegárias já haviam sido reduzidas, como o caso do arroz, de 35% para 3%, para importação, o que causou um esgotamento na produção de arroz no Haiti, em 2008, mais de 80% do arroz consumido no Haiti vinha de Miami (LOUIDOR, 2013, p. 23).

Nos anos 90, o então presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, na construção do império americano, articulava uma penetração comercial explícita nos países e o recrutamento de novos clientes políticos, com a intervenção militar e a

espionagem encoberta. O que no Haiti culminou com a intervenção militar durante o governo de Aristide.

Durante o governo Clinton, elaborou-se juntamente com o britânico Tony Blair,a ideia de “intervenção humanitária”, sob essa forma ideológica Clinton realizou várias ações mediante intervenções militares, imposição do sistema neoliberal, invasão, ocupação militar e conquista imperial. Clinton adota políticas unilaterais e rechaça todos os tratados internacionais, essa postura unilateral foi seguida por Bush que também repudia todos os tratados que pudessem travar o avanço do império americano.

Nos anos 2000, os Estados Unidos estavam em um momento de balanços comerciais negativos com a Ásia e a Europa, diante dessa situação, George W. Bush resolve consolidar seu controle sobre a América Latina e o Caribe. Uma das estratégias de Washington foi a implementação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o que em última instância se configuraria como “um projeto de recolonização e absorção da América Latina e do Caribe” (MARTINEZ, 2002, p. 73).

No Haiti,esse processo de recolonização e absorção já acontecia há muitos anos, mas se fortalece no início do século XXI. O capital transnacional norte-americano circula livremente, com a anuência de governos subjugados, que ao assinarem acordos coloniais, amarraram suas próprias mãos, possibilitando aos EUA o aproveitamento da mão de obra barata do país e as condições ideais de investimentos que só trazem retorno para os norte-americanos.

Esses pactos coloniais firmados no Haiti são um reflexo de sua fragilidade, desarticulação política e endividamento. Os americanos aproveitando-se dessa fragilidade e sob o discurso da “ajuda humanitária”, transformam o Haiti em um território exclusivo do capital norte-americano, com um discurso ilusório de acesso ao mercado americano. No cotidiano dos haitianos, a realidade é o aumento da pobreza, da desigualdade e a perda da soberania, para atenuar a crise na economia imperial.

Durante esses vinte anos de ocupação americana e europeia, as políticas públicas no Haiti vêm sendo definidas por instituições financeiras internacionais, sem a participação da população haitiana, “participam” destas decisões políticos haitianos, as políticas devem dar conta dos problemas mais graves do país, como a pobreza, a fome, a violência, a educação, a economia, dentre outros. O que não se

discute é a independência do país. Foram desenvolvidos vários documentos das políticas públicas desde 1994, tais como:

> Programa de urgência e reabilitação econômica, de 1994 a 2004; o Marco de cooperação Interina para redução da Pobreza, de 2006 a 2008; o Documento de Estratégia Nacional para o crescimento e a Redução da Pobreza, de 2008 a 2010; e ultimamente, (logo depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010), o *Post Disaster Needs Assessment/* Avaliação das necessidades Pós-desastre (PDNA) e o Plano de Ação para Recuperação e o Desenvolvimento Nacional (PARDN) (LOUIDOR 2013, p. 23).

O Haiti já passou por vários planos de reestruturação do país e combate a pobreza e a desigualdade desde 1994, o que nos leva a crer que o terremoto de 2010 foi apenas mais um evento que propiciou o aprofundamento dessa pobreza e desigualdade no país. Diante de tantos planos, o que se pode concluir, a princípio, é que o país até o terremoto vinha passando por um processo de crescimento favorável, visto que os planos contam com a elaboração e o acompanhamento de países que se propuseram a uma ajuda humanitária. A partir desse cenário nos perguntamos, esses planos/ações contribuíram para um avanço social no Haiti? Senão vejamos os números, conforme Louidor:

> Até 2009, 55% da população haitiana vivam em pobreza extrema e 80%, abaixo da linha da pobreza. O Haiti ocupava, em 2009, o posto 142 entre os 182 países do mundo, de acordo com o Informe Mundial PNUD sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IGH); em 2011, passou para o posto 158, de acordo com sei IDH, segundo o Informe de 2012 de organismo da ONU. A saúde e aeducação figuram entre os serviços sociais mais afetados no Haiti.A taxa de escolarização infantil é de 60%; cerca de 50% dos jovens e adultos com mais de 15 anos são analfabetos; ao redor de apenas 1% passa pela universidade, segundo dados do UNICEF os gastos sociais diminuíram para a saúde em 7,37% em 2001 -2002, 4,84% em2008-2009; para agricultura e, 2,47% em 2001-2002, e em 1,6% em 2008-2009. O investimento na universidade nunca alcançou 1,35% (LOUIDOR, 2013, p. 29-30).

Como podemos verificar nos números, os planos e as intervenções internacionais não têm dado conta de diminuir os problemas enfrentados pelo povo haitiano, ao contrário, todos esses planos obrigam o governo haitiano a acelerar privatizações, abrir o mercado, implantar uma política de austeridade fiscal, reduzir gastos sociais, submetendo-se cada vez mais ao capital internacional, aumentando

sua dependência econômica e ampliando seu processo de empobrecimento. A vulnerabilidade social do Haiti é produzida e mantida por essa política colonial dos países que o exploram historicamente.

O povo e o país estão em uma condição de reféns dos norte-americanos, das ONGs internacionais e das várias Missões, com um atenuante, com o aval de mais de 150 países membros da ONU, que em 31 de março de 2010, reuniram-se em Nova York, com organizações internacionais, no que ficou conhecido como "Conferência de Doadores Internacionais Rumo a um Novo Futuro para o Haiti", esses países prometeram US$ 5,3 bilhões durante os próximos 18 meses, a partir de março de 2010, para iniciar o caminho do Haiti rumo à recuperação de longo prazo do terremoto de 12 de janeiro de 2010.

O ex-presidente Bill Clinton foi o enviado especial da ONU para o Haiti. Dando prosseguimento ao processo de recolonização do Haiti, agora mais vulnerável com o terremoto, de portas abertas para o aprofundamento da exploração. Nas palavras de LUBIN (2013, p. 77), "lembremos que se trata do mesmo Bill Clinton que reconheceu publicamente ter destruído a economia haitiana por meio das decisões tomadas durante seu mandato".

Bill Clinton passa a copresidir, juntamente com Max Jean Bellerive, então primeiro ministro do país, a Comissão Interina para reconstrução do Haiti. Centenas de ONGS se instalam no país, ampliando o contingente de ONGS que já atuavam no país antes do terremoto.

Conforme Lubin (2013, p. 78), até março de 2012, as Ongs, empresas privadas e agências humanitárias atuando no país, receberam 99% da verba destinada ao Haiti, dinheiro gasto conforme as prioridades definidas por estas organizações sem a participação do governo local ou do povo, enquanto o governo do Haiti só administrou 1% deste dinheiro, com a coparticipação do representante da ONU, Bill Clinton.

As instituições haitianas são marginalizadas na gestão da reconstrução de seu próprio país. A presença das ONGS na gestão de bens básicos como água potável, saneamento, definição das áreas de construção e reconstrução, gestão dos abrigos, dentre outros é prova desta marginalização. Enquanto houverem remessas de dinheiro para o Haiti as ONGS estarão lá, talvez, este seja um dos motivos de após cinco anos, o Haiti ainda configure como um dos países mais pobres do mundo e com a grande maioria de sua população vivendo abaixo da linha de pobreza, com

milhares de desabrigados ou vivendo em alojamentos sem um mínimo de infraestrutura.

Ainda assim, o que se vê no noticiário é que o país não saiu desta situação de desabrigo e pobreza, como é caso da notícia de um site da Organização Anistia Internacional: “Cinco anos depois de um terremoto devastador no Haiti, dezenas de milhares de pessoas continuam desabrigadas devido a erros na política do governo”.

Muitos são os equívocos em relação a essa condição do Haiti, como estamos discutindo o momento de recolonização do Haiti pelos Estados Unidos, enfocaremos algumas estratégias norte-americanas neste processo.

Com a orientação de instituições internacionais diversos governos haitianos assinaram vários acordos de cooperação com os Estados Unidos, acordos que serviriam ao combate ao desemprego, de cerca de 80% da população em média, e uma maior participação no mercado internacional (LOUIDOR, 2013, p. 24).

Através da Lei *Hope – Haitian Hemispheric Opportunity throgh Partnership Encouragement* de 2006, que estabelece a abertura ilimitada de intercâmbios comerciais entre os dois países, livres de impostos, principalmente de produtos têxteis provenientes de manufaturas, o que levou os norte-americanos a investiram em fábricas de roupas e sapatos no Haiti. As fábricas produziam as roupas e sapatos das marcas mais caras dos Estados Unidos, com mão de obra barata haitiana, recebiam etiquetas americanas e eram vendidas na América.

Conforme a Embaixada americana no Brasil, em 16 de fevereiro de 2010, o representante de Comércio dos EUA, Ron Kirk, anunciou um plano para estimular fabricantes de roupas e varejistas americanos a ajudar a reconstruir o Haiti, importando 1% de sua produção de vestuário do país devastado pelo terremoto. O setor de vestuário do Haiti era responsável por 75% das exportações do país e empregava mais de 25 mil haitianos antes do terremoto.

Apoiados pela Lei Hope e pela fragilidade do país com o terremoto, os Estados Unidos seguem com seu projeto de invasão, dominação e exploração do Haiti, realizando uma das maiores obras na “reconstrução” do Haiti, o parque industrial de Caracol, a Zona franca de Caracol, com total apoio do governo haitiano, a obra iniciou em novembro de 2011, são 250 hectares de construção.

As indústrias ali construídas terão investimentos estrangeiros, administradas por estrangeiros e exportadas para os Estados Unidos com juros zero. O que cabe ao Haiti é a oferta de mão obra barata para a manufatura, hoje,o operário das

indústrias de roupas americanas, já instaladas, pagam cerca de 5$ (cinco dólares) por dia aos trabalhadores.

Conforme Jerôme (2013, p. 121), esse parque será o maior e mais moderno do Caribe, além de ser o maior investimento estrangeiro no Haiti. Como o parque está sendo construído em uma área fértil da ilha irá destruir várias organizações de agricultores, as pessoas ganham menos na terceirização industrial do que na agricultura. Mas o projeto não pensa o Haiti, pensa apenas a exploração e o lucro para o colonizador.

Para o sociólogo haitiano Frank Seguy[4],

> A construção do espaço não é investimento do capitalista. O investimento para construir a fábrica é o dinheiro que vai para o Haiti em nome da ajuda ao povo haitiano. Se em alguma região do mundo a mão de obra for mais barata que a haitiana, a empresa não tem dificuldade em se mudar. O capitalista que está explorando a mão de obra haitiana não tem compromisso nenhum com o Haiti. Porque ele não tem nada a preservar ali (...). O Haiti é visto como espaço para produzir, não como espaço para consumir. O trabalhador haitiano na zona franca, que produz as camisas, jeans ou tênis nunca vai consumir esses produtos. Por quê? Porque o salário dele, o salário do haitiano hoje, é de 200 gurdes (cerca de US$ 5) ao dia. Quer dizer, está se utilizando do Haiti para produzir, mas não se enxerga o Haiti, o trabalhador haitiano, como um consumidor. (Jornal da Unicamp, 2014, Nº 594)

Todo o investimento em estradas, aeroportos e hotéis, são em função das fábricas e do transporte das mercadorias, as ações não visam o todo, mas apenas os fatores e pessoas que são úteis à produção e ao consequente envio das mercadorias aos norte-americanos no atendimento às suas necessidades de consumo para as fábricas. As necessidades do povo haitiano não entram na agenda.

Ao mesmo tempo que o país sofre intervenções econômicas, políticas e sociais é controlado militarmente pelas “Missões de Paz”, ao contrário do que se imagina no senso comum, essas missões controlam o país desde 1993 até 2004 com a MINUSTAH, que permanece até os dias atuais. Todas as missões, que ocuparam o Haiti nesse período, são acusadas de violação dos direitos humanos contra a população haitiana e de reprimir os movimentos sociais que lutam contra a ocupação e exploração da mão de obra e das riquezas do país pelos americanos.

---

[4]Entrevista do Sociólogo Franck Seguy concedida ao Jornal da Unicamp, 14 de abril de 2014 a 27 de abril de 2014 – ANO 2014 – Nº 594 – Campinas. Matéria: Ajuda internacional ao Haiti é “grande mentira” defende tese.

O Exército brasileiro foi enviado ao Haiti em junho de 2004 para assumir o comando da MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti, após a queda do então presidente Jean-Bertrand Aristide, que culminou com o seu exílio nos Estados Unidos. Essa missão permanece com os mesmos fins, a manutenção da ordem capitalista e repressão aos movimentos populares por seus direitos. De acordo com Frank Seguy (2014), o Brasil assume o comando da missão no Haiti para ganhar projeção no cenário internacional, tentar ocupar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU e para treinar suas tropas, nas palavras do sociólogo haitiano,

> Tiveram que vender a ideia de que o país estava em guerra e precisava ser pacificado. E desde que cheguei ao Brasil essa é a pergunta que me fazem: sobre a guerra do Haiti ou missão de paz no Haiti. Não, o Haiti nunca precisou de missão de paz, nunca teve guerra", disse. Além disso, o pesquisador lembra que o próprio nome da missão é de "Estabilização", não de paz. Ele compara a situação de desordem que levou à intervenção internacional no Haiti aos conflitos dentro das favelas do Rio de Janeiro. Esses conflitos existem, e justificam muitas coisas, mas não dá para dizer que o Brasil esteja em guerra e precise ser pacificado" (...)"Em 2008 houve movimentos contra o encarecimento da cesta básica e, em 2009, muitos movimentos operários pelo reajuste do salário mínimo. Qual o papel do Exército brasileiro em tais ocasiões? Repressão. O papel do Brasil é o papel policial, de reprimir qualquer movimento contra esta ordem que se está caracterizando no Haiti (Jornal da Unicamp, 2014, Nº 594).

A presença da MINUSTAH serve para manter o trabalhador disciplinado, enquanto as indústrias o exploram, o trabalhador é criminalizado no Haiti para justificar a presença da "Missão de Estabilização" mais conhecida como força de paz, PAZ para quem?

O Haiti vive, historicamente, em um contexto de dominação imperialista. As Américas, o Caribe, o Oriente, a Ásia e a África, também são tragados por esse domínio historicamente, mas o Haiti tornou-se uma "ilha", um local "privilegiado", onde os Estados Unidos podem implementar com a máxima tranquilidade, sob a ideologia da "Ajuda Humanitária".

De acordo com o Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães (2002, p. 23) – Ministro das relações exteriores do Brasil, os principais objetivos a serem alcançados com a implementação da grande estratégia econômica americana são:

1) Implantar um sistema internacional cujas normas garantam a mais livre circulação de bens, serviços e capital (mas não de trabalho);
2) Manter a capacidade de proteção de setores da economia americana ameaçados pela competição estrangeira;
3) Introduzir terceiros Estados a adotar instituições, normas de atividade e políticas econômicas semelhantes às americanas;
4) Garantir o acesso americano direto às fontes de matéria-prima essenciais à economia americana, em especial à energia;
5) Garantir a mais ampla liberdade de ação às empresas americanas que atuam em terceiros países;
6) Impedir a transferência de tecnologia que permita o surgimento de competidores efetivos nos mercados de ponta mais lucrativos.

A implementação desta estratégia econômica americana visa manter a influência hegemônica dos interesses americanos e elevar cada vez mais os níveis de bem-estar da população americana. O Haiti atualmente é o lócus paradigmático do domínio Americano, lugar onde os norte-americanos podem com frieza testar suas metodologias de domínio e exploração imperial.

Há uma estreita relação entre os processos históricos que formaram a sociedade haitiana e os deslocamentos dos haitianos. Estudar sobre a história do Haiti é também uma tentativa de entender a mobilidade haitiana e a relação dos haitianos com a(s) língua(as), o que certamente são fatores importantes na análise das relações entre brasileiros e haitianos no mercado de trabalho. A imigração, assim como suas implicações sociais, políticas, econômicas e linguísticas, só pode ser explicada como fenômeno social e histórico.

Seção 2 - DESLOCAMENTOS E LÍNGUA(S)

2.1 IMIGRANTES HATITANOS: FRONTEIRAS DENTRO E FORA

A luta contra a opressão colonial muda e define a história dos haitianos, sua organização política, social e sua mobilidade. A mobilidade do haitiano configura-se como uma luta pela sobrevivência e pela libertação do colonialismo.

Segundo Louidor (2013, p.29),80% doshaitianossão pobres ou miseráveis, estão desempregadas ou em subempregos. Essa vulnerabilidade da população haitiana forja as fronteiras internas do país, a grande maioria da população sobrevive nas “fronteiras” da exclusão, sem acesso à educação, à saúde, à moradia.

De acordo com Louidor (2013, p. 29-30), o Haiti conta com pouco mais de 10 milhões de habitantes, em sua maioria vítima de exclusão social, cerca de 375.000 crianças entre 6 e 11 anos não vão à escola, 50% dos jovens com mais de 15 anos são analfabetos e apenas 1% entram na universidade. Na saúde,metade das mulheres grávidas não tinham acesso ao atendimento médico antes do terremoto, o que se agravou depois do cismo, aumentando o índice de mortalidade infantil que em 2006 era de 670 para cada 100.000.

As fronteiras, para Sandro Mezzadra (2015, p. 20), não podem ser interpretadas apenas como lugar geográfico, elas são também construções sociais, políticas e simbólicas. Viver na fronteira é uma experiência para o haitiano dentro e fora de seu país.

Quando os haitianos fazem a travessia e entram em outros países, também não enfrentam apenas as fronteiras geográficas, mas as fronteiras sociais, políticas, linguísticas e culturais. A chegada dos haitianos no Brasil deflagrou um clima alarmista, discriminatório, etnocêntrico e xenofóbico, facilmente identificado nas mídias, que em alguns casos anunciavam a chegada desses imigrantes como uma invasão[5]. Em Brasiléia, no Acre, na fronteira, o clima inicial era de tensão. Esse

[5]ALGO DE MUITO SÉRIO ESTÁ PARA ACONTECER? Onde estão as famílias destes **milhares de invasores haitianos, senegaleses e congoleses?** http://rvchudo.blogspot.com.br/2015/04/algo-de-muito-serio-esta-para-acontecer.html
Invasão consentida: o vazamento das fronteiras brasileiras. http://www.militar.com.br/blog32121-Invas%C3%A3o-consentida-o-vazamento-das-fronteiras-brasileiras.#.VhsCt-xViko. Publicado em 03 de Abril de 2015.

clima traz luz às fronteiras que são impostas aos sujeitos em trânsito. Segundo Mezzadra,

> Usando os termos utilizados por Marx para definir o capital, poder-se-ia dizer que a fronteira não é uma “coisa” (por exemplo, um muro, uma cerca ou uma ponte), mas sim “uma relação social mediada pelas coisas”. Isso significa considerar as fronteiras como instituições sociais complexas, marcadas por tensões que se desenvolvem entre práticas de “fortalecimento” e práticas de “atravessamento” (MEZZADRA, 2015, p. 20).

O momento do encontro, da necessidade da travessia, evidencia uma dinâmica de fronteira que envolve os que chegam e os que os recebem. Nessa dinâmica, o princípio da desigualdade exerce grande força, a sociedade que recebe forma uma imagem, marcada por questões de raça, gênero e classe, onde figuras são construídas, assim como barreiras e fronteiras. São as tensões subjetivas que marcam as experiências migratórias contemporâneas. Até aqui eles podem ir, daqui em diante não, este é o espaço reservado para os imigrantes, seu limite. Embora não seja dito de forma explicita.

As fronteiras que são construídas, com a presença dos haitianos no Brasil, apresentam um desafio para os brasileiros, na medida em que também evidenciam nossas fronteiras e as barreiras etnocêntricas que temos que atravessar. Na Amazônia brasileira, em especial em Porto Velho – RO, a presença dos haitianos representa um espaço de negociação entre culturas e línguas tão diferentes, um entre-lugar, uma fronteira.

As fronteiras são forjadas no encontro, porque o que não é igual é sempre ameaçador, na medida em que, se aquele que é diferente de mim começa a viver junto, eu posso começar a pensar que aquilo que eu achei que quisesse não era o que eu queria. A presença do outro, sua cultura, sua língua, suas crenças e valores pode nos fazer duvidar se nós fizemos as escolhas certas, se nossas verdades são realmente verdadeiras, se nossos valores e crenças são os certos, então eu prefiro ficar longe. Por esse motivo, muitos não conseguem aceitar o convívio com o outro, porque ele pode mexer com todo nosso sistema de crenças e de tudo aquilo que nós acreditamos.

Os imigrantes formulam estratégias a partir de seus conhecimentos, suas línguas, cultura e trajetória, criando espaços em que se movem a partir de diversas

práticas sociais, forjando uma mobilidade espacial e social, que se materializa para além das fronteiras.

2.2 HAITIANO*ALETRANJE*: UM DEVIR PARA ALÉM DA DIMENSÃO ECONÔMICA.

Em uma palestra proferida por um haitiano, ele afirmou: “Eu estou aqui em Porto Velho, como poderia estar em qualquer lugar”, com esta frase, o haitiano Samuel Dorvilus, respondeu, para uma plateia de acadêmicos em Porto Velho - Rondônia[6], a duas perguntas que, segundo ele, muitos lhe fazem: “Por que você veio para cá? Qual o motivo de sua migração?”. Samuel, em sua fala, deixou evidente, o que em nossas pesquisas, já aparecia e nos inquietava, o fato de que a mobilidade haitiana é um constante devir. O povo haitiano é um exemplo clássico do desenraizamento, da mobilidade. No entanto, essa mobilidade não é forçada por um evento, como o caso do terremoto de 2010 e nem por um conjunto de eventos isolados.

O devir da migração haitiana, seu movimento pelo mundo, com certeza não será explicado nesta seção, talvez nem mesmo uma enciclopédia consiga explicar os sentidos e a lógica da migração haitiana, seu desenraizamento, seus deslocamentos internacionais tão esperados e sonhados por muitos haitianos que querem ser *dyaspora*[7]. Para Zygmunt Bauman (2011, p. 191), os estrangeiros, são, “por definição, um agente movido por intenções que no máximo podemos imaginar, mas nunca afirmar em definitivo”, o mesmo nos parece ser possível afirmar sobre os imigrantes haitianos.

---

[66]III Encontro das Integradas, “Porto Velho no Universo Intercultural”. 18 e 19 de maio de 2015. Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON.

[7]Usamos nesta afirmação o termo *dyaspora* conforme Joseph Handerson (2015 p. 40) “Neste sentido, o que significa *diáspora* para os haitianos *aletranje* e no Haiti? O termo *diáspora* é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo *diáspora* é utilizado para referir aos compatriotas residentes *aletranje*, mas que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior: *Diaspora ki jan ou ye*? (*Diaspora*, como você vai?). O campo semântico e polissêmico do termo está articulado por três verbos associados a*diaspora*: “residir” no exterior, “voltar” ao Haiti e “retornar” ao exterior. As músicas haitianas produzidas *aletranje* são chamadas músicas de *diaspora*. As roupas enviadas são chamadas *raddiaspora* (roupa *diaspora*); o dólar americano e o euro, *lajandiaspora* (moedas *diaspora*); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos etc), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes etc) do exterior com os do país, são denominadas *kay diáspora* (casas *diaspora*). A categoria *diaspora* também serve para qualificar ações, como nas expressões: *W’apfèbagay diáspora* (Está fazendo coisa de *diaspora*), *Ou sèvi tankoudiaspora*, (Você funciona como *diaspora*), *Ou aji menmjanak diáspora* (Você age da mesma forma que *diaspora*).”

A ideia do devir,da perpétua mutabilidade de todas as coisas, foi defendida por Heráclito, filósofo do período cosmológico grego, na Antiguidade, que enfatizou o caráter mutável da realidade. A noção de fluxo universal, todavia as transformações que integram o fluxo universal não significam desgoverno e desordem, para ele o caminho para o alto e para baixo são um e o mesmo, tudo é um "vir-a-ser" ou um "devir". Para Aristóteles, todo ser é um ser em potência que se tornará em ato sem deixar de ser um Ser.Por ser um devir o Ser modifica-se para permanecer o mesmo. O imigrante haitiano não pretende tornar-se outro, ou aculturar-se[8], na mobilidade ele se afirma como haitiano.

Ainda em seu discurso, o haitiano Samuel Dorvilus, afirmou que enquanto estiver fora de seu país, pretende trabalhar e se preparar, materialmente e intelectualmente, para quando seu país precisar dele, possa contribuir com a sua pátria, com sua família. O Haiti, para os haitianos, é algo muito caro, poucas coisastem tanto valor quanto sua terra, sua gente, sua família. O desenraizamento haitiano não significa, para ele, uma ruptura, mas um fortalecimento com seus laços familiares, ele sai dopaís para fortalecê-lo, para mantê-lo vivo.

As pesquisas sobre migração têm um grande desafio, como afirma Sidney Antônio da Silva (2012, p. 9), "o grande desafio que se apresenta aos estudiosos é compreender a complexidade de questões que o fenômeno da migração enseja, situando-o para além de sua dimensão econômica e demográfica". A imigração haitiana apresenta-se como um desses desafios.

Segundo Scaramal (2006, p. 96), a diáspora haitiana pelo caribe se inicia no século XX, a República Dominicana foi o primeiro país a receber contingentes de imigrantes haitianos, ainda nos primeiros anos deste século, Cuba, Bahamas, as Ilhas Turks e Caicos, também receberam um importante contingente de imigrantes haitianos. Nas últimas décadas do século XX, há registros, ainda, de uma presença menor de imigrantes haitianos nas Guianas e na Venezuela. A partir da década de 1980 os Estados unidos passaram a receber uma presença massiva de haitianos.

A precariedade e a vulnerabilidade levaram um terço da população haitiana a viver na diáspora. Cuba, Estados Unidos, França e Canadá são os destinos

[8]Aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos *(patterns)* culturais iniciais de um ou dos dois grupos(CUCHE. 1999,p. 115).Esse conceito refere-se a absorção de uma cultura para outra. No processo de aculturação ocorre uma conformação dos padrões culturais aos da "cultura dominante", alterando o modo de vida da cultura dominada.

preferidos, além da República Dominicana, nestes lugares as comunidades haitianas estão consolidadas. Um grande fluxo migratório de haitianos chega ao Brasil em 2010. Vale salientar que antes desse contingente importante que chega a partir de 2010, o Brasil já recebia haitianos que vinham em menor número, como estudantes e outros. Segundo pesquisa realizada pelo CNIG, cerca de 30 mil haitianos viviam no Brasil em 2014. Desses, 19 mil entraram via cidade de Brasiléia, no Acre. Os demais entraram regularmente, com visto humanitário, pelos aeroportos brasileiros. De acordo com Handerson,

> Cerca de 7 mil desses últimos citados passaram pela Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru entre 2010 e 2013 e, atualmente, seriam entre 35 a 40 mil no Brasil, em uma população migrante registrada e estimada em 1,5 milhão no universo da população local de 202 milhões (HANDERSON, 2015, p. 41).

Para esse autor, a dinâmica da mobilidade dos haitianos no Brasil é singular uma vez que em boa parte dos casos não foram eles que, por meio de informações e de uma rede, definiram seus destinos para o trabalho, sua mobilidade foi definida pelos empregadores e suas demandas.

> Assim, uma das singularidades da mobilidade haitiana no Brasil é o seu atingir rápido os estados geográficos. Em quatro anos, os haitianos já estão em aproximadamente 15 estados dos 26 existentes, além do Distrito Federal. Geralmente, para os grandes centros do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul etc. A difusão espacial da mobilidade haitiana no país merece uma análise aprofundada. A minha hipótese é terem as lógicas das redes de trabalho e os contratos de empresas das diversas regiões brasileiras influenciado e impulsionado essa difusão (HANDERSON, 2015, p. 168).

Os pesquisadores Cotinguiba e Pimentel (2014) relataram a experiência vivida em Brasiléia no Acre, onde na época (2012), acompanharam a contratação e o envio dos haitianos que entravam no Brasil, corroborando com Handerson no que tange à mobilidade haitiana no Brasil.

> Nossas conversas eram frequentemente interrompidas pelo toque do seu telefone celular, ora para atender jornalistas de diferentes partes do país, ora para dar explicações a empresários que buscavam informações sobre o perfil profissional dos haitianos, para envio de dinheiro para custeio do traslado para outros estados, para a seleção

> de outros para determinados ramos de trabalho, como construção civil, fazendas ou frigoríficos. Nesse contexto, vimos dois empresários de Porto Velho que estavam na cidade à procura de alguns profissionais para o ramo de climatização e também conhecemos uma empresária de Santa Catarina que lá estava para contratação na área da construção civil (PIMENTEL& COTINGUIBA, 2014, p. 46).

Uma das questões que inquietavam os estudiosos quando da chegada dos haitianos ao Brasil eram os motivos da migração, o que levou os haitianos a escolherem o Brasil como novo destino migratório? Como enfatizamos anteriormente as razões são inúmeras, sem nos determos nas questões subjetivas, Zamberlam (2014, p. 22), apresenta-nos nove razões que motivaram a migração haitiana para o Brasil:

1. Acordo Básico de Coopera Técnica e Científica entre o Governo do Brasil e o Governo do Haiti em 2004;
2. Presença de militares brasileiros na Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH);
3. Declaração de apoio humanitário e acolhida aos que haitianos que desejassem emigrar para o Brasil, por parte de autoridade brasileira após o terremoto;
4. Investimento de empresas nacionais no Haiti;
5. Presença de instituições sociais brasileiras na fase do pós-terremoto;
6. Fácil absorção de mão de obra no Brasil;
7. Facilidade legal parta obtenção do visto de residência (Visto Humanitário);
8. Imagem positiva do Brasil como terra acolhedora e
9. Influencia dos meios de comunicação para motivar familiares e amigos virem para o Brasil.

Para realização de nossa pesquisa fez-se necessário conhecer o perfil dos imigrantes residentes em Porto Velho. Os motivos de suas migrações. Os dados disponíveis sobre o perfil dos haitianos em Porto Velho datavam de 2014, por esse motivo, em maio de 2015 coordenamos uma pesquisa através do Núcleo das Disciplinas Integradas UNIRON - NDI, na qual foram aplicados 350 questionários com imigrantes haitianos residentes em Porto Velho. O espaço de estudo foi delimitado considerando as residências dos imigrantes localizadas nas quatro zonas da cidade, zona Norte, zona Sul, zona Leste e zona Oeste. O objetivo da pesquisa

era proporcionar uma visão geral do perfil dos haitianos residentes em Porto Velho e aproximar a comunidade acadêmica da comunidade haitiana, por meio do conhecimento e do exercício da alteridade.

Os dados levantados indicaram que há presença de haitianos em Porto Velho desde 2010 e que esse contingente está voltado mais para o trabalho.

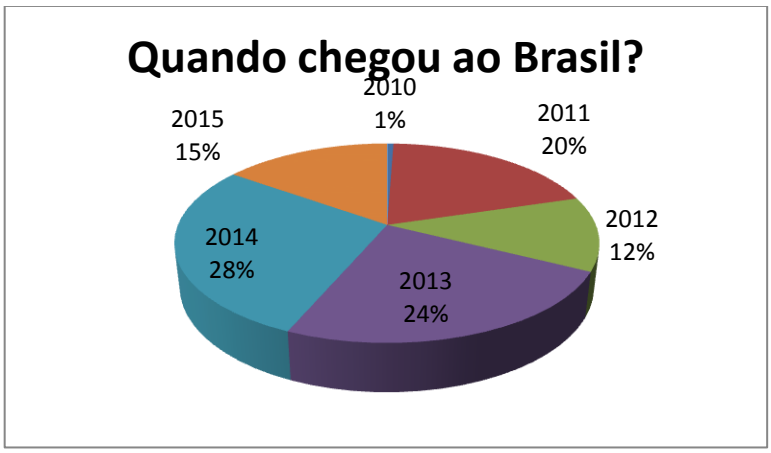

Gráfico 1. Ano em que chegou ao Brasil. 350 questionários, aplicados em maio de 2015 em Porto Velho - RO.

Conforme o gráfico, a maioria dos pesquisados, 28%, chegou ao Brasil em 2014. Os anos de 2011 e 2013 receberam um número muito próximo de imigrantes, 20% em 2011 e 24% em 2013; 12% em 2012, 15% em 2015 e 1% em 2010. Antes do grande fluxo de 2011, já existia a presença de haitianos em Porto Velho.

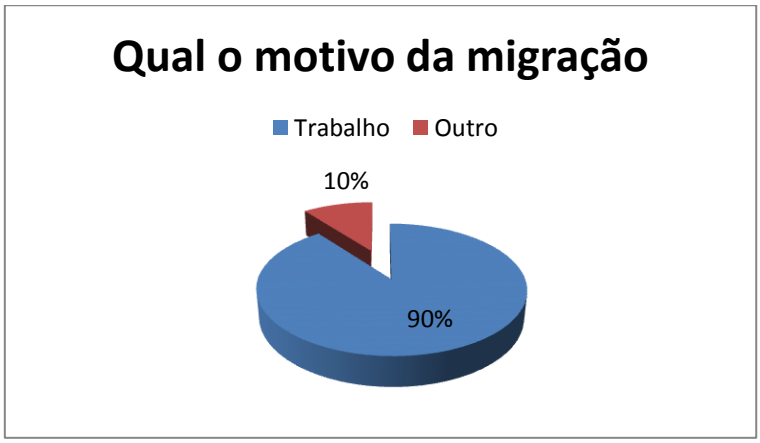

Gráfico 2. Qual o motivo da migração? 350 questionários, aplicados em maio de 2015 em Porto Velho - RO.

O fluxo de haitianos em busca de trabalho na cidade intensifica-se em 2011. A principal entrada desses imigrantes se deu pela fronteira da Bolívia com o Acre, chegando a Porto Velho para o trabalho na área de construção civil, aquecida pela construção de duas grandes usinas hidrelétricas na região. Entre os motivos

apresentados pelos imigrantes pesquisados a maioria absoluta informou que o motivo para a migração foi o trabalho, 90% afirmou que o motivo da migração é o trabalho e apenas 10% informou que os motivos são outros.

Outro dado levantado foi quanto à faixa etária, nesse prevalecem os imigrantes entre 25 a 44 anos 76%, a faixa etária entre 17 e 24 anos é 17% e de apenas 7% com idade acima de 45 anos. A predominância da faixa etária entre 25 e 44 anos, idade ativa para o trabalho, demonstra a migração de uma categoria de trabalhadores jovens, que caracterizam os primeiros fluxos migratórios. Ainda é importante salientar que após quatro anos de migração a predominância masculina é grande, 77% são homens e 23% mulheres.

Os dados corroboram com o conceito de imigrante de Sayad (1998, p. 54), para qual, "um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho temporária, em trânsito". Para esse autor, foi o trabalho que fez "nascer o imigrante que determina sua existência, o seu ser, a ausência do trabalho representa o não-ser do trabalhador sua "morte".

2.3 – CRIOULO: SÍMBOLO DA IDENTIDADE HAITIANA

São muitos os fatores que tornam o estudo das questões linguísticas, em um encontro entre brasileiros e haitianos uma questão singular. A língua é um dos elementos constitutivos da identidade haitiana. Para Cotinguiba e Cotinguiba (2014, ps. 67- 68) a identidade haitiana é constituída por alguns símbolos: a exclusão da faixa branca da bandeira e a junção do azul e do vermelho, representando a união entre o negro e o mulato; O nome *Ayiti*, "terras de montanhas", em homenagem aos povos indígenas da terra que foram dizimados pelos colonizadores; o vodu como marca de resistência e a língua, o *Kreyòl Ayisyen.* Esses elementos, para os autores, tornam-se os mais importantes símbolos da identidade haitiana.

Franck Seguy (2014), sociólogo haitiano, em sua tese de doutorado*, A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional Comunitária" e a recolonização do Haiti*, ressalta que o Haiti é a única ex-colônia onde o povo não fala somente a língua do antigo colonizador, os haitianos falam o crioulo e apenas uma elite letrada fala o francês. Esse fato em um mundo marcado pelas colonizações e domínios de povos, não é um fato de pouca importância. No mundo colonizado, o colonizador impõe a sua língua como única, como é o caso do Brasil – as demais línguas sendo

relegadas, quando sobrevivam, ao domínio de dialetos. Para o autor (2014, p. 241), “apenas seres humanos têm língua (falada e escrita) e os brancos europeus, por terem considerado os negros como não sendo seres humanos, se encarregavam de fundar a crença de que eles não tinham língua própria, mas apenas dialetos”.

A independência do Haiti teve como marco principal o Congresso de *Bois-Caïman*, na noite de 14 de agosto de 1791. Para Seguy (idem, p. 237) esse foi um dos congressos políticos mais importantes, já realizados, contra a visão do mundo promovida pela ideologia da modernidade/colonialidade. O discurso proferido por *Bwakayman* naquela noite, em *kreyòl*– o créole haitiano, revela a diferença fundamental entre a visão de mundo do colonizador e dos haitianos que na época estavam na condição de trabalhadores escravizados,

> *O Bom Deus que criou o sol que nos ilumina do alto*
> *Que subleva o mar e faz retumbar o trovão*
> *Escutai bem, vós:*
> *Este Bom Deus escondido nas nuvens está olhando para nós*
> *Ele vê o que estão fazendo os brancos.*
> *O deus dos brancos só quer crime,*
> *O nosso quer apenas bem-estar.*
> *Mas este Deus tão bondoso ordena a vingança!*
> *Ele guiará os nossos braços, nos assistirá.*
> *Jogai fora a imagem do deus dos brancos que está com sede de nossas lágrimas*
> *E escutai a voz da Liberdade que está falando ao nosso coração!*(SEGUY, 2014, p. 237-238)

Na visão do autor, para quem não fala o crioulo haitiano como língua nativa, pode ser um pouco difícil perceber na sua profundidade a emoção contida nesse discurso. A identidade do povo haitiano está intimamente ligada a questão linguística, sua resistência, sua luta contra o colonizador tinha como marca a luta pela sua língua e por meio dela o resgate de sua história e de sua cultura.

Quando o Haiti tornou-se independente, o francês foi legalmente decretado, por Dessalines, a língua oficial da Ilha. De acordo com Cotinguiba e Cotinguiba (2014, p. 68), o crioulo continuou vivo, pulsante no Haiti, o que levou, após incessantes lutas empreendidas por linguísticas e intelectuais, desde a década de 1930, na Constituição de 1987, a oficialização do crioulo haitiano como língua oficial do Haiti.

Segundo Rosa (2006),

> É necessário destacar que a oralidade kreyòl, idioma construído pelos negros escravizados, expressa muito mais do que a mera existência de dois idiomas nacionais. Indica, sobretudo, a hierarquização entre grupos bilíngues e monolíngues. Os primeiros tiveram necessariamente acesso à escolarização formal e acumularam capital social suficiente para a procura das melhores rotas de imigração, já que o Haiti contemporâneo não é capaz de oferecer chances reais de empregabilidade a seus cidadãos. O grupo monolíngue, contudo, falante exclusivo do kreyòl, está mais exposto ao isolamento interno à própria nação haitiana (ROSA, 2006, p. 19).

A língua no Haiti, como se percebe na fala de Rosa, também é um marcador social, uma vez que o francês é falado por aqueles mais escolarizados e pertencentes às famílias de classe média e alta. Nas classes mais baixas, o francês é praticamente inexistente. Conforme Rosa (2006, p. 1), no Haiti os critérios de desigualdade extrapolam a oposição branco/negro, produzindo dicotomias entre negros e mulatos, letrados e não letrados, porto princenses e camponeses, falantes de *kreyòl* e falantes do francês.

Segundo Rodrigues (2008, p. 7), com a constituição de 1987, em que o francês e o crioulo tornaram-seco-oficiais, o Estado haitiano foi obrigado a publicar todos os documentos oficiais nessas duas línguas.Com uma população constituída por 95% de negros, 5% de mulatos e brancos, estima-se que apenas 5% da população haitiana fala o francês, isto significa que praticamente toda a população do país tem o crioulo haitiano como língua primeira.

Para o autor, o artigo 5º da constituição de 1987, que diz, *“Todos os haitianos estão unidos por uma língua comum: o crioulo. - O crioulo e o francês são as línguas oficiais da República,”*revela que,

> Trata-se do reconhecimento público diante de um país e do mundo de um fato inegável: toda a população do Haiti é crioulófona. Isto significa dizer que todos os haitianos, enquanto seres pensantes, dividem um instrumento comum de reflexão, de pensamento, de raciocínio, de apreensão do real, de interpretação de fatos, sentimentos, sensações. Este caminho comum da atividade intelectual, moral, psicológica e sensorial cria a possibilidade de uma comunicação direta, imediata, sem intermediário, de pessoa a pessoa, de indivíduo a indivíduo, sobre os 27.750 Km2 do território nacional. Em crioulo, um haitiano pode, em princípio, comunicar-se com qualquer outro haitiano. Os haitianos de todas as crenças, de todas as religiões, de qualquer opinião política, com qualquer nível de escolaridade ou de conhecimentos teóricos ou práticos, possuem o mesmo sistema linguístico fundamental com a complexidade de sua fonologia, de sua sintaxe, de sua morfologia, de sua semântica.

> Concretamente, todos os haitianos, de todos os cantos e recônditos do Haiti, podem falar crioulo entre si (RODRIGUES, 2008, p. 74).

Outro fator que torna a questão linguística algo singular, em se tratando do povo haitiano,é a diáspora, como já salientamos em outro momento do nosso texto, a mobilidade é constitutiva do povo haitiano. Suas histórias são forjadas direta ou indiretamente peloscruzamentos entre línguas e culturas. Conhecer várias línguas é uma realidade e um desejo de muitos haitianos, assim como é um desejo ser reconhecido em seu país como *dyaspora.*[9]

2.4 LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

Para realizar este tópico, partiremos do conceito de língua extraído da obra do pensador russo Mikhail Bakhtin (2002), para quem a natureza da língua é dialógica, toda enunciação é fruto da interação entre os falantes e da situação social em que a fala é elaborada. Observando que, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, com a fundação da Linguística Moderna, e, sobretudo, com a publicação do Curso *de Linguística Geral,* em1916, outros pesquisadores, entre eles John L. Austin, John Searle e H.P. Grice da pragmática linguística e Bakhtin empreendem estudos para além da língua, enquanto estrutura formal.

Assim, os estudos contemporâneos da Linguística, por meio de seus campos como, a Sociolinguística, Psicolinguística, a Linguística do texto, a Análise do Discurso, dentre outros, ampliaram o objeto de estudo da linguagem que tradicionalmente fazia o exame da língua em uma perspectiva estrutural e gramatical, para uma perspectiva de estudo da língua como fenômeno da integração social por meio da linguagem.

Dizer que a língua é um processo de interação, significa dizer que por meio da língua os falantes não apenas exteriorizam seus pensamentos, não apenas realizam uma comunicação, mas realizam ações, atuam sobre os outros, ou seja, é pela linguagem que produzimos sentidos. Só existe língua onde houver a possibilidade de comunicação, de interação social. Para Bakhtin (2002), a natureza da língua é dialógica, toda enunciação é fruto da interação entre os falantes e da situação

[9]Conforme Handerson (2015, p. 25) ***Diaspora ou dyaspora:*** É um termo polissêmico. Geralmente, a palavra é utilizada para designar os haitianos residentes no exterior e que voltam ao Haiti. É nesse sentido que estamos usando no texto. Segundo o autor o termo também é utilizado como adjetivo para qualificar objetos, dinheiro, casas e ações.

socialem que a fala é elaborada, nesse sentido, a enunciação não existe fora de um contexto social, portanto é ideológico, não pode ser atribuída apenas ao falante. Assim para o autor,

> Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *tanto as formas dos signos são condicionadas pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo (BAKHTIN, 2002, p 44).

Para o estudo do *corpus*deste trabalho recorremos à linguística porque tratamos da língua falada em um contexto determinado, procurando problematizar vários de seus aspectos. Esse contexto pode ser análogo a muitos outros. Nesses termos, conforme Bárbara Weedwood (2002, p. 10), a linguística tende a priorizar as línguas faladas e os problemas de analisá-los num dado período de tempo. A língua que a princípio era uma ferramenta tornou-se um objeto de estudo. Desse modo, a linguística estuda a linguagem em todos os seus aspectos.

Nas sendas de Bakhtin(2002), a partir de uma perspectiva sociointeracionista, é preciso enfatizar que a língua e a cultura estão imbricadas, existe uma interdependência entre linguagem e conhecimento, entre o cultural e o emocional na linguagem, assim, em um contato entre línguas e culturas, em um contexto migratório, temos implicações linguísticas que vão além da língua enquanto ferramenta de comunicação.

Mikhail Bakhtin (2002) enfatiza a urgência de se considerar a língua como uma atividade social, pois sua existência se funda nas necessidades de comunicação, em que o importante não é o enunciado, o produto, mas a enunciação, o processo verbal, o ato de falar.

Ainda segundo o autor, todo signo é ideológico, a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, portanto, toda modificação da ideologia acarreta uma modificação da língua. A mudança na língua dá-se por leis externas de natureza social. Compreende-se, então, que a língua não pode ser analisada como um sistema abstrato, uma estrutura rígida, mas como algo vivo, que se constrói na história e está vinculada a condições de interações sociais específicas onde cada grupo social tem seu próprio repertório. É pela fala que pessoas reais, em situações reais, realizam enunciados.

Em um contexto migratório, assim como em qualquer situação, a aprendizagem da língua se faz independente da escolarização. O conhecimento de uma língua se realiza por meio das experiências sensoriais, da observação do uso que os outros fazem da língua, das interações sociais. O processo de conhecer uma língua é para Terra,

> Um processo dinâmico que vai além da compreensão racional de como ela funciona. Conhecer uma língua é saber usá-la. De que adianta conhecê-la se não pudéssemos usá-la? Conhecer uma língua é saber tirar dela todas as possibilidades para uma comunicação ampla em qualquer situação. É ter consciência de que ela é um fato social (não existe sociedade sem língua), de que ela existe independente de nós (TERRA, 2010, p. 106).

Assim, conhecer uma língua é entrar em contato com o pensamento do outro, com sua cultura. Ao mesmo tempo, que é um processo de interpretação, de (re)significação, que envolve o reconhecimento dos efeitos de sentido diversos e a percepção das intenções daquele que fala, o que implica dizer que o encontro e a tentativa de aprender outra língua, por parte do imigrante, significa habitar em outra língua-cultura, o que para Revuz (1997, p. 217), perturba, questiona e modifica aquilo que está inscrito em nós.

Bakhtin rejeita a natureza individual da fala e enfatiza sua natureza social. Terra, por sua vez, ao discorrer sobre o conceito de língua, linguagem e fala, no que tange a sua diversidade, não discorre sobre a natureza da língua, mas enfatiza além do seu caráter social, o caráter individual, a fala, na qual a forma como um falante individualmente utiliza-se da língua é diferente dos demais,

> A realização da língua por meio da fala, dado o caráter individual desta, determina usos particulares – ou seja, na medida em que cada falante, ao utilizar a língua, o faz de maneira peculiar, podemos observar usos diversos de uma mesma língua, em todos os seus níveis: fonológico, sintático, semântico etc. (TERRA, 2010, p. 54).

Esse caráter individual da língua é responsável pela sua diversidade, nestes termos, os usos diversos da língua, concretizados na fala, acompanham as transformações da sociedade, essas transformações ocorrem, entre outras situações, no contato com outras línguas. Nesses contatos ocorrem, entre outros fenômenos, os empréstimos linguísticos, que se caracterizam pela incorporação em

nossa língua, na forma original ou modificada, de palavras provenientes de outros idiomas.

2.5 ENCONTRO ENTRE LÍNGUAS-CULTURAS: UM LUGAR DE NEGOCIAÇÃO E HIBRIDISMO

Ao discutirmos o encontro entre língua-cultura não podemos deixar de nos apoiarmos nos estudos da sociolinguística que traz luz à relação entre língua e sociedade. Segundo Alkmim (2001 p. 31), “o objeto da sociolinguística o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Para a autora, o ponto de partida da sociolinguística é a comunidade linguística, senão vejamos nos termos da própria autora,

> *Comunidade linguística,* um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIM, 2001, p. 31)

A identidade social de uma comunidade se dá especialmente pela língua. Os *status* e os papéis sociais assumidos pelos indivíduos dentro de sua comunidade de fala irão determinar suas escolhas de variações linguísticas em situações concretas de comunicação. O contato entre línguas, nesse sentido, pode acarretar vários fenômenos que podem afetar a comunidade de fala e seus indivíduos.

No contexto da experiência migratória, os fenômenos linguísticos afetama comunidade de fala, seus indivíduos e os imigrantes.Segundo CALVET (2002), o resultado dos contatos entre línguas é o plurilinguismo. Para o autor,

> Torna-se evidente que o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade (CALVET, 2002, p. 35).

Para Calvet, existem dois tipos típicos de plurilinguismo, o primeiro se dá quando um estrangeiro está de passagem em uma comunidade e lança mão de uma terceira língua, que tanto ele como a comunidade em que se encontra conheçam, é a língua veicular, nos termos de Calvet (2002), língua veicular define-se por ser:

> *uma língua utilizada para comunicação entre grupos que não têm a mesma primeira língua.* (...) Em todos os casos, a emergência de uma língua veicula é a resposta que a prática social e comunicativa dos falantes dá ao problema posto pelo plurilinguismo da comunidade. Essa resposta pode se traduzir em duas formas diferentes:- a língua veicular pode ser a língua de um dos grupos em presença (...);- a língua veicular pode ser uma língua criada, língua compósita com empréstimos de diferentes códigos em presença (CALVET, 2002, p. 57).

Outro tipo de plurilinguismo acha-seno caso da pessoa que tem a intenção de permanecer na comunidade, sendo necessário adquirir a língua desse novo espaço de acolhida. Como, por exemplo, podemos citar o caso, dos trabalhadores imigrantesque, subjetivamente e objetivamente,acarretam necessidade de adquirir a língua. Essa situação acontece tanto com um indivíduo quanto com um grupo de imigrantes, como é o caso do *corpus* deste trabalho.

Na sociedade de acolhimento, o imigrante necessita, além de falar, reconhecer os tipos de linguagens que podem ser usados para cada situação particular. Reconhecer a realidade social e interpretar o contexto da fala, ou seja, ele tem que ter uma competência sociolinguística, capacidade de se comunicar de forma apropriada ao contexto, considerando os participantes da fala.

Na análise sobre o encontro entre línguas-culturas, Homi Bhabha (1998) defende que o contato intersubjetivo e intercultural, em qualquer circunstância, é um processo criativo em permanente tensão e negociação. Uma oportunidade de contestação, de transformação, a partir de novas dinâmicas, em que atuam experiências diferentes e forças diferentes, forjando, a partir desse processo, uma nova realidade heterogênea, sem que haja uma hegemonia de uma sobre a outra.

As negociações entre as culturas ocorrem nas territorialidades transitórias, nas experiências fronteiriças, no entre-lugar, onde as culturas se reorganizam e são traduzidas. Ainda segundo Bhabha (1998, p. 20),"é na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença - que as experiências

intersubjetivas e coletivas de *nação [nationness],* o interessecomunitário ou o valor cultural são negociados".

> Esses "entre-lugares"fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signosde identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

O conceito de entre-lugar, em Bhabha, ajuda-nos na compreensão do momento do contato entre imigrantes e a sociedade que o acolhe, possibilita um entendimento maior dessa dinâmica da mobilidade, que transforma o contexto da sociedade contemporânea,seu movimento fundador de novas imagens, novas verdades, evidenciando múltiplas forças e presenças no que ele define como "local da cultura".

Como veremos nos excertos de nossa análise, a presença dos haitianos no Brasil, em especial em Porto Velho, exigiu da sociedade e das empresas uma nova ética nas relações sociais e profissionais. A imigração – o deslocamento social – é um momento de trânsito em que diferentes culturas se cruzam, encontram-se e produzem um complexo processo de iniciações extraterritoriais. O imigrante age como um explorador, ou seja, ele precisa explorar o novo território, a nova cultura, a nova língua. A sociedade de acolhimento não sabe muito bem como recebê-lo, ambos experimentam uma sensação de desorientação diante do estranho, do novo e do outro.

> O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retorna o passado como causa social ou precedente estético; ele renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Esse encontro com o outro leva-nos a um encontro conosco, com a nossa história e vice-versa. As histórias passam, também, a serem ressignificadas, assim como a cultura, a língua e o discurso dominante, da tradição, dos paradigmas e dos padrões. O próprio conceito de culturas nacionais passa por um profundo processo de redefinição.

> [...] o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir caminho à conceitualização de uma cultura *intemacional,* baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura. Para *esse* fim deveríamos lembrar que o "inter" - o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar*- que carrega o fardo do significado da cultura (BHABHA, 1998, p. 69).

Desse modo, no entre-lugar (tensionado) a homogeneidade cultural suposta, cede lugar ao hibridismo cultural, que surge como resistência à dominação e como uma releitura do passado. Nesse sentido, é no entre-lugar e nas negociações entre as culturas que o nacional é desterritorializado, a ideia de uma cultura pura, homogênea perde força e desaparece.

É em face dessa percepção que Canclini (2008, p. 309) define desterritorialização como “a perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais” e reterritorialização como “relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. O autor assinala que nesse processo de desterritorialização e reterritorialização, não se apagam os conflitos e não desaparecem os questionamentos a respeito da identidade e do nacional. Ao mesmo tempo em que repensa-se com mais tolerância a autonomia de cada cultura, geram, a miúde, conflitos violentos, como agressões aos imigrantes recém-chegados, discriminação nas escolas e no trabalho (idem, p. 326).

Se, por um lado, Canclini justifica o fenômeno da desterritorialização no seu aspecto geográfico e social; por outro lado, Bhabha o fará apelando para o aspecto antropológico. Verificamos que ambos os autores chegam a mesma conclusão, mas o fazem por veredas diferenciadas. Para Bhabha (1998), o hibridismo cultural é forjado no entre-lugar, na mobilidade de interesses, a partir de reinterpretações cotidianas de práticas como morar, falar, se alimentar, trabalhar, cozinhar, entre outras, que são reconfiguradas. Os sujeitos que protagonizam esse processo, alteram o que está posto, transformando o que lhe é dado, descentralizando a cultura, a partir de uma ação de reconstrução do que está (im)posto. Possibilitando uma coexistência na fronteira,

> A cultura migrante do “entre-lugar”, a posição minoritária, dramatiza a atividade da intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho do assimilacionista, ou do pesadelo do racista, de uma “transmissão

> total de conteúdo", em direção a um encontro com o processo ambivalente de cisão e hibridização que marca a identificação com a diferença da cultura (BHABHA, 1998, p. 308).

Nessa mesma direção, Néstor G. Canclini (2008) afirma que a hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas. Os novos fluxos, as migrações multidirecionais são um dos fatores que relativizam o paradigma binário e polar na análise das relações interculturais, possibilitando uma produção cultural dinâmica, livre do unidirecionamento da dominação imperial. Ressalta mais uma vez o aspecto geográfico de sua análise.

Para Canclini (2008), é necessário que se desmoronem todas as categorias e pares de oposições convencionais em relação à cultura – subalternos/hegemônicos, tradicional/moderno. As novas modalidades de organização da cultura de hibridização das relações sociais reclamam outros instrumentos conceituais, uma vez que as manifestações culturais nascem dos entrecruzamentos entre culturas, classes, etnias e nações.

As culturas, para Canclini (2008, p.304), "já não se agrupam em grupos fixos e estáveis". Quando separamos a cultura em grupos rígidos promovemos a desigualdades. É no hibridismo, nos entrecruzamentos irreverentes, nas fronteiras, que relativizamos os fundamentalismos, que absolutizam certos patrimônios e discriminam os demais. Assim, Canclini destaca que todas as culturas são de fronteira,

> Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento (CANCLINI, 2008, p. 348).

O hibridismo cultural inaugura uma nova concepção sobre a sociedade e sobre a cultura. As relações sociais, as culturas, as línguas, passam a ser analisadas, não mais por uma concepção vertical e polar, mas em uma perspectiva descentralizada e multideterminada, certamente este deslocamento de concepção causa resistências e tensões traduzidas pela hibridez linguística.

A tensão e a hibridez linguística manifestam-se através dos imigrantes no processo de migração, a qual tem como marca inicial a fronteira. Essa tensa hibridez

se traduz na co-presença e na coexistência de línguas e culturas, as quais começam a evidenciar o seu processo. Conforme Bhabha, a fronteira é o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente, na fronteira o imigrante experimenta

> o estranhamento *lunhomeliness]* - que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.Estar estranho ao lar *[unhomedl* não é estar sem-casa *[homeless];* de modo análogo, não se pode classificar a "estranho" *[unhomely]* de forma simplista dentro da divisão familiar davida social em esferas privada e pública. O momento estranhomove-se sobre nós furtivamente, como nossa própriasombra, e, de repente, vemo-nos como a Isabel Archer deHenry James em *Portrait of a Lady*[Retrato de uma Dama],tomando a medida de nossa habitação em um estado de "terrorincrédulo" (BHABHA, 1998, p. 29).

O estranhamento é, portanto, o sentimento que move as relações extraterritoriais e interculturais dos imigrantes no entre-lugar. O imigrante, assim como o nativo, inicia com o estranhamento um processo de negociação, de tradução, de ressignificação da cultura. A aprendizagem da língua também acontece nesse processo de estrangeiridade da tradução cultural, no encontro entre as línguas, essa tradução só é possível em um espaço,

> Que embora em si irrepreensível, constitui as condições discursivas que garantem que os significados e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (BHABHA, 1998, p. 68).

Nesse sentido, do encontro entre línguas emerge, consequentemente, o hibridismo cultural, a partir da negociação dos significados e de sua tradução. As línguas, como ação, não apenas comunicam, elas representam histórias, culturas, valores e crenças. Nesse contexto, a cultura manifestar-se-á nas figuras do trabalho.

Articularemos esses conceitos na medida em que analisaremos os dizeres dos sujeitos, a partir dos excertos. No entanto, ressaltamos que procuraremos identificar indícios das implicações linguísticas em uma determinada situação e em um determinado tempo, apontando as implicações das língua(gens) que emergem das circunstâncias e das relações entre os sujeitos.

Seção 3 – OS CAMINHOS DA PESQUISA

3.1 O CAMPO

O fenômeno da imigração de haitianos em Porto Velho em 2011 deu início a muitas ações por parte do governo e da sociedade, muitas instituições religiosas e educacionais desenvolveram ações de acolhimento aos haitianos recém-chegados. Nesse mesmo ano, integramos um projeto de extensão da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Projeto *Migração internacional na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho*. Em 2013 passamos a integrar Grupo de Pesquisa Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira, ambos sob a Coordenação da professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba. Por meio do projeto tivemos contato direto com os haitianos e com os fenômenos sociais decorrentes deste contato entre línguas e culturas, o que delineou nossa pesquisa.

Em março de 2014, já na condição de aluna do mestrado em Letras da UNIR e de membro do Grupo de Pesquisa, Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB/UNIR, fizemos parte da comitiva do Secretário do Consulado do Haiti no Brasil, Pierre Rigaud, que veio a Porto Velho e visitou, oficialmente, uma empresa contratante de cem haitianos, oportunidade em que realizamos o levantamento dos primeiros dados para esta pesquisa.

A visita à empresa (chamaremos de empresa Z), despertou-nos, para as estratégias utilizadas pelas empresas em Porto Velho no processo de contratação e integração funcional dos haitianos e para a necessidade de investigar o papel da língua nessas estratégias, além das implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório, a fim de analisar essa relação, tão própria do contexto migratório, a relação língua-cultura e trabalho.

Diante dos dados levantados na empresa visitada, que se tratava de um programa estruturado em três eixos principais a língua, a segurança no trabalho e a moradia (convívio). Ficamos curiosos por saber como esse processo de integração ocorria em outras empresas, como a empresa que pesquisamos era de grande porte e tinha um número importante de imigrantes contratados, procuramos na cidade uma empresa que tivesse o mesmo perfil. A partir daí definimos a outra empresa

(empresa Y), a ser pesquisada, que na época contava com cerca de cem imigrantes contratados.

Para acesso à empresa Y, contamos com o intermédio da professora Dra. Marília Pimentel Cotinguiba da Universidade Federal de Rondônia, que já havia mantido contato com a empresa em função do projeto de extensão de ensino da língua portuguesa para haitianos, coordenado por ela e pelo professor Geraldo Castro Cotinguiba. Nessa empresa, realizamos nossa segunda entrevista e coletamos os dados do processo de contratação e integração dos imigrantes haitianos.

Na segunda fase da pesquisa, fomos ouvir as vozes dos haitianos, essa fase foi mais complexa e demorada, pois necessitamos conquistar a confiança deles e contar com o apoio e o intermédio de alguns haitianos falantes do português, com os quais construímos certo grau de amizade, em função do trabalho realizado junto ao projeto de extensão da UNIR, de ensino da língua portuguesa, desde 2011.

No percurso, realizamos ainda uma pesquisa quantitativa, através no Núcleo das Disciplinas Integradas UNIRON, sobre o perfil dos haitianos em Porto Velho.Em maio de 2015, realizou-se a aplicação de 350 questionários com haitianos residentes na cidade, sob a nossa coordenação, fato que foi muito importante para obtermos uma visão geral da comunidade haitiana na cidade.

3.2 A METODOLOGIA

Realizamos entrevistas por pauta ou semiestruturada. Essa técnica apresenta certo grau de estruturação, já que o entrevistador se guia pelos seus interesses e vai explorando-os ao longo das entrevistas. Nossa motivação pela escolha de entrevistas deu-se pelo fato de buscarmos, na pesquisa de campo, observar dados de caráter subjetivos, como as percepções e impressões dos interlocutores, pois tal como nos informa Antônio Carlos Gil:

> Enquanto técnica de coletade dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 1989, p. 113).

Nas entrevistas orais com as empresas, procuramos manter uma estruturação nas questões, embora tenha sido no momento da conversa informal que tenhamos tido acesso às informações mais relevantes quanto às implicações linguísticas nas relações de trabalho. As perguntas utilizadas como base foram: 1) Quais as estratégias linguísticas utilizadas pela empresa para a contratação e integração dos haitianos? Qual a importância da língua no processo? Como os haitianos se relacionam com os colegas de trabalho? Como os haitianos se relacionam com a empresa? Quais os principais desafios da empresa na relação de trabalho com os haitianos? Embora tivéssemos essas perguntas básicas, os entrevistados foram estimulados a falarem mais, a partir de uma conversa informal que mantivemos durante as entrevistas.

Para ouvir as vozes dos haitianos, iniciamos as entrevistas fazendo perguntas sobre a trajetória deles na mobilidade, sua família, sua estada no Brasil e seus planos para o futuro. Para conhecer a perspectiva dos entrevistados sobre as questões que foram respondidas pelas empresas, fizemos a eles as mesmas perguntas com alterações de sujeitos, a saber,quais as estratégias linguísticas utilizadas pela empresa para a contratação e integração dos haitianos? A língua é importante para o trabalho? Como é seu relacionamento com a empresa? Como é seu relacionamento com os seus colegas? Como você se comunica? Como foi no início essa comunicação? O que representa a língua pra você? Dentre outras.

As entrevistas com os haitianos foram gravadas e realizadas todas em português, tivemos casos em que necessitamos de um tradutor haitiano, para esclarecer algumas perguntas e respostas. Para termos acesso aos imigrantes trabalhadores das empresas e ao consentimento dos entrevistados, contamos com o intermédio de dois haitianos, que antes do nosso contato, explicavam os motivos e a natureza de nossa pesquisa, uma vez que os haitianos aceitassem participar éramos apresentados a eles e realizávamos as entrevistas.

Nosso *corpus*é constituído por entrevistas semiestruturadas, quais sejam, duas com empresas empregadoras de haitianos em Porto Velho e dez com trabalhadores haitianos dessas empresas, sendo cinco de cada.

Para a realização da pesquisa definimos duas categorias de análise:

1. As estratégias linguísticas utilizadas pelas empresas;
2. As implicações linguísticas para os haitianos: língua(s), trabalho e mobilidade.

Na análise utilizamos excertos extraídos das entrevistas considerados por nós como mais significativos para sustentação e análise deste trabalho.

3.3 OS SUJEITOS

3.3.1 AS EMPRESAS

Os critérios para escolha das empresas da pesquisa foram dois, a saber,1) ser uma empresa empregadora de imigrantes haitianos; 2) ter contratado cem ou mais haitianos.

Para identificar as empresas, denominamos de empresa Z e empresa Y.

A empresa Z é uma companhia de grande porte que atua na área de construção civil e produção de energia, é a quarta maior geradora de energia do Brasil – é composta por empresas públicas e privadas, líderes na geração e transmissão de energia. Os haitianos foram contratados por essa empresa para o trabalho na construção civil.

A empresa Y é uma empresa de grande porte, integrante de um grande grupo nacional, responsável pela execução dos serviços de coleta e destinação final do lixo domiciliar. A empresa ainda realiza a coleta e tratamento de resíduos sólidos de saúde. Em sua sede, em Porto Velho, trabalham cerca de 335 colaboradores. Os haitianos foram contratados por essa empresa para o trabalho na coleta de lixo domiciliar.

Nos tópicos seguintes, 3.3.2 e 3.3.3, objetivamos, apenas, descrever as estratégias utilizadas pelas empresas Z e Y respectivamente, a partir dos dados levantados em nossas visitas a estas empresas, sem problematizá-las. Essas estratégias serão discutidas na análise do *córpus*, a partir das vozes dos haitianos.

3.3.2 ESTRATÉGIA DA EMPRESA Z

Conforme o diretor do RH, da empresa Z, a empresa desenvolveu um processo de recrutamento na cidade de Porto Velho em parceria com a Secretaria de Assistência Social do Estado – SEAS. O recrutamento foi feito poracompanhamento de uma psicóloga da empresa, com o auxílio de um haitiano falante do português, contratado pela empresa para ser seu tradutor nas conversas com os haitianos e de representantes da Secretaria de Ação Social do Estado – SEAS.

No recrutamento a empresa oferecia alojamento, curso de português, Módulo Básico do Programa de Qualificação Profissional Continuada e todos os benefícios da empresa: plano de saúde, cesta básica, transporte, alimentação, etc. O processo de recrutamento resultou na contratação de 100 haitianos em janeiro de 2012, para o trabalho na construção civil.

As funções assumidas pelos haitianos na época foram, almoxarifado 4, borracharia 2, meio ambiente 28, lavador 2, pintura 4, pipe shop4, serviços gerais 8, concreto 36, segurança do trabalho 12, totalizando 100 contratações.

De acordo com o diretor, os haitianos contratados só assumiram suas funções, no campo de trabalho, após passarem por um Programa de treinamento e integração[10], que teve a duração de um mês, com carga horária de 232 horas, de segunda-feira a sexta–feira, durante 29 dias, em período integral. Os cursos oferecidos foram os seguintes:

1) Aulas de português com carga horária de 120h. Para realização deste curso a empresa contava com um haitiano tradutor, com uma professora de português e uma pedagoga. Os conteúdos trabalhados foram: Alfabeto e números - (fonética e morfologia, expressões idiomáticas, vícios de linguagens – diferenças fonológicas, dias da semana, meses do ano e números); Frases primordiais; Entender o contexto e o tipo de fala. Alertar com relação aos palavrões; Foco em segurança do trabalho, placas e sinalizações. Aulas práticas com equipamentos de proteção individual e coletiva; Prova Oral e Escrita.
2) Treinamento de Integração[11], com carga Horária de 08 horas. Os temas trabalhados no curso foram: RH, Alimentação, Medicina do Trabalho, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente, Administração (Alojamento, Transporte, Vigilância e Serviços Gerais), Serviço Social e o Apoio Social aos Alojados.
3) Segurança do Trabalho e Meio Ambiente, com carga horária de 81 horas. O conteúdo de Segurança foi pautado com foco em ações preventivas de forma didática, mostrando a importância da integridade física pessoal e o

[10] Os dados que apresentamos foram disponibilizados pela empresa durante a visita que fizemos à mesma. Os dados nos foram repassados em arquivo digital e através de explanação do diretor ao grupo que constituía a comitiva do Secretário do Consulado do Haiti no Brasil, em 11 de março de 2014.
[11] A empresa em seus registros usa os termos treinamento e aculturamento.

cuidado com o outro a fim de evitar acidentes. Conforme o diretor, gradualmente, o conteúdo foi sendo aprofundado, tornando-se mais técnico.

4) Saúde,Recursos Humanos e Serviço Social, com carga horária de 11 horas. O curso apresentava orientações sobre o funcionamento das áreas de apoio, em caso de necessidades como: consultas médicas, o uso dos cartões de banco, cesta básica, a importância de registrar a frequência diária no controle de ponto, entre outros.
5) Os haitianos contratados também fizeram um curso de educação continuada, com carga horária de 20 horas, em que foram lecionadas as disciplinas de Saúde, Segurança do Trabalho, Meio Ambiente, Psicologia do Trabalho e Qualidade, abordando, em cada uma delas, as bases fundamentais relacionadas a conduta do profissional no canteiro de obras.

Outra estratégia da empresa foi alojar os haitianos, contratados, em um único alojamento, denominado de Porto Príncipe, o nome era uma homenagem à capital do país de origem dos haitianos. Nesse condomínio, não tinham brasileiros alojados, cada quarto era ocupado por quatro haitianos. Segundo o diretor do RH, o motivo do alojamento ser separado era a língua, a comunicação. Segundo a empresa após alguns meses, eles passaram a morar em condomínios mistos.

Conforme a empresa, todo o processo de contratação e integração foi acompanhado por um haitiano que falava o português e foi o tradutor em todas as etapas, desde o recrutamento. O tradutor haitiano estava disponível para facilitar a comunicação nas mais diversas situações dentro da empresa.

De acordo com a empresa, a integração entre haitianos e brasileiros, naquele momento (2014), era total.A empresa não nos relatou nenhum caso de conflito entre a empresa e os haitianos e nem entre os trabalhadores haitianos e brasileiros.

3.3.3 ESTRATÉGIA DA EMPRESA Y

A diretora do RH da empresa Y informou-nos que a chegada dos haitianos foi muito interessante para empresa, pois a mesma não estava encontrando mão de obra na cidade, os trabalhadores locais não queriam trabalhar como coletores de lixo.

Perguntamos se a empresa desenvolveu algum programa para a contratação dos haitianos. Nossa entrevistada relatou-nos que a empresa, em princípio, ofereceu um curso de língua portuguesa para os haitianos, mas o curso não durou muito. O motivo da não continuidade do curso foi o fato do curso ser oferecido aos haitianos, após o seu horário de trabalho, embora acontecesse dentro da empresa. Além disso, os haitianos que frequentavam o curso, que não eram todos, passaram a faltar às aulas, o que impossibilitou seu prosseguimento. Ao mesmo tempo, alguns trabalhadores brasileiros questionavam por que um curso apenas para os haitianos, os brasileiros também queriam receber aulas de crioulo.

Questionamos se o fato do curso não ter continuado influenciou, em alguma medida, no desempenho da função dos haitianos. A entrevistada respondeu que apesar de terem oferecido o curso, o fato do haitiano falar ou não o português não era determinante para o trabalho, uma vez que, para a execução do trabalho, eles apenas tinham que "saber correr atrás do caminhão".

Para a empresa, os haitianos resolveram um problema de efetivo. Os haitianos contratados estavam desempenhando bem suas funções, apesar da rotatividade, nesses dois anos da presença dos mesmos na empresa, ter sido alta. A empresa, na época, estava sempre contratando novos trabalhadores, haitianos ou brasileiros, no entanto, os haitianos eram maioria.

Uma das estratégias linguísticas da empresa, no processo de comunicação com os haitianos foi utilizar avisos em dois idiomas o português e o crioulo.

Quanto às implicações linguísticas, a entrevistada nos informou que os desafios foram surgindo com o tempo, a língua não foi um problema na contratação, nem na entrada em campo, para o desempenho das funções. Para ela, os desafios que surgiam envolviam a língua, mas estavam muito ligados às questões culturais.

A relação trabalhista nem sempre era tranquila, segundo a entrevistada os haitianos não estavam acostumados a trabalhar com uma relação jurídica de trabalho, uma vez que nas palavras da entrevistada, "no Haiti não existe legislação trabalhista, eles não entendem nossas leis".

Conforme nossa interlocutora, a ausência de uma legislação trabalhista no Haiti[12] e a complexidade de nossa legislação era um complicador nas relações de

[12]É importante informar que muitos haitianos já moraram em outros países e já tinham experiência com o trabalho regulado por uma legislação. É certo que entre os imigrantes trabalhadores

trabalho, os haitianos, por exemplo, se recusavam a fazer hora extra, trabalhar aos sábados e não entendiam os descontos trabalhistas nos contracheques, como a diferença que existe entre o valor dos seus salários brutos e líquidos.

Para ilustrar o que a entrevistada queria dizer com as questões culturais, ela nos contou um caso ocorrido na empresa naqueles dias, qual seja, um haitiano sofreu um acidente de trabalho, ficou de licença médica e ao retornar ao trabalho queria ser demitido. Foi explicado ao mesmo que empresa não podia demiti-lo por uma questão trabalhista, mas o haitiano não entendia, não aceitava e passou a fazer de tudo para ser demitido, ele dizia que tinha que ir ao Haiti para fazer um tratamento, precisava voltar para sua terra para se curar. Com a negativa da empresa, o haitiano, conforme a entrevistada, “passou a se autoflagelar” e se jogou de um lugar alto com a intenção de se machucar.

As questões trabalhistas, somadas ao caso de autoflagelo do haitiano levaram os haitianos a fazerem duas paralisações no trabalho.

Diante dessa e de outras situações a empresa contratou um haitiano que falava o português, para traduzir documentos, explicar o contracheque, as horas extras, explicar a legislação e ser tradutor nas conversas entre os haitianos que não entendiam o português e a empresa.

Conforme a entrevistada, essa ação, de contratar um tradutor, diminuiu os conflitos, mas não os extinguiram. Ela conclui dizendo que, de toda forma, os haitianos, são muito bem vindos na empresa, realizam bem as suas funções e resolvem um problema de efetivo. As contratações são feitas individualmente e a empresa não fez recrutamentos na cidade.

3.3.4 OS TRABALHADORES HAITIANOS ENTREVISTADOS

Os dez trabalhadores haitianos pesquisados foram escolhidos pelos seguintes critérios, a saber, ser imigrante haitiano; ter trabalhado ou trabalhar nas empresas pesquisadas; ter sido contratado no primeiro grupo de contratação de imigrantes haitianos feito pelas empresas, portanto ter participado das primeiras experiências das empresas como os imigrantes; ter sido contratado a qualquer tempo pela empresa.

---

dessaempresa, entrevistados por nós, nenhum teve experiência de migração em outros países, todosvieram do Haiti.

Algumas características da trajetória de nossos interlocutores foram muito importantes para nossas análises, uma delas foi conhecer a trajetória da mobilidade desses haitianos e quais os idiomas que eles falam, a tabela abaixo, produzida por nós, indica o perfil dos nossos entrevistados:

NOME[13]	**EMPRESA**	**PERÍODO NA EMPRESA**	**LÍNGUAS QUE FALA**	**PAÍSES QUE MOROU**
Frinel	Empresa Z	2012 – em Atividade	crioulo, espanhol e português	Haiti
Bastian	Empresa Z	2012 – 2015	crioulo, espanhol, francês, inglês e português	República Dominicana
Silieús	Empresa Z	2012 – em Atividade	crioulo, espanhol, francês e português	República Dominicana
Charles	Empresa Z	2012 – em Atividade	crioulo, espanhol e português	República Dominicana
Michelet	Empresa Z	2014 – em Atividade	Crioulo e espanhol	República Dominicana e San Martin
Jean	Empresa Y	2014 – em atividade	Crioulo	Haiti
Fedner	Empresa Y	2013 – em atividade	Crioulo, Francês e Entende um pouco Inglês e espanhol	Haiti
Antoine	Empresa Y	2014 – em atividade	Crioulo, Francês	Haiti
Christian	Empresa Y	2015 – em atividade	Crioulo	Haiti
Pierre	Empresa Y	2012 – em atividade	Crioulo	Haiti

O francês e o crioulo são línguas oficiais no Haiti, como já informamos, praticamente toda a população haitiano fala o crioulo,apenas uma elite letrada fala o francês. Dos nossos entrevistados 40% declararam que falam o crioulo e o francês. 50% declararam falar o espanhol; 20% o espanhol e o francês; 30% crioulo e espanhol e 30% apenas o crioulo. 40% declararam já ter migrado para outro país onde a língua oficial é o espanhol, o que de certo modo, esclarece o fato de 50% dos entrevistados falarem o espanhol, nos esclarece ainda a necessidade do haitiano em aprender a falar outra língua. Como veremos a(s) língua(s), para esses imigrantes, tem um papel fundamental em suas vidas e em suas histórias.

[13]Os nomes aqui colocados são fictícios, conservamos apenas a letra inicial do nome original, a fim de facilitar a análise.

Seção 4 – IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS EM UM CONTEXTO MIGRATÓRIO

4.1 AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE CONTRATAÇÃO E INSERÇÃO

4.1.1 ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DA EMPRESA Z

Neste tópico, objetivamos trazer para discussão excertos que apontam para a visão dos haitianos sobre o processo de contratação e integração para o trabalho nas empresas pesquisadas. Analisaremos primeiramente as vozes do grupo dos trabalhadores da empresa Z.

Enfatizamos que nesse processo inicial de contratação, ocorrido no início de 2012, participaram cem haitianos. Esses haitianos faziam parte do primeiro grande fluxo migratórios de haitianos para Porto Velho.

O interesse da empresa nos imigrantes, logo no início do fluxo migratório, reforça a reflexão feita por Sayad (1998), sobre as vantagens das empresas em arregimentar os imigrantes no início do fluxo,

> Quanto mais recente é uma corrente migratória mais “vantajosa” é, em todos os sentidos, a mão de obra que ela traz. (...) ela só dizia respeito aos homens sós, (...) e prioritariamente, aos homens jovens (...) estão mais inclinados a aceitar os trabalhos mais penosos, menos estável, menos remunerados, etc. (SAYAD 1998, p. 64).

A empresa Z estava interessada exatamente nesse perfil descrito por Sayad, todos que foram contratados eram homens, jovens e dispostos a desenvolver qualquer atividade.

Antes da contratação dos cem haitianos, a empresa Z desenvolveu um programa de inserção desses haitianos, sua primeira ação foi a contratação de Silieús, um haitiano falante do português, para atuar como tradutor e interlocutor entre a empresa e os imigrantes haitianos. Entrevistamos Silieús que definiu sua função dentro da empresa assim: “Eu tinha papel tudo que a empresa queria resolver com eles, eu fazia essa ponte entre a empresa e eles”.

Sobre o primeiro contato com a empresa, a contratação:

Recorte 1[14]

Pesquisadora: Como se deu a comunicação com a empresa no início?

Charles[15]**:**o professor haitiano, ele ajudava quando agente não entendia.

Recorte 2
Pesquisadora: Como foi a comunicação no primeiro contato com o RH, antes de fazer o curso?

Frinel[16]**:** Tinha um líder né? Dos haitianos, liderança, porque ele já sabia falar mais, aí ele era líder, aí o pessoal de RH falava, aí ele tladuzia (...). Sem a ajuda do Sérgio, ia ficar difícil, porque quando nós falava, os pessoal não ia entender, quando as pessoa do RH falava, também nós não ia entender aí a comunicação ia ficar complicada.

Recorte 3

Pesquisadora: Como se deu a comunicação com a empresa no início?

Bastian: O professor Sérgio que é professor e fala crioulo também nosso idioma, aí através dele quem não sabia nada ia aprender um pouco o português, ele faz a tradução, (...) Quem não fala português ou português ou espanhol mais mesmo assim eles aceitavam, também aí até ele desenvolver e aprender melhor se ele tiver dúvida Sérgio ajudou (...) às vezes se for causa de doença assim, aí chama Samuel, no laboratório para traduzir.

A contratação de Sérgio, antes mesmo da contratação dos imigrantes haitianos, demonstra o interesse da empresa em utilizar a mão de obra dos

[14] As entrevistas foram transcritas conforme a pronúncia, a concordância verbal e nominal, e a estrutura das frases construídas pelos haitianos. De acordo com suas negociações e hibridismo linguístico.
[15] Charles vive no Brasil desde 2012, trouxe sua mulher para viver com ele em 2014. Seus filhos, um menino de 10 e uma menina de 7, que moram no Haiti com sua irmã. Charles fala crioulo e espanhol, aprendeu o espanhol quando morou na República Dominicana (durante 11 anos). Ele trabalha na empresa Z desde que chegou ao Brasil. Não pretende voltar para o Haiti, mas pretende manter seus filhos lá até concluírem os estudos, Charles quer que eles saiam da escola falando inglês, francês e espanhol e aqui no Brasil isso não seria possível. É importante salientar que no Haiti, conforme nossos interlocutores, se você conclui a escola até o secundário e quer aprender línguas você aprende, às vezes, só aprende o francês, mas se quiser aprende também inglês e espanhol.
[16] Frinel faz curso de português desde 2011. Não parou com curso. Agora está fazendo supletivo para concluir o ensino médio e vai fazer o Enem na sua próxima edição. Além disso, nos infirmou que durante muito tempo saia da empresa a noite e, em casa, ia estudar a língua, lendo livros e assistindo televisão. Frinel fala o crioulo e o espanhol. Não fala o francês, pois não teve como concluir o ensino médio no Haiti.

imigrantes recém-chegados, a questão linguística, entra em seu programa, como um dos eixos de integração dos trabalhadores.

Nos recortes acima, chama atenção, a maneira como os trabalhadores definem o interlocutor. Frinel o define como um líder: “Tinha um líder né? Dos haitianos, liderança, porque ele já sabia falar mais, aí ele era líder”. Charles e Bastian o definiam como um professor: “professor haitiano”, “que tinha um professor”. Marcante é destacar a imagem simbólica do tradutor como referência, qual seja, como professor, isto é, aquele que detém o poder da comunicação na interlocução entre a empresa e os trabalhadores; ou como um líder, figura que guiava os outros no árido percurso da língua.

No tocante à empresa, esta usava o tradutor também como mediador nas negociações trabalhistas. Nos próximos recortes Silieús nos esclarece um pouco sobre suas atribuições junto aos haitianos.

Recorte 4:

Silieús: Fazia reuniões, às vezes tratávamos de comportamento as atividades que tinham para eles, (...) Uma vez me pediram pra ficar no refeitório só pra ver, a empresa não tinha como atender um grupo determinado num grupo de quase 15 mil pessoas. (...) Eu tinha dois papéis acompanhar o processo de perto, tudo que aconteceu.

Assim como Silieús era uma referência para os haitianos, era também para empresa, no tocante à língua-cultura, dos imigrantes.

No recorte “às vezes tratávamos de comportamento”, Silieús deixa transparecer que a empresa preocupava-se com a questão cultural, com o comportamento dos haitianos em determinadas situações. Era importante garantir uma conformidade no comportamento dos haitianos. Conforme Sayad (1998, p. 62), estes imigrantes são, “constantemente objeto de um trabalho de correção, que consiste em reduzir seus erros, as falhas que eles demonstram com relação à sociedade de sua imigração (mas, na verdade, esse é um trabalho pelo qual se quer tomar posse deles)”.

Os imigrantes, no processo de integração, sofrem os efeitos de um sistema de exigências, que comanda suas condições materiais e culturais. Os imigrantes que se submetem a esse sistema são mais vantajosos que os outros. Parte-se do princípio do desconhecimento e despreparo dos imigrantes, a sociedade de

imigração, a partir de um trabalho difuso ou sistemático de educação, fornece vantagens simbólicas aos imigrantes,ao mesmo tempo que, de acordo com Sayad, lhes impõem,

> A ação de formação de toda natureza desde a formação mais simples, o aprendizado profissional no nível mais rudimentar (...) até a formação mais geral (linguística, social e até mesmo política); a ação de adaptação, primeiro a uma forma de trabalho (o trabalho industrial assalariado, ou seja, mensurado e remunerado em consequência) e, em seguida, inevitavelmente, a formas de vida consideradas como índice de alto nível de civilização. (SAYAD, 1998, p. 61)

No trecho, “Uma vez me pediram pra ficar no refeitório só pra vê” e “Eu tinha dois papéis, acompanhar o processo de perto, tudo que aconteceu”, fica evidente que a empresa usa o seu poder, tanto para formar o imigrante, conforme seus interesses, quanto para vigiá-lo, não para reprimir ou punir, mas para torná-lo mais produtivo.

Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder* (2012, p 44), propõe que façamos uma análise positiva do poder.Para o autor, a noção de poder apenas como repressivo é totalmente inadequada para dar conta do que existe de produtor no poder,

> O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ela não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2012, p.45).

A empresa, nessa perspectiva foucaultiana de poder, em seu programa de integração, não pretende reprimir, nem censurar os imigrantes, ela pretende controlar suas ações, afim de torná-los mais produtivos, a partir de um processo de aperfeiçoamento de seus comportamentos, habilidades e capacidades, ao mesmo tempo, que desenvolvia estratégias para mantê-los dóceis ao trabalho e à empresa.

A respeito do processo de contratação, vejamos os recortes 5 e 6, extraídos das entrevistas de Frinel e Bastian, que começaram a trabalhar na empresa em 2012 e fizeram parte do primeiro grupo contratado pela empresa Z, e do recorte 7 extraído da entrevista com Michelet que foi contratado em 2014.

Recorte 5

Pesquisadora: Como foi o início? A contratação em 2012?

Frinel:(...) lá no RH nós fazi todos os procedimento de exame,depois quem tiver passado no exame aí, eles levava dentro da obra aí, lá, nós tem que passar um mês fazendo curso. Por que o curso era pra aprender a falá um pouco, pra poder exercer a função e dentro de uma usina sabe que é uma coisa muito perigosa, tem muita energia, pracas, buracos, pra saber identificá o risco que tinha na área onde você for trabalhar e também você vai passar, se tiver isolada pra você não entrá dentro do perigo.

Recorte 6

Pesquisadora: Como foi o início? A contratação em 2012?

Bastian: Dia 17 de fevereiro comecei a trabalhar na empresa, mas o processo é o seguinte, eles fizeram um treinamento, tinha uma escola e falaram sobre a segurança, a saúde, é o processo básico, mas que é muito importante. Esse curso na verdade não é um curso pra pessoa sabê português, importa mais sobre o trabalho, sobre a segurança no trabalho e também conhecer a empresa, é bem isso.

Recorte 7

Pesquisadora: Como foi o início? A contratação?

Michelet: Eu fui por vaga no CINE né? Mandar todo mundo que consegue entrar pela prova, (...) eu fazê prova pra entrar se não aprova não entra, eu fez a prova, português, matemática e passou. Tem brasileiro que não passou.

Em sua resposta Frinel nos informa, a partir de sua perspectiva, que o treinamento era para que o imigrante pudesse exercer a sua função e identificar os riscos existentes no campo de trabalho. Além dos cursos técnicos, a empresa demonstrou preocupação com a questão linguística, a fim de evitar acidentes no trabalho, na medida em que o trabalhador fosse capaz de identificar as placas e entender as orientações de segurança no trabalho.

Numa condição de imigrante, em um encontro entre línguas e culturas, o imigrante precisa entender aquele que o acolhe e também se fazer entender. Sua fluência na língua não lhe é cobrada, mas sua competência na comunicação e na compreensão das circunstâncias e das implicações da qualidade ou não da comunicação. O desconhecimento total da língua seria, neste caso, uma barreira que poderia impedir a necessária comunicação para o trabalho.

Assim como Frinel, Bastian afirma que os treinamentos no processo de contratação, desenvolvidos pela empresa, foram importantes para a segurança no trabalho. Bastian enfatizou que o treinamento estava voltado principalmente para o trabalho, para o conhecimento da empresa e para o uso no campo de trabalho.

Michelet não passou pelo curso de português oferecido pela empresa, teve que demonstrar seu conhecimento da língua em uma prova, o que nos indica que a empresa após três anos do início do fluxo já não desenvolve o mesmo processo para a contratação dos imigrantes, no entanto o conhecimento da língua permanece com uma função específica, a saber, habilitar o imigrante para o trabalho.

No caso em tela, a aprendizagem de signos e símbolos e a identificação de placas e avisos de perigo, eram fundamentais, pelo perigo que representava a não identificação das mesmas.

Quanto à visão dos haitianos sobre o curso de português oferecido no processo de contração, vejamos os recortes 8 e 9, de Charles e Bastian.

> **Recorte 8**
>
> **Pesquisadora:** Você acha que foi válido o curso de português neste processo?
>
> **Charles:** A empresa fez treinamento de segurança no trabalho e aula de português. É muito importante porque sem TDS você pode sofrer acidente. Você faz alguma atividade olha primeiro o que vai fazer. Tem que entender o que o líder fala. Você não aprende a falá, mas entender. Você tem que fazer prova, depois tem que aprender no di-a-dia.

> **Recorte 9**
>
> **Pesquisadora:** Você acha que foi válido o curso de português neste processo?
>
> **Bastian:** O curso foi bom, porque, é quem não entendia, aprendeu muitas coisas, a leitura, aí ajuda bastante. O professor Sérgio que é professor e fala crioulo, também, nosso idioma, aí através dele quem não sabia nada ia aprender um pouco o português, ele faz a tradução, (...), eu, como eu falo espanhol, eu entendia alguma coisa através do espanhol.

Para Charles, o curso de português oferecido pela empresa não foi suficiente para o aprendizado da língua, todavia foi importante para que se estabelecer uma comunicação entre a empresa e os haitianos. Não importava se o imigrante soubesse falar, o importante era que o mesmo pudesse se comunicar, isto é,

identificar as placas de sinalização, entender e compreender o que o chefe ou o companheiro de trabalho fala, a fim de que o trabalho pudesse ser realizado com segurança.

Na resposta de Bastian, chama-nos atenção os trechos “e fala crioulo, também, nosso idioma” e “eu, como eu falo espanhol, eu entendia alguma coisa através do espanhol”, ao mesmo tempo, que Bastian marca sua identidade com o crioulo, ele deixa claro que saber o espanhol é uma porta de entrada para integrar-se na língua-cultura do Brasil. Falar espanhol representa para ele, assim como para nossos outros interlocutores do grupo da empresa Z, um instrumento de trabalho. Para Bastian, o aprendizado da língua portuguesa é mais fácil quando se fala o espanhol.

Bastian no trecho “O professor Silieús que é professor e fala crioulo”,mantém uma distancia de Silieús, não o identifica como um deles, como um haitiano.

Qual a intenção da empresa com o curso de português na perspectiva dos haitianos? Sobre essa visão, vejamos os recortes 10 e 11 de Frinel e Silieús.

> **Recorte 10**
>
> **Pesquisadora**: Qual a intenção da empresa com o curso de português na sua visão?
>
> **Frinel**: A intenção da empresa não era tanto se sabia falar, mas como você podia entender, como você vai poder trabalhar, porque, a pessoa que ia estar com você na frente do serviço, chefe ou companheiro de trabalho, ele queria que nós entendia, mesmo que não sabia falá, mas o ponto objetivo maior ele queria era que você entendesse e compreendesse, falá, se você conseguia falar beleza, mas entender e compreender pra empresa tava ótimo.

> **Recorte 11**
>
> **Pesquisadora**: Qual a intenção da empresa com o curso de português na sua visão?
>
> **Silieús:** Eles tinham que saber o básico mesmo. Cumprimentar, pedir, nome do material, falar com o chefe e entender.

A ausência de interesse por parte do empregador no conhecimento linguístico do trabalhador haitiano e seu foco na força de trabalho do imigrante, fica evidente no trecho “como você vai poder trabalhar”. A fala de Frinel nos remete à afirmação de Sayad (1998, p. 54), de que o imigrante reduz-se a uma força de trabalho, em outras palavras, o imigrante é identificado com uma máquina e como tal não importam seus

sentimentos nem seus pensamentos, mas apenas o que seu corpo pode realizar. Esse contexto reafirma a condição mecanicista inaugurada na tradição cartesiana[17] e bem aproveitada pela então nascente Revolução Industrial.

A resposta de Silieús, no recorte 11, demonstra o lugar do qual ele fala, quando Silieús utiliza o termo “eles”, não se inclui. Silieús é um haitiano, trabalhador imigrante, mas quando fala de seus colegas não se coloca no mesmo lugar. Quando Silieús diz “eles”, posiciona-se, significa o que diz e também se significa. Silieús fala a partir do discurso da empresa, nessa fala ele é a empresa, pois é o interlocutor desta com os haitianos.

Percebe-se na fala dos haitianos que a língua é vista, em uma perspectiva funcionalista, como um instrumento de interação para o trabalho. De acordo com Pezatti,

> O funcionalismo entende que a linguagem se define, essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informação entre interlocutores reais. Considerando que a variação da informação depende especificamente da extensão do contexto linguístico que se leva em conta (PEZATTI, 2011, p. 169).

A língua nessa relação de trabalho, em um contexto migratório, tem uma função específica, a saber, é um instrumento para o trabalho.

Quanto a mobilidade funcional, do trabalhador imigrante, no seu processo de integração na empresa, analisaremos os recortes 12 e 13.

> **Recorte 12**
>
> **Pesquisadora:** Qual a sua função quando entrou na empresa?
>
> **Frinel:** Eu entrava de ajudante.
>
> **Pesquisadora:** E hoje qual que é sua função?
>
> **Frinel:**Já fui ajudante depois fui mecânico e hoje sou oficial de sinaleiro, que é um cargo maior, que é através da comunicação, que eu consegui chegar aqui nesse lugar, porque se não tinha a comunicação boa, não tem como exercer a função, por que o operador tá lá na altura, operando o guindaste né, aí ele que tenho rádio lá, e eu que passo o comando, que a visão dele, aonde que dá a visão dele pra chegar ele chega, mas onde que não dê pra chegar eu que passo a informação pra ele. Se erra o sinaleiro também era o

[17] DESCARTES, René, O Mundo (ou tratado da luz) e O homem. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

> operador. Tudo lá dentro, independente do lugar que você vai trabalhar, tem que entender o português, principalmente na área de mecânica que eu já trabalhei um pouco, (...) você tem que não só falar, mas também tem que aprender a ler, porque tem as pracas, simbologia, porquecada simbologia quer dizer uma coisa, você tem que entender também essa parte da simbologia o que quer dizer.

> **Recorte 13**
>
> **Pesquisadora:** Qual a sua função quando entrou na empresa?
>
> **Bastian:**eu era encanador e mudei pra pedreiro depois de oito meses. Permaneci até o final como pedreiro.
>
> **Pesquisadora:** As funções exigiam uma competência linguística, entender bem, falar bem?
>
> **Bastian:** Sim, Exigia, porque no campo eu trabalhei, tinham muitos materiais e o cara tem que saber as medidas que vai jogar nas betoneiras, quantidade de cimento e tudo isso tem que anotar para entregar para o encarregado. Tem que saber escrever em português, entender e falar. (...) Porque uma coisa que pode demorar cinco minutos você faz em dois minutos quando entende, quando não entende não vai dar um bom resultado.

O aprendizado da língua, sua fluência, aparece aqui como uma possibilidade de mobilidade funcional e social, uma vez que a boa comunicação possibilitou, no caso de Frinel, uma integração maior no campo de trabalho e consequentemente uma progressão funcional. Frinel, no momento da entrevista, exercia a função de apontador, uma função que exige que o trabalhador se comunique claramente com seu companheiro de trabalho, pois os movimentos do outro dependem de suas coordenadas, é uma função que requer formação e é de grande responsabilidade em uma obra. Para Rodrigues,

> quanto mais o capital linguístico de um locutor for importante, mais este último se mostrará capaz de explorar a seu benefício o sistema de diferenças e de se assegurar assim de uma certa distinção. Pois são as formas de expressão mais desigualmente distribuídas que recebem o maior valor e asseguram o maior lucro, não apenas porque as condições da aquisição da capacidade de produzi-las são restritas, mas igualmente porque essas expressões são bastante raras no mercado onde elas aparecem. (RODRIGUES, 2014 p. 17-18)

Quanto maior o seu conhecimento da língua, tanto maior é a possibilidade, desse trabalhador, ocupar funções mais especializadas, mais complexas, portanto, mais vantajosas financeiramente.

Bastian nos informa que além de entender o português, é necessário que o trabalhador imigrante, também consiga ler e escrever. A eficiência no trabalho vai depender muito de uma boa comunicação entre os envolvidos.

4.1.2 ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DA EMPRESA Y

Neste tópico, objetivamos trazer para discussão excertos que apontam para a visão dos haitianos sobre o processo de contratação e integração para o trabalho na empresa Y. A chegada dos imigrantes haitianos na cidade de Porto Velho foi muito importante para esta empresa, pois a mesma não estava conseguindo fechar seus quadros, em função da baixa oferta de mão de obra dos brasileiros, para assumirem a função de coletor de lixo, oferecida aos imigrantes.

Esse fato deixa evidente o tipo de trabalho reservado aos imigrantes, um trabalho que, pela recusa dos brasileiros em desempenhar tais funções, requerem imigrantes, como nos informa Sayad (1998),

> E esse trabalho que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o "mercado de trabalho para imigrantes" lhes atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalho para imigrante que requerem, pois, imigrantes" (SAYAD, 1998, p. 55).

Fedner, no recorte abaixo, deixa transparecer a sua percepção clara do que do tipo de trabalho que é oferecido para o imigrante, do lugar que lhe é reservado na fronteira:

Recorte 14

> **Fedner:** Pra mim a empresa Y, não é a empresa Y dos brasileiros, é a empresa Y do haitiano, porque eu não vejo nenhum brasileiro que tá fazendo esse serviço, tudo só haitiano, não tem gari brasileiro non, só haitiano de dia e da noite, eu só conheço um brasileiro que tá trabalhando da noite.

Ao que parece, por ser o trabalho oferecido aos haitianos um trabalho que requer pouca, ou nenhuma qualificação, a empresa não sistematizou a integração dos mesmos. Vejamos nos recortes 15 e 16 de Fedner e Antoine.

Recorte 15

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?

Fedner: Primeiro vez (...) quando chegou o chefe pegar um pessoa pra aprender, depois liga um internet, mostra como faz esse serviço, lá fala, fala, tem um haitiano que tá traduzindo nós. Tem um haitiano que já faz esse serviço igual com eu, chega um novato vai com quem já faz até aprender.

Fedner: Primeira vez (...) eles coloca uma pessoa pra aprender nós falar português, então as pessoa que tá trabalhando tá muito cansada. A que ele vê pra nós chega lá pra aprender, (...) nó chega atrasado o professor vê que nós não querer aprender, nós não querer aprender já acabou, só dois dias. Lá na empresa tinha uma pessoa, um haitiano que fala português.

Recorte 16

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?

Antoine: Todo haitiano é inteligente, quando eu vou lá na empresa eu tenho um mês, dois meses, quatro meses eu não fala nada eu entendia só um pouquinho, pouquinho (...) Tem um haitiano ele fala muito bem português, primeiro dia, primeiro mês, eu vou trabalhar na empresa, aí não sabe falar português, se eu tenho problema, eu vou lá com ele, aí ele vai falar com o fiscal com o chefe.

Antes de discutir os recortes, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre os trabalhadores da empresa Y, com exceção de Fedner, todos os entrevistados precisaram de tradutor na entrevista, na totalidade ou em partes. Nenhum tem experiência de imigração em outro país, também não falam o espanhol e chegaram ao Brasil há cerca de um ano.

No recorte 15, Feldner, dos entrevistados o mais antigo na empresa, nos informa que na contratação, recebeu algumas informações e foi a campo acompanhado por um haitiano mais experiente no serviço. Houve uma tentativa por parte da empresa em ensinar a língua portuguesa para os trabalhadores imigrantes, no entanto, ao que parece não existiu uma sistematização nesse processo por parte da empresa, o que impossibilitou o prosseguimento do mesmo.

Antoine afirma que iniciou o trabalho sem falar nada em português o que perdurou por pelo menos quatro meses. O que nos indica que na empresa Ya língua e a cultura, não são fatores que, para empresa, apresentavam grande importância no processo de integração funcional dos imigrantes haitianos, uma vez que a língua não influenciaria no desempenho de suas funções. A questão cultural também não

seria importante pelos mesmos motivos. Esse fato fica evidente na fala de Antoine, no próximo recorte:

> **Recorte 17**
>
> **Antoine:** Não precisa não só jogar lixo, pra haitiano na empresa não existe, não sei pra outro haitiano, eu vejo isso, depois que paga todo mundo receber, vem pra trabalhar não querer saber nada do haitiano.

De uma maneira geral, os nossos interlocutores da empresa Ysentem-se insatisfeitos com o tipo de trabalho que realizam e em consequência com o Brasil. O reflexo disso é que apenas um deles entende bem o português e fala com bastante dificuldade. Jean, mesmo falando um pouco de português, recusou-se em dar a entrevista em português, sua entrevista foi totalmente traduzida, mesmo ele entendendo o que eu perguntava, após a resposta do tradutor, ele respondia em português, como que para mostrar que sabia, apenas se recusava a falar. Três dos nossos entrevistados dessa empresa pretendem ir para outros países ou voltar para o Haiti.

A recusa de Jean em falar português, em certa medida, pode ser explicada pelo seu desejo de novamente migrar para outro país ou voltar para o Haiti. Durante a entrevista, Jena informa que não deseja migrar para outra cidade no Brasil. Ele não pertence ao Brasil e quando se inscreve na língua cultura do país passa, de certa maneira, a pertencer à ele. Jean se recusa a esse pertencimento. Quando fala o português sua identidade escapa ou se fragmenta. Entendemos que, se Jean pretendesse ficar no Brasil, mesmo sendo ignorado pelos brasileiros, conforme trecho da fala de Antoine “não querer saber nada do haitiano”, estaria disposto a inserir-se na língua-cultura do hospedeiro.

A fala de Antoine, no trecho acima, reforça a ideia defendida por Sayad (1998, p. 54), de que o imigrante é identificado apenas como uma mão-de-obra temporária e em trânsito. Que se encaixa em um tipo de trabalhado que lhe é reservado. Essa identificação do imigrante, por parte da sociedade que o recebe, nega-lhe o reconhecimento como um profissional, impondo-lhe mais uma barreira, mais uma fronteira que dificilmente ele irá atravessar. Nessa relação de dominantes e dominados, Antoine, não consegue vislumbrar nenhum caminho de crescimento, nenhum reconhecimento, sua condição de imigrante é determinante de sua posição na sociedade.

A relação dos nossos interlocutores da empresa Y com a língua portuguesa é conflituosa, ao mesmo tempo, que eles reconhecem a necessidade de aprender a língua em um contexto migratório, o trabalho desenvolvido por eles não lhes instiga ao aprendizado da língua e não os estimula a continuar na sociedade que o recebe. As equipes de trabalho são formadas, quase sempre, apenas por haitianos, somente o fiscal e o motoristasão brasileiros. Assim a comunicação no campo de trabalho acontece com o uso do crioulo, o que dificulta, mais ainda, a integração à nova sociedade, impondo-lhes um isolamento entre eles.

O desejo da maioria desses trabalhadores, da empresa Y,é sair do Brasil para outro país ou retornar para o Haiti, porém, necessitam trabalhar a fim de conseguirem recursos financeiros para a viagem.

Até aqui, além das questões linguísticas, as falas dos haitianos, também nos convidam a refletir sobre a ética no trabalho, em um contexto migratório. Refletir sobre como as empresas brasileiras estão recebendo esses imigrantes, quais as políticas utilizadas. Não é este nosso foco, mas acreditamos que um debate em torno deste tema, seria importante. Pensarmos, também, em como o estado tem acompanhado as contratações e os direitos dos imigrantes.

4.2 LÍNGUA, TRABALHO E MOBILIDADE

Por fim evidenciaremos, nas falas dos haitianos, a intrínseca relação entre as línguas, o trabalho e a mobilidade do haitiano, o seu devir. Os recortes seguintes são de haitianos das duas empresas, Z e Y, aleatoriamente. Avaliamos questões que são comuns aos imigrantes haitianos em Porto Velho.

Sobre como os imigrantes aprendem o português, vejamos alguns recortes.

Recorte 18

Fedner: Depois chegou aqui no Brasil, eu morá com meu primo que mora aqui (...) porque ele aprende mim, falá, fala comigo, como chama isso? Ele me fala.Como chama isso? Como chama isso? Ele me fala. (...) No dia-a-dia eu fui aprender pra falá também, então eu nunca fui pra escola pra aprender português, eu sei escrever bem português, porque eu tô no Haiti eu fui pra escola, eu já acabou a minha escola.

Recorte 19

Bastian: Pra mim não teve dificuldade o espanhol me ajudou e sempre dedicava um tempo quando chegava em casa, depois do serviço, ler um livro, escutar um jornal, alguma coisa que tem relacionamento com o português.

Recorte 20

Frinel: Toda noite eu aprende com televisão, com livros. Eu quando cheguei fui logo para o curso de português, tô lá até hoje, vou fazer o ENEM.

Recorte 21

Michelet: Quando cheguei na Bolívia comprei um dicionário, espanhol português, para poder me comunicar no Brasil. Quando cheguei no Brasil eu usava o dicionário e a internet para traduzir a frase. Aprendi traduzindo, eu falava devagar. Meu amigo Sérgio me ajudou muito, ele falava português e é professor como eu.

Recorte 22

Antoine: Eu quero aprender, eu quero aprender, eu quero falar, depois eu tenho, depois eu tenho muito tempo aqui eu vou falar português. (...) eu fui na escola mas tive que sair.

Como podemos perceber nos recortes, os imigrantes desenvolvem diversas estratégias para o aprendizado da língua portuguesa. Qualquer oportunidade de aprendizado é válida, ou seja, o aprendizado da língua portuguesa se realiza por meio da observação, da interação, das experiências sensoriais, dentre outros.

No recorte 22, Antoine, ao repetir, “Eu quero aprender, eu quero aprender, eu quero falar”, evidencia a relação do querer necessitar aprender a língua do outro, em um contexto migratório. A língua portuguesa para ele é um objeto de desejo, algo que lhe falta na migração. Ao mesmo tempo, que Antoine parece justificar-se por estar no Brasil,há um ano, e ainda não dominar o idioma, “pede” uma ajuda, uma oportunidade, por necessitar entrar na língua cultura dos brasileiros. Antoine mostrava-nos, durante a entrevista, os documentos[18] que comprovavam sua formação, em busca de eximir-se da culpa de não estar trabalhando em uma função mais especializada, como se estivesse sendo acusado. Talvez, por não ter

[18]Antoine, durante a entrevista, fez questão de enfatizar que já concluiu o ensino médio, fez curso de agricultura, tem posses no Haiti e que merece um trabalho melhor. O trabalho que ele faz aqui, na sua concepção, é uma humilhação.

encontrado, ainda, a oportunidade que veio buscar e atribua isso ao fato de não dominar o idioma.

Fedner e Michelet não frequentaram aulas, curso de português, aprenderam no cotidiano, nos trechos, “no dia-a-dia eu fui aprender pra falá também, então eu nunca fui pra escola pra aprender português” e “aprendi traduzindo, eu falava devagar”, “como chama isso? Ele me fala. Como chama isso? Como chama isso? Ele me fala”, ambos desenvolveram estratégias para o aprendizado do português, demonstrando que em um contexto migratório a aprendizagem da língua pode ocorrer de várias maneiras e em vários ambientes.

Mesmo reconhecendo que a aprendizagem da língua portuguesa, por parte dos imigrantes, ocorra no cotidiano, nas interações sociais, é importante salientar que, dos nossos interlocutores, o que melhor fala o português, com exceção do Silieús[19], é o Frinel, que está em Porto Velho, desde 2012 e sempre frequentou o curso de português, oferecido pelo curso de extensão da UNIR. Frequentar as aulas, para Frinel, é uma oportunidade de incluir-se na língua cultura dos brasileiros. Frinel fala bem o português, escreve e lê. Ele está concluindo o ensino médio em um curso supletivo e vai fazer a prova do ENEM. Frinel ocupa na empresa Z uma função mais especializada,o que nos leva a crer que se o imigrante pretende desenvolver atividades mais complexas, é importante que aprimore o idioma do país que o acolhe.

De uma maneira geral os nossos interlocutores parecem compreender que a aquisição da língua, envolve, necessariamente, a experiência com a língua, especialmente no convívio com a cultura e com a língua do país destino. É no dia-a-dia que as línguas são negociadas. É no encontro entre línguas que, conforme nos informa Bhabha (1998, p. 68), os signos são apropriados, traduzidos e lidos de outro modo.

Esse encontro de línguas e culturas produz, também, mudanças na língua, que como algo vivo e em movimento, constrói-se na história e nas interações entre pessoas reais e em circunstâncias reais. Para Bakhtin (2002, p. 44), as formas dos signos são condicionadas pela interação, uma modificação na interação, pode ocasionar uma mudança no signo.

[19]Haitiano, professor de português contratado pela empresa Z, um dos primeiros haitianos a chegar a Porto Velho.

Como podemos perceber nos recortes, os imigrantes desenvolvem diversas estratégias para o aprendizado da língua portuguesa. Qualquer oportunidade de aprendizado é válida, ou seja, o aprendizado da língua portuguesa se realiza por meio da observação, da interação, das experiências sensoriais, dentre outros.

Investigamos junto aos nossos interlocutores se para eles, os haitianos, era importante aprender/saber o português:

> **Recorte 23**
>
> **Pesquisadora:** É importante saber o português?
>
> **Frinel:** É importante, quando você está em um país você precisa falar, não só para trabalhar, porque o objetivo, para você trabalhar, você precisar se relacionar, para se relacionar, você precisa falar a pessoa entender, (...) vai ter que falar, (risos), aí precisa falar sim, é obrigado a aprender a falá, eu acho é muito interessante aprender a falar.

> **Recorte 24**
>
> **Bastian:** qualquer haitiano tem obrigação de aprender, se ele não aprender a vida vai ficar ruim, pra trabalhar qualquer serviço tem que falar às vezes pode não conseguir trabalhar, se ele não entende como vai trabalhar se não entender? (...) É importante muito tanto pra nós quanto para os brasileiros também.

> **Recorte 25**
>
> **Charles:**Você tem que dizer bom dia, por favor, pode me dar um pouquinho de água? Se eu não sei nada disso eu vou tá morrendo de fome, é uma língua muito importante, é obrigação meu quando, chegá aqui tem que falar.

Frinel deixa claro que o aprendizado da língua ocorre num contextomigratório, neste contexto existe uma urgência para o aprendizado da língua, quando afirma: “é obrigado aprender a falá”, reconhece que para ser ajudado, precisa se comunicar. Saber a língua é atribuir também uma importância ao outro. O imigrante reconhece que a língua é um dos principais instrumentos de comunicação, essa comunicação é fundamental para o trabalho e para sua negociação com a cultura da sociedade de acolhimento.

No recorte 24, Bastian afirmou que o aprendizado da língua é importante não apenas para o trabalho, mas contribui com o processo de integração social, cultural e linguístico dos haitianos.

Para Charles, a aprendizagem da língua é uma questão vital. Na sociedade de acolhida, para ser acolhido, o imigrante precisa comunicar-se, precisa fazer-se entender.

É recorrente na fala dos haitianos, quando questionados sobre a importância de aprender o português, a afirmação de que é obrigação do imigrante aprender a língua.Nos trechos dos recortes 23, 24 e 25, respectivamente, “vai ter que fala”; “tem que falar”; “chegá aqui tem que falar”, o uso do modal deôntico “tem que”, aparece como uma imposição assimétrica da língua do outro, como um dever do imigrante. Para o imigrante ser útil ao colonizador ele “tem que falar”, é “obrigado a falar”. Quando os haitianos repetem estas afirmações, demonstram que já interiorizaram o discurso do colonizador. Os imigrantesreconhecem que para serem úteis precisam falar a língua do colonizador.

A língua, nesse sentido, seria tão necessária para eles, nesse contexto, quanto o trabalho. O uso dos termos “é obrigado”, “tem que”, demonstram queinscrever-se na língua do outro é condição *sine qua non*[20], para a permanência[21] do imigrante, para suas relações sociais e, especialmente, para as relações de trabalho.

No trecho “vai ter que falar, (risos)”, Frinel fala pela voz da empresa (do colonizador), seu sorriso indica que não está certo de que isso é verdade.É uma verdade enquanto condição para o trabalho, para manter-se em seu emprego, o riso, é como se dissesse, o que posso fazer? Sou obrigado. Na sequência, no trecho “eu acho é muito interessante aprender a falar”, Frinel fala por si, é seu pensamento, sua percepção sobre o aprendizado da língua, não como uma obrigação, algo imposto por outro, para atender a outros interesses, mas como algo de interesse pessoal.

Aprender a língua do outro, num entre-lugar, significa que a língua que será falada pelo imigrante, por mais que lhes imponham a língua da sociedade de

---

[20]*Sine qua non* termo latim que originou-se do termo legal *conditio sine qua non.* Pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode ser”. Refere-se a uma ação cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.

[21] É necessário relativizar a necessidade de se falar a língua do hospedeiro, em um contexto migratório. Estamos analisando o contexto da migração haitiana em Porto Velho, a partir da fala dos haitianos. Sabemos que existem contextos migratórios em que os imigrantes vivem décadas em outros países sem que aprendam o idioma daqueles países.

acolhimento, será sempre outra, não mais o português, nem o crioulo, nem o espanhol, mas uma língua-cultura híbrida, ressignificadas, como já nos informaram Bhabha(1998) e Canclini (2008).

Para Handerson (2015, p. 39), “a mobilidade é constitutiva dos horizontes de possibilidades dos haitianos”. Nos recortes seguintes realizaremos uma análise das falas dos haitianos, que corroboram com a afirmação de Handerson, com a qual concordamos:

> **Recorte 26**
>
> **Frinel:**Porque você também pode sair ir a algum lugar, você sabe lá na frente, você pode sair do Brasil, você até pode ir no Haiti e conseguir um emprego até com o próprio português, você fala lá já consegue alguma coisa melhor,mas tem que falá né entender, quando eu chegava lá no Haiti o MINUSTAH, eles queriam pessoas lá pra trabalhar com MINUSTAH de tradutor e não achava porque não tinha pessoa que falava português, inglês, espanhol, francês, é brincando achava qualquer um falava lá mas o português não tinha conhecimento do português aí por isso que ficava difícil, pra alguém, mas se Deus quiser vai melhorar. Se eu voltar pra lá vou conseguir trabalhar no MINUSTAH, ganhar dinheiro e não precisa trabalhar no sol quente, só traduzir e você já vai ganhar.

O aprendizado da língua, na perspectiva de Frinel, atribui-lhe*status* e mobilidade social, funciona como um “passaporte”, uma possibilidade de mobilidade global, de habitar em outros países, até mesmo, conquistar o direito de habitar em seu próprio lar. Além da mobilidade e da ascensão financeira, a língua reafirma-se para o haitiano como um símbolo movente uma vez que ela possibilita a sociabilidade entre os membros linguísticos.

> **Recorte 27**
>
> **Charles:** É muito importante porque é problema agora, tô com muito sodade do meu filho (pausa tristeza), pensava tá em lado dele, cada vez você fica pensando não sei como que, é difícil (pausa, respira fundo), ainda não sei o que vou fazer, se vou deixar continuar escola lá, o que vou fazer. (...) É importante, porque você não sabe, quando ele crescer onde ele vai cair, se vai pra França, pros Estados Unidos, tem que saber falá.

Neste recorte Charles nos fala sobre o motivo de seus filhos (um menino de 10 anos e uma menina de 7) permanecerem no Haiti. O motivo é o aprendizado do

francês, do espanhol e do inglês. De acordo com Carlos, no Haiti se o estudante conclui o ensino médio ele sai falando todas essas línguas. Charles sofre com a distância dos filhos, pensa em trazê-los, mas ao mesmo tempo pensa no futuro.

Falar várias línguas, pelo que pudemos perceber, é, para os haitianos, fato de muita importância, muitas vezes decisivo na vida deles. Como disse Charles: “quando ele crescer não sabe onde vai cair, pode ir pra França, pros Estados Unidos, qualquer lugar, se sabe a língua não tem problema”. Assim como no recorte 25, para Charles falar português é visto como algo vital, para ele, seus filhos falarem várias línguas, também é uma questão que definirá suas vidas. Esse recorte da fala de Charles evidencia como a mobilidade é constituinte dos haitianos, assim como as línguas e, ainda, como é importante falar várias línguas para os haitianos estando ou não na mobilidade.

No trecho “é problema agora, tô com muito sodade do meu filho (pausa tristeza), pensava tá em lado dele, cada vez você fica pensando não sei como que, é difícil (pausa, respira fundo)”, Charles deixa transparecer seu sofrimento, a angústia de viver em um país que não é seu, longe das pessoas que ama e fazer tudo isso por amor. Charles já está no Brasil há três anos, nos anos anteriores, antes de vir para o Brasil, também vivia na migração, na República Dominicana, porém vivia com sua família, ao vir para o Brasil foi obrigado a separar-se de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, com este estudo, lançar um olhar sobre as implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório, considerando os aspectos socioculturais e históricos deste fenômeno, a partir dos sujeitos envolvidos. A fim de contribuir para uma melhor compreensão do papel da língua, sua importância e as negociações linguísticas dos imigrantes no entre-lugar. Nossa questão relacionou-se às implicações linguísticas no processo migratório, a qual girou em torno do trabalho e das circunstâncias fundantes para a aquisição do mesmo e da mobilidade social. A construção das soluções do problema proposto deu-se em quatro etapas a partir das quais a língua se apresenta como solução e como problematização condicional da sobrevivência do haitiano no entre-lugar. A ansiedade, casada com a necessidade do aprendizado da língua encontra duas vertentes; a) a língua como essencial para a permanência no campo de trabalho e b) como mais um elemento de mobilidade.

Tornou-se claro que o migrante haitiano é constituído pela mobilidade, fato que faz do aprendizado de várias línguas um motor por excelência. No delineamento desta pesquisa ancoramo-nos na Linguística, sobretudo na Sociolinguística, nos estudos sobre migração e nos estudos pós-colonialistas. Discutimos as noções de língua(gem), fala, numa perspectiva sociointeracionista, na qual a língua não apenas comunica, mas realiza ações, atua sobre os outros, é na e pela língua(gem) que produzimos sentidos e significados.

Podemos afirmar, assim, que a língua e a cultura estão imbricadas. Desse modo, em um contexto migratório, as implicações linguísticas vão além da necessidade de comunicação, ela configura vidas, destinos, movimentos e estabilidade.

Abordamos ainda, a noção de entre-lugar. Estar em um entre-lugar, implica entrar em contato com a cultura do outro, com os pensamentos e com a língua do outro, forjar uma língua-cultura híbrida, ressignificada, o que perturba e modifica o que está inscrito em nós. A integração sociocultural dos imigrantes não implica em um esquecimento de seus valores e crenças. Para possibilitar essa integração, na sociedade de acolhida, as línguas-culturas necessitam serem negociadas, ressignificadas, surgindo daí um hibridismo linguístico e cultural.

Verificou-se que essas negociações ocorrem na fronteira. A fronteira é uma experiência para o haitiano dentro e fora de seu país. No Haiti, os haitianos, em geral, enfrentam as fronteiras da exclusão e da pobreza. Ao chegar ao Brasil, eles enfrentam as fronteiras sócio-produtivas, postas pela necessidade da língua constituinte da permanência no trabalho. O imigrante, nesse entre-lugar, desenvolve estratégias que possibilitam sua estada e sua mobilidade na nova sociedade. A sociedade de acolhida depara-se com o novo, com o diferente e precisa encontrar maneiras de conviver com os imigrantes, com sua língua, sua cultura, suas crenças, ao mesmo tempo, que se defronta consigo mesma, seus valores e crenças, que passam a ser ressignificados, tanto pelos imigrantes quanto pelos brasileiros.

Das análises dos dados foi possível identificarmos algumas implicações linguísticas nas relações de trabalho entre haitianos e brasileiros, é certo que nesse trabalho não exploramos todas as implicações, mas apontamos as mais evidentes nas falas dos sujeitos envolvidos, no que tange às empresas pesquisadas, ao processo de integração e à relação entre língua, trabalho e mobilidade considerando os aspectos socioculturais e históricos deste fenômeno. É importante destacar que nossa pesquisa ocorreu com um grupo específico de imigrantes, em condições específicas e com empresas específicas, o que certamente não nos autoriza a generalizações, as afirmações constantes nesse estudo dizem respeito aos sujeitos envolvidos, porém, esperamos que o recorte que fizemos seja útil para nossos estudos futuros dessa temática, que envolve a relação entre língua e migração.

Com relação às empresas estudadas, tornou-se notório, em ambos os casos, que a chegada dos haitianos, na sociedade de migração, de forma repentina e inesperada, apresentou-se de um lado como um desafio para as empresas. Ao mesmo tempo, em que por outro lado, aparentemente, resolveu um problema de mão de obra, o que de certa forma, obrigou as empresas a buscarem formas de integrar os imigrantes, nesse novo contexto, tanto para os haitianos quanto para as empresas tendo como principal desafio a inserção de todos os envolvidos na língua-cultura.

Outro aspecto denotado na pesquisa, foi a perspectiva funcionalista e utilitária da língua, como um instrumento de e para o trabalho, fato que não era valorizado do mesmo modo entre as empresas analisadas. A preocupação da empresa Z em relação à questão linguística encontrava-se no seu desejo de tornar o imigrante o mais lucrativo possível, para que seu trabalho pudesse ser desenvolvido no menor

espaço de tempo, com maior segurança e acerto. A língua, no campo de trabalho, não poderia ser um entrave, mas uma aliada.

Já no que tange à empresa Y percebemos, uma mudança na percepção dos imigrantes, estes eram vistos apenas como uma mão-de-obra barata e descartável, o que importava era o seu corpo, uma vez que para empresa, era necessário, apenas, que eles soubessem correr. Nesta perspectiva os imigrantes não são vistos na sua totalidade, como sujeitos pensantes, com uma história, uma cultura, com crenças, valores e conhecimentos. Os trabalhadores, dessa empresa, sentem-se à margem, excluídos, o que, de certo modo, provoca uma resistência à inscrição de si na língua-cultura do outro.

Tendo em consideração a relação entre língua, trabalho e mobilidade, verificamos que para os imigrantes haitianos, pesquisados, aprender línguas é importante para mobilidade seja ela social ou geográfica. Dentro de seu país, aprender o francês é símbolo de educação escolar e lhes atribuem status. Aprender, o espanhol e o inglês, seria um “passaporte” para a mobilidade. Estando em outros países, falar a língua do hospedeiro possibilitaria, em tese, acesso a um tipo de trabalho mais rentável. No caso do Haiti, falar o português seria uma vantagem inclusive dentro do país, conforme trecho do recorte da fala de Fernando, “Se eu voltar pra lá vou conseguir trabalhar no MINUSTAH, ganhar dinheiro e não precisa trabalhar no sol quente, só traduzir e você já vai ganhar”.

Acreditamos, que esta reflexão se faz necessária para os estudos linguísticos contemporâneos, levando em conta que, quando nos propomos a estudar a língua(gem), estamos sempre tratando de interações entre sujeitos inscritos em uma língua-cultura ou de sujeitos entre-línguas, além das complexidades que advém dessas relações. Sabemos das limitações de nossa pesquisa, uma vez que ela não dá conta de todas as implicações linguísticas no que tange ao contexto migratório e as relações de trabalho, propiciadas pelo mesmo, mas esperamos fazer eco a tantas outras vozes que abordam ou abordaram essa questão, a fim de que possamos efetivar um discurso de acolhimento mais inclusivo considerando que somos o outro também em seu modo de dizer e ouvir de sua pátria.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística.* In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras,v. 1 / Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes (orgs.) – São Paulo: Cortez, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica.* Tradução marcos Marcolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas estratégias para entrar e sair da modernidade.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAMPANHA NACIONAL CONTRA ALCA, *Soberania sim, alca não*! São Paulo: Editora Expressão Popular, 2002.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. *Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho.* In Travessia, São Paulo, n. 70, p. 99-106, Jan./Jun. 2012.

COTINGUIBA, Marília, L. Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Imigração haitanapara o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar.* In Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 33, p. 61-87, Jul./Dez. 2014.

CUCHE, Denys. *Anoção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DESCARTES, René, *O Mundo (ou tratado da luz) e O homem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução Enilce Albergararia Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

FIORIN, José Luiz (org.*). Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *A ordem do discurso, aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.* Tradução Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. *Microfísica do poder.* 25ª edição. São Paulo: Graal, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1989.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HANDERSON, Joseph. *Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundoAfro-Latino Americano*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais ao Instituto de Sociologia e Política Pelotas, 2010.

_____.*Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.*Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

HURBON, Laënnec. *O deus da resistência negra: o vodu haitiano*. Tradução Valdecy Tenório. São Paulo: Paulinas, 1993.

JERÔME, Phares. *Depois da Catástrofe, como estamos?* In *Haiti por si: a reconquista da independência roubada.* Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

JORNAL DA UNICAMP, 14 de abril de 2014 a 27 de abril de 2014 . ANO 2014. Nº 594,Campinas.

LOUIDOR, Wooldy Edson. *Uma história paradoxal*. In. *Haiti por si: a reconquista da independência roubada.* Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

LUBIN, Irdèle. *O Haiti após o sismo. Qual a reconstrução?* In *Haiti por si: a reconquista da independência roubada.* Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MARTINEZ, Osvaldo. *Alca: projeto para recolonizar a América Latina*. In *Soberania sim, Alca não*. Campanha Nacional contra ALCA (ORG). São Paulo: Expressão popular, 2002.

MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MEZZADRA, Sandro. *Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade*. In Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana – REMUH, Brasília,Ano XXIII, n. 44, p 11-30, jan./jun. 2015

NIETZSCHE, Friedrich Wilheim. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *O funcionalismo em Linguística.* In Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. volume 3 / Fernanda Mussalin, Ana Cristina Bentes (orgs). 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTEL, Marília Lima. COTINGUIBA, Geraldo C. *Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho*. In Revistas Temas de Antropologia y Migracion, Nº 7, Diciembre 2014, págs. 31-55

REVUZ, Cristine.*A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e orisco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês. Lingua(gem) e identidade. São Paulo: Mercado deLetras, 1997.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Francês, crioulo e vodu:* a *relação entre língua e religião no Haiti*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

ROSA, Renata de Melo. *A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais*. In. Revista Universitas: Relações Internacionais v. 4, n. 2. Brasília: (2006).

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Tradução Cristina Murachco.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: fenomenologia de uma babárie*. Goiânia: Cânone Editorial, 2006.

SEGUY, Franck. *A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional comunitária" e a recolonização do Haiti*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

SILVA, Sidney Antonio da.(Org). *Migrações na Pan-Amazônia:* fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Huritec; Manaus: Fapeam, 2012.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. Coleção Percursos, São Paulo: Scipione, 2008.

WEEDWOOD, Barbara .*História concisa da linguística*. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZAMBERLAM, Jurandir.*Os novos rostos da imigração no Brasil*– Haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014.

APÊNDICES

Apêndice 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (versão em português)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: As implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório dos haitianos em Porto Velho.
Pesquisadora: Cleonete Martins de Aguiar
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Rondônia – Mestrado em Letras
Telefone para contato: 69-9305-8138 ou cleonetefilosofia@gmail.com
Local das entrevistas: Município de Porto Velho, Rondônia.

Prezado(a) Senhor(a):
Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas desta entrevista, gravada em áudio de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O pesquisador deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: O projeto tem como objetivo estudar as implicações linguísticas nas relações de trabalho entre haitianos e brasileiros em Porto Velho, em um contexto migratório. Dessa forma, entender o papel da língua nesse processo e refletir sobre a importância da língua para o trabalho e para a mobilidade dos haitianos.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder as perguntas verbais, que deverão ser informadas pela pesquisadora. No primeiro momento, pedimos sua autorização apenas para observação e registro, em áudio de suas respostas.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: A resposta das perguntas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável, sob pena da lei se violada. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento (anonimato), mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Porto Velho ____, de _____ de 20___.

_____
Assinatura do participante

_____
Pesquisador responsável

Apêndice 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (versão em crioulo haitiano)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Deklarasyon sou Konsantman Gratis epi ki Klè

Tit nan etid la: pwoblem Lang nan relasyon travay, kontak brezilyen ak Ayisyen sou kesyon imigrasyon nan vil poto velo.
Chèchè yo ki responsab yo: Cleonete Martins de Aguiar.
Enstitisyon / Depatman: Inivèsite Federal de Gouvenman nan Rondonia - Metriz nan let.
Kontakte nimewo telefòn: 69-9305-8138.
Kote koleksyon enfòmasyon yo: Vil la Poto Velo, Rondonia.

Chè mesye(Madanm):

Nou envite yo pou Reponn kesyon yo, dat antrevi a, ak anrejistremankom volontè. Anvan sa , patisipan sipoze dako nan bay kolaborasyon yo nan sondaj sa a, li se enpòtan anpil pou ou konprann enfòmasyon ak enstriksyon ki nan dokiman saa. Cheche ata dwe reponn tout kesyon yo ou anvan ou li envite patisipan yo. Ou gen dwa pou PA patisipe nan rechech La nan nenpot ki moman. As pap koze ankann pwoblem nan entere ou.

Objetif rechech la: pwoje saa genyen pou objetif, etidye pwoblem ki prezante nan relasyon travay ayisyen yo ak brezilyen, kesyon imigrasyon nan objektif kap pemet nou reflechi ki enpotans lanj genyen pou kretyen vivan nan relasyon travay ak fason pou yon viv byen yonn ak lot.

Pwosedi. Pwosedi. Patisipasyon w nan rechèch sa a gen pou objetif: selman reponn tout kesyon oral ke responsab La pap pwopoze nou ak gravasyon. Pwemyeman , nap bezwen pou ou ban nou dwa pou fe anrejistreman an.

Benefis.rechèch saa pral pote plis konesans sou kesyon imigrasyon ,men ki pap pote ankenn benefis sosyal direk po ou.

Risk.Repons oubay yo pa reprezante ankann risk pou entegrite fizik ak moral ou.

Konfidansyalite. Enfòmasyon yo bay yo pap ap rete sekre, sa pap gen ankenn konsekans sou lavi prive w dwa saa li garanti pa moun ki responsab rechech la. Tout moun ki patisipe nan rechech ap gen idantite yo preserve, sa vle di non ankenn moun papa site.

Mwen Konprann epi mwen dakò patisipe nan rechech la, mwen_____ _____, mwen dakò yo patisipe nan rechèch sa a,bay konsantman mwen, siyen tou de fòm konsantman sa a. An retou Map resevwa yon kopi nan men responsab rechech la.

Porto Velho____ nan mwa _____ nan 20___ .

_____
Siyati patisipan nan

_____
Chèchè Prensipal

Apêndice 3

Entrevistas imigrantes haitianos trabalhadores da empresa Z

EMPRESA Z

Entrevista1 - Fernando

Pesquisadora: Como foi o início, a contratação para o trabalho na usina em 2012?

Fernando: "Lá no início foi assim: como tinha muitas pessoas recém chegados, tinha pessoas que já falavam um pouquinho, que chegava um pouco antes dos outros, porque nem todo mundo chegou junto, ao mesmo tempo. Aí surgiu a proposta da empresa pra nós, aí teve uma reunião lá no São João Bosco, aí quando nós fomos lá, tinha uma pessoa responsável pela contratação (...), disse que a empresa estava dando oportunidade pra nós que tivesse interesse de trabalhar dentro da empresa né. Mas é que eu mesmo não fui na reunião, fui lá quando já estavam levando as pessoas pra fazer a inscrição. Aí fui lá fiz a inscrição, exclusive, quem não tinha documento, a empresa disponibilizou um ônibus a disposição das pessoas pra ir buscar você em casa e levar no RH, lá no RH nós fazi todos os procedimento de exame, depois quem tive passado no exame eles levava dentro da obra aí lá nós tem que passar um mês fazendo curso. Por que o curso era pra aprender a falá um pouco para poder exercer a função e dentro de uma usina sabe que é uma coisa muito perigosa tem muita energia, pracas, buracos, pra saber identifica o risco que tinha na área onde você for trabalhar e também você vai passar, se tiver isolada pra você não entrá dentro do perigo".

Pesquisadora: Você acha que foi válido o curso de português neste processo?

Fernando: "Pra mim que já estava a dez meses aqui já sabia falar um pouquinho bem melhor, pra mim eu acha que valia a pena sim, porque tem muitas coisas, mesmo que eu sabia falar um pouquinho mas, na praca de identificação de obra, de coisa que quer dizer eu não ia entender nada, entendeu? Tinha pessoa também era recém chegada, não sabia falá nada aí valia a pena o curso. Aí nos teve lá durou um mês treinando, fazendo o acreditar e aprendemos. Pra falá mesmo, na verdade, não é suficiente, porque a gente ta aqui a quatros ano e não consegue dominar bem o português,

imagina com um mês? Mas só que pra rotina no dia-a-dia que nós tem que fazer valia a pena porque tinha um noção a mais que você não tinha experiência nada e passava a ter uma experiência a mais né?".

Pesquisadora: Se não tivesse o curso conseguiriam fazer o trabalho da mesma forma?
Fernando: "Eu acho que agente ia aprender também no dia-a-dia, do mesmo jeito, mas só que quando, agora ficar melhor quando você teve um ensinamento, já tem um caminho, aí dá uma luz a mais que você já vai adquirir e já você já sabe o caminho que você vai".

Pesquisadora: Como foi a comunicação no primeiro contato com o RH, antes de fazer o curso?
Fernando: "Tinha um líder né dos haitianos, liderança, porque ele já sabia falar mais, aí ele era líder, aí o pessoal de RH falava, aí ele tladuzia. Aí quem já sabia falá alguma coisa que podia ter comunicação direto com o pessoal já fazia teve alguma dificuldade o Samuel via lá tladuz e quando a mensagem pra eles e também pra pessoa que estava no RH pra poder fazer a contratação. Sem a ajuda do Samuel ia ficar difícil porque quando nós falava os pessoal não ia entender quando as pessoa do RH falava também nós não ia entender aí a comunicação ia ficar complicada".

Pesquisadora: Como era a relação com os brasileiros?
Fernando: Pra mim sempre, eu posso falar por mim porque como não posso generalizar né, eu sempre teve bom comportamento, bom relacionamento com os brasileiros porque quando eu chegava logo eu procurava fazer alguma coisa eu falava com o pessoa, mesmo o que eu não sabia eu já perguntando, porque eu não tinha falava nada além do português aí tudo que eu vi ele tava mexendo lá fazendo eu digo vou lá perguntar de curioso né?.

Pesquisadora: Como você se comunicava?
Fernando: Eu falava um pouco o espanhol, aí como o português e espanhol parece quase um pouco né, mas a diferença é grande também. Mas quando você fala também pode fazer sinais aí ele vai falar alguma coisa né? Porque

você ta perguntando, e libras de sinais porque as pessoas entendem o que você ta dizendo também.

Pesquisadora: Qual a sua função quando entrou na empresa?
Fernando: Eu entrava de ajudante.

Pesquisadora: E hoje qual que é sua função?
Fernando:Já fui ajudante depois fui mecânico e hoje sou oficial de sinaleiro, que é um cargo maior, que é através da comunicação, que eu consegui chegar aqui nesse lugar porque se não tinha a comunicação boa não tem como exercer a função, por que o operador ta lá na altura operando o guindaste né aí ele que tenho rádio lá e eu que passo o comando que a visão dele aonde que dá a visão dele pra chegar ele chega, mas onde que não dê pra chegar eu que passo a informação pra ele, se erra o sinaleiro também era o operador. Tudo lá dentro, independente do lugar que você vai trabalhar, tem que entender o português, principalmente na área de mecânica que eu já trabalhei um pouco, ..., você tem que não só falar mas também tem que aprender a ler porque tem as pracas, simbologia porque cada simbologia quer dizer uma coisa você tem que entender também essa parte da simbologia o que quer dizer.

Pesquisadora: Os que não sabiam nada de português tiveram mais dificuldades?
Fernando: Eu acho que, no caso, ele ia conseguir trabalhar, não ia trabalhar pela forma de falá, mas pela necessidade, você chega num lugar você precisa trabalhar, claro que vai se esforçar um pouco para poder entender.

Pesquisadora: Quem ficou no condomínio Porto Príncipe se comunicava com os brasileiros?
Fernando: Quem era do consórcio ficou no condomínio, quem era da montagem ficava em outra área diferente. Eles se relacionavam com brasileiros falando português e francês, aprendendo um com o outro.

Pesquisadora: Qual a intenção da empresa com o curso de português na sua visão?

Fernando:A intenção da empresa não era tanto se sabia falar, mas como você podia entender, como você vai poder trabalhar, porque, a pessoa que ia estar com você na frente do serviço, chefe ou companheiro de trabalho, ele queria que nós entendia, mesmo que não sabia falá, mas o ponto objetivo maior ele queria era que você entendesse e compreendesse, falá, se você conseguia falar beleza, mas entender e compreender pra empresa tava ótimo. Hoje na minha função eu precisa falá porque muitas vezes eu precisa transmitir a mensagem tanto pro meu chefe quanto pro meu companheiro de trabalho porque nós tem uma responsabilidade grande dentro da empresa que não pode vassilar, rsrsrsrs. As vezes você trabalha com movimentação de carga aí a carga ta lá.(.....) você é responsável pela segurança das pessoas essa parte você tem que entender muito bem.

Pesquisadora: Como é sua relação com a língua?

Fernando:A minha relação com a língua é muito difícil complicada porque eu acho que por mais tempo que eu passe aqui nunca vou conseguir falar português rsrsrsrs, é muito difícil, o espanhol é bem mais fácil, porque no português uma coisa tem vários significados, no espanhol ou francês não, as coisas já é o nome tem um nome só, o inglês tal, mas o português não, por isso aí fica difícil.

Pesquisadora:É importante saber o português?

Fernando:É importante, quando você está em um país você precisa falar, não só para trabalhar, porque o objetivo, para você trabalhar, você precisar se relacionar, para se relacionar, você precisa falar a pessoa entender, se você adoecer tem que ir no médico, você em que falar pro médico o problema que você ta sentindo, porque ele não vai adivinhar o que você ta tendo, não é só chegar e olhar no olho do doutro, aí não vai dar, rsrsrrs, vai ter que falar, rsrsrs, aí precisa falar sim, é obrigado a aprender a falá, eu acho é muito interessante aprender a falar. (...) Porque você também pode sair ir a algum lugar, você sabe lá na frente, você pode sair do Brasil, você até pode ir no Haiti e conseguir um emprego até com o próprio português, você fala lá já consegue alguma coisa melhor,mas tem que falá né entender, quando eu chegava lá no Haiti o MINUSTAH, eles queriam pessoas lá pra trabalhar com MINUSTAH de

tradutor e não achava porque não tinha pessoa que falava português, inglês, espanhol, francês, é brincando achava qualquer um falava lá mas o português não tinha conhecimento do português aí por isso que ficava difícil, pra alguém, mas se Deus quiser vai melhorar. Se eu voltar pra lá vou conseguir trabalhar no MINUSTAH, ganhar dinheiro e não precisa trabalhar no sol quente, só traduzir e você já vai ganhar.

Pesquisadora: Como você avalia o programa de integração da empresa?
Fernando: Pensou que nós era estrangeiros vai trabalhar numa empresa de alto perigo né. Nós temos lá o rio, o buraco de explosão pra detonar a rocha né, tem tudo isso tem muitas pracas, lá tem animal venenosos na área, (...) cobras, jacarés, porque você pode ver, como nós já acostumado com rio mar você pode ver o rio ali, tomar um banho, você não pensou qual tipo animal que tem dentro do rio você pode pular acha que ta num lugar certo e não saber do perigo, então acho que ele pensou numa ideias diferente e teve essa ideia de dá esse treinamento pra nós, mas só que não sei se tem uma lei ou é voluntário mesmo, achei interessante fazer, pra mim acho fundamental.

Pesquisadora: Você tem amigos brasileiros?
Fernando: eu tenho, eu acho que o que eu mais tenho é amigos brasileiros. Já tenho afilhado brasileiro. O pai dele mora no Candeias é meu colega no trabalho (...) nós fica dois ano a trabalhar junto, mas só que é assim, ele falava comigo nós falava todas as coisas, nós tentava resolver as coisa entre nós aí mesmo, eu nunca, podia acontecer o que acontecer, eu nuca fiquei zangado com ele nada, nós se dá bem, ele trouxe lanche pra nós eu leva também. Aí depois nasceu filho dele, e um dia eu foi trabalhar aí ele me mandou pegar água pra ele eu fui lá pegar água pra ele, aí ele disse ontem eu tive a conversar com minha mulher eu vou chamar você pra ser padrinho do meu filho você vai? Eu penseiiii, não eu ia recusar, ia dizer não que eu sou haitiano nem vou ficar aqui, eu vou batizar seu filho depois vou embora aí ele nem vai conhecer o padrinho dele rsrsrsr. Depois eu pensei, não se eu falá isso pra ele será que ele vai gostar, aí eu não falei não eu vou deixar assim mesmo. Eu disse assim: se você me chamou aceito. Aí ele disse então vou falar pra minha mulher você é padrinho do meu filho.

EMPRESA Z

Entrevista 2 - Bruno

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?

Bruno: Dia 17 de fevereiro comecei a trabalhar na empresa, mas o processo é o seguinte, eles fizeram um treinamento, tinha uma escola e falaram sobre a segurança, a saúde, é o processo básico mas que é muito importante. Esse curso na verdade não é um curso pra pessoa sabe português, importa mais sobre o trabalho, sobre a segurança no trabalho e também conhecer a empresa, é bem isso.O professor Samuel que é professor e fala crioulo também nosso idioma, aí através dele quem não sabia nada ia aprender um pouco o português, ele faz a tradução, aí quem sabia aí aprende mais, eu como eu falo espanhol eu entendia alguma coisa através do espanhol. Assim.Quem não fala português ou português ou espanhol mais mesmo assim eles aceitavam também aí até ele desenvolver e aprender melhor se ele tiver dúvida Samuel ajudou.Depois do mês todo mundo se vira no campo de trabalho. às vezes se for causa de doença assim, aí chama Samuel, no laboratório para traduzir. Não só o ato de falar mas também de sinal as vezes se fala a pessoa não entende mas um sinal um gesto fala.

Pesquisadora:O curso de português foi válido?

Bruno: O curso foi bom, porque é quem não entendia aprendeu muitas coisas, a leitura, aí ajuda bastante.

Pesquisadora: Se não tivesse o curso, os haitianos fariam o trabalho?

Bruno: poderia mais, o curso português ajuda bastante, porque na obra, na verdade, mesmo teve algum problema entre os funcionários e os integrantes, através do curso de português e o treinamento tinha menos dificuldade.

Pesquisadora: Você poderia me dar um exemplo?

Bruno:Às vezes o cara talvez não gostou do serviço que está fazendo e le pode expressar que ele não gosta, e também as vezes tá doente, pode causar alguma alergia, essas coisas no serviço quem mexe com cimento essas coisas aí se cara não gosta ele tem o ato de expressar que ele não gostou daquele serviço ele pode defender melhor através do português.

Pesquisadora: Como foi o primeiro contato com a empresa?

Bruno: Cada empresa queria contratar um haitiano através do governo e todos tinham que ter documentos como estrangeiro documentado. No momento da contratação tinha um tradutor acompanhando, pra exames e documentação, verificou tudo isso.

Pesquisadora: Como era a relação da empresa com os haitianos?

Bruno:ficou 3 a 4 meses no condomínio Porto Príncipe. Eram boas vindas por estarmos chegando no Brasil. Depois mudaram algumas coisas depois de 5 a 6 meses um haitiano chegou a brigar com um brasileiro. Mas a relação com a empresa era ótima.

Pesquisadora: Existiam conflitos na empresa

Bruno: maior conflito é que você enfrenta situações, não muito sérias, bobagens podemos falar assim, as vezes o cara não gosta de trabalhar e você vem lá fora, já você trabalha tal com vontade, e ele que não gosta trabalhar acha que o patrão vai ter olho de você, há não fulano não tá trabalhando e esse aí que não fala nada já tá trabalhando e trabalha com gosto com cuidado porque a maioria dos acidentes que tem lá, não tem nenhum caso de haitiano que acidentou, porque ele é estrangeiro tal toma muito cuidado pra não acontecer alguma coisa errada. Em tão isso também causa algum dificuldade. E outro também pensa ah o cara vem lá fora e vem tomar o meu lugar, essas coisas também gira conflito.

Pesquisadora: Como você se comunicava linguística?

Bruno: Pra mim não teve dificuldade o espanhol me ajudou e sempre dedicava um tempo quando chegava em casa, depois do serviço, ler um livro, escutar um jornal, alguma coisa que tem relacionamento com o português. Mesmo assim o espanhol tava muito influenciado.

Pesquisadora: Qual a sua função

Bruno: Entrei como ajudante de produção, mas também tem um segredo, porque você tem uma função a empresa fala: olha depois de três meses você vai mudar de função quando você tá dentro começa a trabalhar a pessoa pode durar até oito

meses um ano sem mudar de função, eu era encanador e mudei pra pedreiro depois de oito meses. Permaneci até o final como pedreiro.

Pesquisadora: As funções exigiam uma competência linguística, entender bem, falar bem?
Bruno: Sim Exigia porque no campo eu trabalhei tinham muitos materiais e o cara tem que saber as medidas que vai jogar nas betoneiras quantidade de cimento e tudo isso tem que anotar para entregar para o encarregado. Tem que saber escrever em português, entender e falar.

Pesquisadora: Qual a intenção da empresa com os cursos que deram pra vocês?
Bruno: Na verdade Cada empresa deveria fazer sua parte, o integrante devem treinar, se for brasileiro não precisa fazer português, mas o estrangeiro precisa de disciplinamento português pra que o governo veja que a empresa está cumprindo com sua tarefa.

Pesquisadora: Em relação a vocês haitianos, qual o objetivo?
Bruno: Tanto era vantagem pra nós quanto pra eles também, porque falar e entender ajuda a empresa bastante, porque uma coisa que pode demorar cinco minutos você faz em dois minutos quando entende, quando não entende não vai dar um bom resultado.

Pesquisadora: Qual a sua relação com a língua?
Bruno:O português é difícil, mesmo assim forçamos para aprender, mas qualquer haitiano tem obrigação de aprender, se ele não aprender a vida vai ficar ruim, pra trabalhar qualquer serviço tem que falar as vezes pode não conseguir trabalhar, se ele não entende como vai trabalhar se não entender?

Pesquisadora:É importante saber o português?
Bruno:É importante muito tanto pra nós quanto para os brasileiros também. Se você vai no médico você tem que falar, tem que expressar o que sente.O haitiano aprende rápido o haitiano fala inglês e nunca foi nos estados unidos, o francês ele pode não falar, escrever, ler, mas ele vai entender.

Pesquisadora: Tem amigos brasileiros?

Bruno: Bastante. O relacionamento sabemos as vezes podemos conseguir na escola no trabalho, na igreja. Na igreja tenho bastante amigo, desses três pontos é o lugar que uma pessoas pode se relacionar melhor.Eu participava de uma Igreja que era só haitiano depois misturou, a mistura foi importante para juntar conhecer a cultura, falar o português, relacionamento conhecer melhor entre os dois, misturar pra que não tenha barreiras entre nós.Foi a junção de uma igreja haitiana e de uma igreja de brasileiros. Eu sou evangelista, uma função dentro da igreja, adventista do sétimo dia.

Pesquisadora: Como você avalia o programa desenvolvido pela empresa?

Bruno: Cada programa desenvolvido por ela era a nosso favor. Para que nós conhecemos melhor a função, na realidade é o programa é global é geral cada ponto é pra que o funcionário tenha facilidade de trabalhar em qualquer campo.

Fala Livre:

A pesquisa vai conhecer melhor não só os haitianos mas também os brasileiros, o comportamento deles em face dos haitianos que estão vindo para o Brasil, não só pros haitianos mas pra ele também, e conhecer a atitude de cada empresa se estão manipulando ou se estão ajudando, essas coisas fazem parte.

Vocês também deveriam fazer suas partes porque algumas empresas fazem sua parte outras não. As vezes ele não fica no serviço, tá no ministério do trabalho sempre chama a polícia. Mas pra um estrangeiro e um brasileiro é muito diferente, o brasileiro ele tem um lugar onde correr, se ele não come hoje ele vai na casa do pai de uma amigo, ele vai conseguir. Mas um haitiano tem que pagar casa, luz, água e as vezes não recebe, ele vai no ministério do trabalho porque o ministério tá aí pra isso. Se o cara passa um mês, dois meses, três meses sem receber. Eu conheço haitiano que trabalha a um ano não recebeu e não baixou a carteira e aqui ninguém trabalha sem baixar a carteira.

Em todo lugar tem coisas boas e tem coisas ruim, da minha parte eu agradeço muito ao Brasil que recebeu os haitianos de maneira tão aberta assim, o Brasil é o primeiro país que deu documento mais rápido que qualquer outro país que tem recurso, por

que um visto permanente o cara compra terreno compra casa se ele quiser, em outro país demora mais aqui é rápido e conseguir um serviço tranquilo. Mas as vezes tem coisas que chega a acontecer não é o governo mas quem tá dentro, pra mim tá tranquilo ainda.

Tem coisas que você aceita mesmo se não gostar tem que aceitar não porque gosta por exemplo uma comida, uma feijoada você não é acostumado mas é obrigado a aceitar tem barreiras mas tem que superar. Até na cultura, ainda você vai encontra haitiano ah eu não gosto disso e daquilo mas é pouco vai acostumar o ser humano acostuma rápido em qualquer situação.

EMPRESA Z

Entrevista 3 - Sérgio

Pesquisadora: Me fala sobre a sua função dentro da empresa

Sérgio: Fazia reuniões, as vezes tratávamos de comportamento as atividades que tinham para eles, porque eles eram alojados, um alojado a casa da pessoa era dentro da obra as vezes eles só queriam ficar no alojamento, nós dizíamos vocês precisam participar das atividades por exemplo, tinha futebol de salão tinha de campo, tinha basquete jogos sala de tv, dominó. Reclamavam de cansaço. Eles moravam em alojamento separado.A gente precisava conversar pra chamar. Eu tinha papel tudo que a empresa queria resolver com eles, eu fazia essa ponte entre a empresa e eles. Final de 2012 pra 2013 depois de um tempo que ficaram sozinhos a empresa resolveu misturar todo mundo, depois de um ano e meio, no final de 2013, na frente de serviço todo mundo junto, no final de 2013 juntaram foi muito bom, eles gostaram disso, eles reclamavam da comida, a culinária e a forma de fazer as coisas, o brasileiro come muito sal. Uma vez me pediram pra ficar no refeitório só pra ver, a empresa não tinha como atender um grupo determinado num grupo de quase 15 mil pessoas.A cada três horas tinha transporte se queria ir na cidade até meia noite.

Pesquisadora:O que importava pra empresa?

Sérgio:O básico mesmo cumprimentar, pedir, nome do material, falar com o chefe e entender.Não foi o suficiente mas o que precisa pra essa galera deu tudo certo. Toda hora que tem algo complexo a ser resolvido fui chamado. Eu tinha dois papéis acompanhar o processo de perto, tudo que aconteceu, eu estava presente até na polícia federal acompanhar na renovação dos vistos, eu acompanhava todo mundo.

O estrangeiro a melhor forma de falar a língua é a conversa dia-a-dia. O que passamos era a base mas eles tinham que fazer a parte deles com os colaboradores, os encarregados, os líderes.Para a progressão funcional a língua era uma ferramenta muito importante. As pessoas que entraram na obra como ajudantes saíram profissional na carteira, todos conseguiram algo bom na vida, e a língua contribuiu muito, porque o desempenho é importante mas entender o seu serviço quando o chefe passa uma informação o que fazer, ajuda demais.Tem gente que

não sabe falar, mas que produz, na integração na hora de fazer a distribuição não serviço, a situação é essa, vocês precisamde paciência para entender e deu tudo certo.

EMPREZA Z

Entrevista 4 – Carlos

Pesquisadora: Como é o seu nome?
Carlos: Carlos

Pesquisadora: Quando você chegou ao Brasil?
Carlos: Em 2011. Eu não vinha para o Brasil eu acha que ia pra França. Eu gosta muito do Brasil desde os meus 14 anos eu torço pelo Brasil. Eu fiquei muito triste quando o Brasil perdeu pra França em 2005 eu fiquei dois dias de fome, muito triste.

Pesquisadora: Qual o seu time aqui no Brasil?
Carlos: Me desculpa não sei qual é o seu time (risos) mas o meu é o Santos, desde lá do Haiti.

Pesquisadora: Você acompanhava o campeonato brasileiro lá?
Carlos: Sim, eu gosto muito do Brasil eu torço pro Santos.

Pesquisadora: Você morou em outro país antes de vir para o Brasil?
Carlos: Sim, morei na República Dominicana, 11 anos, só fui no Haiti pra vim pra cá.

Pesquisadora: Quando você entrou na empresa?
Carlos: Em fevereiro de 2012.

Pesquisadora: Como foi a contratação?
Carlos: Eu fui pela Igreja São João Bosco, aquele haitiano me ajudou(referia-se ao haitano que intermediou nossa entrevista).

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?
Carlos: Eles foi tudo bom.

Pesquisadora: Você foi direto para o trabalho ou fez algum curso antes?

Carlos: Eu não fiz curso fiz treinamento, um mês de segurança no trabalho, não lembro mais...

Pesquisadora: Você fez curso de português?
Carlos: Sim aula de português com o professor haitiano, ele ajudava quando agente não entendia. Eu tive muita dificuldade com ele, ela, nós, eu não entendia.

Pesquisadora: Você tem parentes no Brasil?
Carlos: Sim a minha esposa aquela ali. (apontou pra esposa que acompanhava a entrevista)

Pesquisadora:E filhos?
Carlos: Tenho dois filhos no Haiti.

Pesquisadora: Qual a idade deles?
Carlos:um menino de dez e um menina de 7.

Pesquisadora: Eles vivem com quem lá?
Carlos: Com a minha irmã.

Pesquisadora: Você vai trazê-los para o Brasil?
Carlos:Não, eles estão estudando lá. Aqui a escola não é igual no Haiti. Lá eles vão aprender a falá francês, inglês e espanhol. Se não aprende até 18 anos, aprende até 21 é só querer.

Pesquisadora:A escola lá é paga?
Carlos:É e é muito caro, agora o dólar muito alto é muito difícil.

Pesquisadora: Quanto custa a escola?
Carlos:100 doláres.

Pesquisadora:É importante pra você que eles aprendam outras línguas?

Carlos:É muito importante porque é problema agora, tô com muito sodade do meu filho (pausa tristeza), pensava tá em lado dele, cada vez você fica pensando não sei como que, é difícil (pausa, respira fundo), ainda não sei o que vou fazer, sei vou deixar continuar escola lá o que vou fazer.
É importante porque você não sabe quando ele crescer onde ele vai cair, se vai pra França, pros Estados Unidos, tem que saber fala.

Pesquisadora:O curso de português foi válido?
Carlos:A empresa fez treinamento de segurança no trabalho e aula de português. È muito importante porque sem TDS você pode sofrer acidente. Você faz alguma atividade olha primeiro o que vai fazer. Tem que entender o que o líder fala. Você não aprende a fala, mas entender, depois tem que aprender no di-a-dia.

Pesquisadora:O que representa a língua?
Carlos:Língua é uma coisa muito importante, é mesmo muito importante, você chega em um país, ,você não sabe conversar, não sabe nim bom dia é dificile. Se você não sabe nim bom dia como eu vou precisar um água vou pedir a você? Você tem que dizer bom dia, por favor, pode me dar um pouquinho de água? Se eu não sei nada disso eu vou tá morrendo de fome, é uma língua muito importante, é obrigação meu quando chegá aqui tem que falar.

Pesquisadora: Implicações Para o trabalho?
Carlos:É muito importante, se você não sabe tem que pegar um coisa como vai ficar. Se o cara me fala o Carlos me dá uma coisa se eu não sei que coisa é essa vai ser muito difícil. Tem que estudar TDS, tem que escrever seu nome.

Pesquisadora: Pra empresa é importante a segurança no Trabalho?
Carlos: Muito importante sem TDS você pode sofrer acidente. Você faz alguma atividade olha primeiro o que vai fazer. Fazem treinamento e reciclagem as aulas são em português, todos que estão lá já falam,

EMPREZA Z

Entrevista 5 – Marcos

Pesquisadora: Como foi quando você chegou aqui?

Marcos: Quando eu chego no Brasil eu não sei nada, só está entrando em fronteira, em Bolívia a língua que fala espanhol eu falava espanhol. Eu fui lá no boliviano comprar dicionário espanhol português, lia uma frase em espanhol e traduzia pro português. Quando cheguei no Brasil eu usava o dicionário e a internet para traduzir a frase. Aprendi traduzindo, eu falava devagar. Meu amigo Sérgio me ajudou muito, ele falava português e é professor como eu.

Pesquisadora: Você fez curso de português?
Marcos: Fiz dois meses de aula de português em Rio Branco.

Pesquisadora: Onde você trabalhou quando você chegou ao Brasil?
Marcos: Quando eu chego aqui eu fui trabalhar na empresa de construção civil, que estava construindo um bairro. Ser encanador.

Pesquisadora: Você fala que línguas?
Marcos: Francês, espanhol.(...) Quem não foi pra escola não sabe falar francês.

Pesquisadora: Você morou em outros países?
Marcos: Morá na República Dominicana e em San Martin.

Pesquisadora: Como se comunicava quando chegou no Brasil?
Marcos: Eu falava devagar, eu mandava ele fala um pouquinho devagá.

Pesquisadora: Você mora aqui com sua família?
Marcos: Com a minha mulher . Tenho três filhos no Haiti.

Pesquisadora: qual a idade deles?
Marcos: Um menino de 17, de 10 e uma menina de 6 anos.

Pesquisadora: eles estão com quem no Haiti?
Marcos:estão com a avó a mãe dela.

Pesquisadora: Pretende trazer eles para o Brasil?
Marcos: Quero. A possibilidade não dá agora, depois sim. A família não tá junto é ruim.

Pesquisadora: Como foi pra você entrar na empresa Z?
Marcos: Antigamente quando na empresa precisava pegar 100 haitianos, não tem chance pra entrar, ano que passa em 2014 a empresa manda vaga no CINE, fui por vaga no CINE né? Mandar todo mundo que consegue entrar pela prova.eu fazê

prova pra entrar, se não aprova não entra, eu fez a prova português, matemática e passou...Depois faz exame psico, o que não dá certo, não entra, tem brasileiro que não entrou porque não passou na prova.

Pesquisadora: É importante saber o português para o trabalho?
Marcos: É importante, melhora porque eu tô no Brasil. Depende da empresa. Tem haitiano que ficou 8 meses sem trabalho.

Apêndice 4

Entrevistas imigrantes haitianos trabalhadores da empresa Y.

EMPRESA Y

Entrevista 1 - César

- A entrevista de Césarfoi, cem por cento, traduzida pelo seu irmão que fala português. César mora com o irmão, que já está no Brasil desde 2012.

Pesquisadora: Trabalha na empresa a quanto tempo?

César: Quatro meses

Pesquisadora: Como foi a contratação?

César: Só ele vai lá levou os documentos dele depois a empresa ligou pra ele.

Pesquisadora: Houve algum treinamento para entrar em campo?

César: Ele foi acompanhado por uma haitiano que já fazia o trabalho, aí depois, ele ficou sozinho.

Pesquisadora: No trabalho você precisa da língua para desenvolver as funções?

César: ele trabalha junto com os brasileiros as veze ele entende um pouco o que eles falam

Pesquisadora: Na equipe tem mais brasileiros ou haitianos?

César: De haitiano só ele mesmo os outros são todos brasileiros

Pesquisadora: Como se relaciona mais com haitianos ou com brasileiros?

César: pode ser brasileiros haitianos ele se relaciona com todos. Quando tá no intervalo os brasileiros só que pra ele gastar o dinheiro dele. Ah vem aqui, pra pagar pra eles.

Pesquisadora:A empresa exige que ele saiba falar?

César:A empresa não exige mais precisa de falar. O fiscal pedi pra ele tem que aprender de falar.

Pesquisadora:A empresa oferece curso de português?

César:lá tem um haitiano que fala português quando a empresa precisa falar alguma coisa passa pra ele e ele fala pros haitianos.

Pesquisadora: Se tivesse em uma empresa que exige a língua não estaria falando português?

César:é uma passagem obrigado se vem de outro país tem que falar.

César:Só fala o crioulo

Pesquisadora: Gostaria de aprender que línguas?

César: Se está no Brasil tem que aprender o português mesmo

Pesquisadora: Pretende migrar novamente ou voltar para o Haiti?

César: O Brasil dá pra ele mais oportunidade, Só ir no Haiti e voltar de novo, ir e voltar

EMPRESA Y

Entrevista 2 - Antônio

Pesquisadora: Você chegou ao Brasil?

Antônio: Tem um ano (2014)

Pesquisadora: Você já morou em outro país?

Antônio:Não sai do Haiti pra qui

Pesquisadora: Quais línguas você fala?

Antônio: Crioulo, francês, um pouquinho inglês um pouquinho português também.

Pesquisadora: Foi difícil aprender português?

Antônio: Eu quero aprender eu quero falar, depois eu tenho muito tempo aqui eu vou falar português. aprende aos poucos. Já fez aula de português. Saiu trabalhar a noite.

Pesquisadora: Quando foi contratado eles exigiram que soubesse falar português?

Antônio: Eu entendi tudo, se fiscal falar eu entendo.

Pesquisadora: Quando foi contratado

Antônio: Quando eu chagar aqui não sabe falar português aqui não tem mais serviço,eu vou lá na marquise, quero fazer pouco tempo na marquise depois eu quero sair. Quando eu sair de lá eu quero voltar lá no Haiti. Porque aqui no Brasil é muito difícil,muito difícil, não quero saber outra cidade só Porto Velho. Quando eu sair da marquise vou no Haiti. Não quero saber mais, só Porto Velho. Porque lá no outro cidade tem muito ladron, tem muito matador também, eu ouvi pela televisão.

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?

Antônio: Todo haitiano é inteligente, quando eu vou lá na empresa eu tenho um mês, dois meses, quatro meses eu não fala nada eu entendia só um pouquinho, pouquinho, agora eu entendi tudo, se fiscal fala eu entendi, se motorista fala eu entendi, entendeu?

Agora (nome da empresa) fazê discriminação sabe? Discriminação trabalha muito, receber pouco dinheiro, tem dia eu vou pra hospital empresa colocar falta, eu tenho declaração (atestado) eu vou lá na empresa com declaração ele coloca falta. Entendeu? (Nome da empresa) fazi nós muito mal, muito mal

Pesquisadora: Quando começou a trabalhar?

Antônio: Tem um haitiano ele fala muito bem português, primeiro dia, primeiro mês, eu vou trabalhar na empresa, aí não sabe falar português se eu tenho problema eu vou lá com ele aí ele vai falar com o fiscal com o chefe. Agora se eu tenho problema eu vou fala com chefe agora.

Pesquisadora: Como é a relação com a empresa?

Antônio:É imilação, sabe imilhação,(tentativa de entender o que o entrevistador diz – humilhação) , isso humilhação.

Tem gente que fala mal com Gali. Semana passada tem um brasileiro que fala comigo meme chamou, ei haitiano vem cá, aí eu vou fala com ele, brasileiro fala:você não fazi nada lá no Haiti, você não aplende nadá lá no Haiti? Eu fala com ele, eu sabe, eu aplender, eu tenho profissão também lá no Haiti. Eu venho aqui, não tem nada pra fazer reu vou na (nome da empresa y), entendeu? vou trabalhar, lá no Haiti eu não sabe jogar lixo eu trabalho numa organização, eu estudo agricultu eu já estudo lá (...)

Pesquisadora: Tem alguém da sua família aqui?

Antônio: Meu família não gosta daqui tem muita gente no Canadá, Estados Unidos, aqui só eu, só eu . Eu quero voltar. Eu pensar aqui é melhor, aqui é igual, quando eu trabalha na Haiti eu receber bem. Aqui no Brasil tem internet pra pagar, comprar ropa, pagar alugá entendeu? Pagar muito as coisas, lá no Haiti não paga nada meu pai tem tudo, minha mãe tem tudo, meu mãe e meu pai me dá tudo, eu tem casa lá no Haiti, eu tem moto lá no Haiti, aqui Brasil só bicicleta entendeu? Aqui lá no Haiti essa aqui (aponta pra um bicicleta) não tem valor se eu deixar essa aqui no meio da rua, amanhã eu vou pegar não tem ninguém pra levar, aqui em Brasil deixar isso aqui um momente, um momente, tem um brasileiro pegar e pra vender pra seu colega (risos dos haitianos que estão ouvindo o depoimento) tem muito ladron aqui.

Pesquisadora: Precisa falar o português ou não pra trabalhar na empresa?

Antônio:Não precisa não só jogar lixo, pra haitiano na empresa não existe, não sei pra outro haitiano, eu vejo isso, depois que paga todo mundo receber vem pra trabalhar não querer sabe nada do haitiano.

EMPRESA Y

Entrevista 3 - Felipe

Felipe vive no Brasil desde 2013, mora com seu primo. Felipe, além do crioulo, fala português e francês.

Pesquisadora: Chegou no Brasil quando?

Felipe:eu chegou em 2013

Pesquisadora: Você já morou em outro país?

Felipe:Não só aqui em Porto Vero

Pesquisadora: Quais as línguas que você fala?

Felipe: Eu fala francês, crioulo, eu entendi um pouco ingrês e pouco espanhol também.

Pesquisadora: Como foi pra aprender o português?

Felipe: Depois chegou aqui Brasil, eu morá com meu primo, que tá aqui em Porto Vero. E depois deixar Porto Velho foi lá pra outra cidade, porque ele aprende mim, fala, falar comigo, como chama isso? Ele me fala? Como chama isso? Ele me fala, como chama isso, ele fala, como chama isso, como chama isso, ele me fala. Depois eu vou lá no, empresa Z, pra trabalhar. Chegou lá no (...) a chefe do (...) tem um haitiano que é pra traduzir, quando eu quero fazer alguma coisa eu falo com o haitiano que sabe falar pra falar com o chefe e o fiscal também. Do dia-a-dia eu fui aprender pra fala também, então, eu nunca fui pra escola, pra aprender português, eu escrever bem português, porque quando eu tô lá no Haiti eu fui pra escola, eu já cabou a minha escola.

Pesquisadora: No secundário lá se aprende a fala espanhol?

Felipe: Aprende. (...) lá no Haiti o gente que tá a aprender o que que quer, se eu quer aprender português, eu vou deixar tudo só português, se eu quer falar o francês vou deixar tudo só pegar o francês, inglês mesma jeito. Você escolhe.

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação, você fez algum treinamento?

Felipe: Primeiro vez quando chegou, o chefe, pega um pessoa, pra aprender, depois ligar um internet, mostrar como faz esse serviço, lá no internet fala, fala, tem um haitiano que tá traduzindo, depois que nós vê se tem um haitiano que sabe bem fazer esse serviço igual com eu, se eu sabe tem um haitiano que é novato ele vai trabalhar comigo. Eu ajudo o novato.

Pesquisadora: Como é a segurança no trabalho?

Felipe:A segurança no trabalho? O que é segurança por favor? (riso sarcástico) Se a empresa tem eu não sabe não. Na empresa não existi não.

Pesquisadora: Como é a relação da empresa com os imigrantes?

Felipe: Pra mim a empresa Y, não é a empresa Y dos brasileiros é a empresa Y do haitiano, porque eu não vejo nenhum brasileiro que tá fazendo esse serviço, tudo só haitiano, não tem gari brasileiro non, só haitiano de dia e da noite, eu só conheço um brasileiro que tá trabalhando da noite.

Pesquisadora: Existem conflitos no trabalho?

Felipe: Tem motorista que não gosta a jeito de você, que não gosto a jeito que você tá trabalhando, ele tá fica ruim com você.

Pesquisadora: Você tem amigos brasileiros?

Felipe: Anque eu, ano passado, eu tinha um amigo na empresa o Fábio(nome fictício), ele fala crioulo também ela aprendeu, mas ele já saiu.

Pesquisadora:A empresa desenvolveu algum tipo de treinamento para o trabalho, algum curso de português?

Felipe: A primeira vez, eu lembro que ele coloca uma pessoa pra aprender nós falar português, então as pessoa que tá trabalhando tá muito cansado, a hora que le vê pra nós chega lá pra aprender, tem vez nós chego atrasado, o professor que tá aprendi nós vê que nós não querer aprender, entendeu nós não querer aprender já acabou. Só pra mimsó dois dias.

Pesquisadora:A empresa ele convidou todos pra fazer o curso de português?

Felipe: Sim

Pesquisadora: Tem parente morando no Brasil?

Felipe: Meu primo. Tem parentes nos Estados Unidos, Paris e no Canadá também.

Pesquisadora: Como é a relação com os brasileiros na empresa?

Felipe:A relação é mais entre haitianos, só um brasileiro. Nenhum brasileiro senta para falar com haitiano

Pesquisadora:É importante pra você falar português?

Felipe: Sim, é importante por que se eu tô aqui no Brasil tem que falar brasileiro, porque se eu tenho uma coisa pra mim fazer, eu não vou falar crioulo, eu não vou falar francês, quem que vai me entendi, pra falar crioulo e francês se o brasileiro não fala francês não fala crioulo. É importante pra mim falar português

Pesquisadora:O que representa a língua pra você?

Felipe: Pra mim é muito muito bom, se eu não fala eu não pode fazer nada não, se eu to ficando sozinho sem falar, se eu tô querendo fazer alguma coisa eu não converso, como que eu vou fazer? Se ele querer aprender uma profissão tem que falar. Se ele quer voltar pra escola no Brasil tem que falar português.

Um amigo meu haitiano ele me ligá, e aí Felipe,eu tô querendo você foi lá no escola pra aprender português, pra nós deixar esse trabalho na empresa Y., que nós tá fudindo, se nós ficar na empresa Y nós tá fudindo, nós não vai fazer nada de mais.

EMPRESA Y

Entrevista 4 - João

A entrevista com João foi bastante reduzida, pois ele se recusou em responder as perguntas em português, mesmo entendendo e falando com dificuldade. Demonstrou bastante insatisfação com seu trabalho e com o Brasil. Se recusou a responder as perguntas, quando respondia era com sim ou não ou poucas palavras. A entrevista teve a contribuição de um tradutor. O tradutor informou que se ele dissesse tudo que pensa, seria bastante ofensivo pra mim, por isso achou melhor não falar.

Pesquisadora: Que ano você chegou?

João: Em 2013

Pesquisadora:Já morou em outro país?

João:Não

Pesquisadora: Fala que línguas?

João: Crioulo

Pesquisadora: Quando foi trabalhar na empresa ela exigiu que você falasse o **João:**português?

Não, só haitiano.

Pesquisadora: Acha importante falar português?

Pesquisadora:É importante

Pesquisadora: Porque você não quer falar português comigo?

Porque ele fala só um pouco

Pesquisadora: Você quer aprender a fala português?

Eu quer, você vai ajudar a mim?

Pesquisadora:já morou em outro país?

Não.

Pesquisadora: Tem família no Brasil?

Dois irmãos, um em Cuiabá e outro em Manaus

Pesquisadora: Pretende ficar quanto tempo aqui?

Ele quer pegar um avião agora e quer ir embora.

EMPRESA Y

Entrevista 5 – Paulo

Pesquisadora: Chegou no Brasil quando?

Paulo: 2012

Pesquisadora: Você já morou em outro país?

Paulo:NãoSó no Haiti

Pesquisadora: Quais as línguas que você fala?

Paulo: Crioulo e português

Pesquisadora: Como foi o processo de contratação?

Paulo: Meu primo leva os documentos na empresa e eles me chama

Pesquisadora:A empresa desenvolveu algum tipo de treinamento para o trabalho, algum curso de português?

Paulo: Eu quando eu chega pra trabalho na empresa, um haitiano me ensina o trabalho, ele diz tudo, tudinho como eu tinha que fazê, aí tinha um haitiano que falava o português que fala na empresa quando nós não entendia. Eu por exemp-lo, não falava nada, nadinha mesmo. A empresa pega haitiano assim mesmo.

Pesquisadora: Como é a relação da empresa com os imigrantes?

Paulo: Tem o fiscal né, ele que diz.

Pesquisadora: Existem conflitos no trabalho?

Pesquisadora: Você tem amigos brasileiros?

Paulo: Agora eu tenho muitos amigos brasileiros na igreja. Eu falo com eles.

Pesquisadora:A empresa desenvolveu algum tipo de treinamento para o trabalho, algum curso de português?

Paulo: Tinha um professor, mas os haitiano não queria o curso, porque era depois do trabalho, os caras tava cansado.

Pesquisadora: Tem parente morando no Brasil?

Paulo: Meu irmão em Manaus e meu primo aqui em Porto Velho.

Pesquisadora: Como é a relação com os brasileiros na empresa?

Paulo:Lá na empresa tem muito haitano, a relação com brasileiro é boa.

Pesquisadora:É importante pra você falar português?

Paulo:É importante porque se você chega no país tem que fala a língua. Uma vez um brasileiro me chamou e disse: ei haitiano o que você tá fazendo aqui, seu país não tem o que fazê não? Lá vocês tão morrendo de fome? Eu disse pra ele: você não tem ninguém que mora em outro lugar, outro país? Ele respondeu: tenho. Então? Ele tá morrendo de fome? Depois eu tava andando na rua ele parou o carro e me chamou: haitiano! Haitiano! Me desculpa. De quê? Eu fui ruim com você. Eu nem lembro, eu disse.

Pesquisadora:O que representa a língua pra você?

Paulo: Se você fala inglês, inglês é uma língua que você fala em qualquer país, aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, tem que falá inglês, pra você trabalhar, tem um haitano que mora lá, ele me disse que tem que ter inglês pra mora lá, é melhor.